



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

RUI MIGUEL DOS SANTOS PEREIRA

A vida em Cristo a partir de Gl 2, 19b-20a

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor José Carlos Carvalho

Porto

2013

Introdução

Cristo vive no homem, é esta a certeza que se torna ponto de origem para o começo desta tese. Após uma leitura da carta aos Gálatas, em Gl 2, 19b-20a S. Paulo fala de uma nova vida que lhe vem do Senhor, esta é uma meta para cada cristão, deixar Cristo viver nele e viver a sua vida Nele.

Na perícopie em causa deparamo-nos com a questão da Lei e é a partir desta que perceberemos qual a compreensão paulina deste vocábulo e ainda qual a sua relação com a fé. A Lei tornou-se fim em si mesmo, tirando espaço a essa vida nova que vem do Senhor, não é só a Lei, no nosso século são várias as propostas que procuram dar resposta a um vazio que há no ser humano, estas também pretendem ser fim em si memo. Muitas são as questões que o homem levanta, contudo muitas das vezes não quer admitir a questão do Transcendente, ainda que neles existam sinais que o levam até à Verdade, Jesus Cristo. Outros são aqueles que se dizem cristãos mas que professam uma “fé” pessoal que se encontra bastante distante da fé da Igreja, uma fé muitas vezes à margem da Lei levada à perfeição por Cristo. Desta realidade partiremos para a perícopie Gl 2, 15-21, onde procuraremos descobrir traços desta *vida em Cristo*.

Este estudo começará por uma análise exegética, teremos em conta os destinatários, a composição e a teologia. Pretenderemos conhecer quais são os destinatários, esta parte permitirá uma compreensão de quem são os Gálatas e em que consiste a sua cultura, será um instrumento importante para a análise da perícopie. Em seguida quanto à composição e teologia faremos uma análise das várias teses quanto à sua origem, do seu estilo, género, entre outros aspectos que permitirão uma melhor leitura do objecto de estudo. Num outro ponto falaremos da sua estrutura, apresentaremos o texto na sua língua original e faremos uma breve análise de alguns vocábulos. Depois de todo este trabalho inicial segue-se um breve comentário a Gl 2, 15-21. Terminaremos este primeiro capítulo com uma leitura comparativa da carta aos Gálatas com a carta aos Romanos e com a carta aos Filipenses.

Num segundo capítulo desenvolveremos algumas das questões que são possíveis levantar de Gl 2,19b-20a. Inicialmente falaremos da Lei do Antigo Testamento e da Lei levada à perfeição por Cristo, para mais à frente abordarmos a primazia que existe da fé sobre a Lei. Nunca esquecendo ao longo deste trabalho a *vida em Cristo*, procuraremos dar-lhe algum relevo num dos pontos desta tese, onde referir-nos-emos a *Cristo como fonte e meta do homem*, este é um dos contributos mais importantes do apóstolo dos gentios. Teremos também em conta outros pontos importantes da reflexão de Paulo, entre os quais alguns que

fazem parte da sua missão e que estão presentes na sua teologia. Para terminar este trabalho falaremos de um desafio ecumênico, quanto à problemática da justificação e de um desafio pastoral, quanto à Lei e à fé no nosso século.

“Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.” (Gl 2, 19b-20a) é mais que um simples versículo, é uma regra de vida para qualquer baptizado. Este tem bastantes implicações, muitas das quais descobriremos ao longo deste trabalho, que procurará ser uma breve reflexão sobre esta profissão feita por Paulo aos gálatas mas também a todos os homens de todos os tempos. Ter uma *vida em Cristo, por Cristo, com Cristo e para Cristo* é uma missão árdua que só poderá ser levada a cabo pela fé Nele e que terá as suas concretizações na vida de cada dia.

Capítulo I

Neste primeiro capítulo procuraremos fazer uma análise da perícopes Gl 2, 15-21, começaremos por uma análise exegética, onde teremos em conta os destinatários, a composição e a teologia. Mais à frente passaremos à identificação do texto e falaremos da sua estrutura, ainda dentro deste estudo faremos uma análise desta perícopes. Na terceira parte deste capítulo procederemos a um breve comentário destes versículos. Este capítulo terminará com uma leitura comparativa entre esta carta, a carta aos Romanos e a carta aos Filipenses.

1. Análise exegética de Gl 2, 15- 21

Este ponto que se segue está dividido em duas partes, o primeiro sobre os destinatários e o segundo sobre a composição e teologia desta carta. Na primeira divisão será feito um estudo das duas teses defendidas sobre os destinatários, verificar-se-á os argumentos a favor e contra acerca dos gálatas do norte e dos gálatas do sul. Na outra parte procurar-se-á situar cronologicamente a carta, será feita uma breve análise do seu todo tendo em conta os adversários juntamente com o problema da circuncisão e terminará com uma análise do estilo paulino.

1.1 Destinatários da carta

As cartas de Paulo são bastante importantes não só pelos seus ensinamentos mas também porque nos relatam os problemas de várias comunidades nos inícios da Igreja, Paulo procurava responder a várias situações que tinham acontecido no seio destas.

Encontramo-nos no século I, S. Paulo terá sido contemporâneo de Jesus Cristo, contudo não O terá conhecido pessoalmente, não existem quaisquer referências a um encontro pessoal com Cristo.

Paulo foi um excelente comunicador, tanto era directo e objectivo como muitas vezes, devido aos destinatários, usava expressões que não fossem problemáticas. Este apóstolo e aquilo que escreve “proporcionam-nos uma imagem viva da sua actividade e das suas lutas, dos seus êxitos e dos seus fracassos, das suas experiências e das suas ideias, e conservam-nos ao mesmo tempo uma visão singular da história do cristianismo primitivo”¹.

São várias as cartas que são atribuídas a Paulo, estas procuram que o Evangelho de Jesus Cristo seja vivido em cada realidade, não se desvaloriza a cultura nem aquilo que é próprio de cada comunidade, conclui-se que estas “não constituem uma autobiografia, mas que são

¹ GÜNTHER BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, 14

escritos compostos pela razão da missão que lhe foi confiada: diante dela a sua própria pessoa desaparece”².

A carta aos Gálatas é uma das cartas mais comentadas, são vários os temas que se destacam no estudo que tem vindo a ser feito, neste tem-se dado maior relevo ao incidente de Antioquia, ao “evangelho Paulino”, à evangelização dos pagãos, entre outros.

Este escrito é “dentro do epistolário Paulino, “ o documento fundamental para conhecer o pensamento genuíno de Paulo” e o mais revelador para aceder à sua biografia”³. Conhecido das reflexões desta carta são as questões que ainda levantam algumas dificuldades, “ o problema dos seus destinatários como o da sua situação na cronologia da vida do apóstolo e na sequência das paulinas; ainda a este respeito é maioritária a opinião que a situa antes de Rom e depois de 1 Tes, que seria a primeira.”⁴

Desde os primeiros séculos que as várias foram usadas na Igreja, inicialmente pertenciam às comunidades a quem Paulo se dirigiu e posteriormente foram fazendo parte da liturgia de toda a Igreja.

Por isso desde a patrística encontramos vários comentários, S. Agostinho usou algumas citações nos seus escritos, são exemplo disso, a citação de Gl 4, 11⁵ numa carta a Januário e de Gl 6, 1-10⁶ no sermão 163. É com Lutero que algumas perícopes desta mesma carta vão ser bastante trabalhadas, tanto por católicos como por protestantes. Acerca dos seus destinatários sabemos pela introdução que se dirige às “igrejas da Galácia” (Gl 1,2), aos “Gálatas” (Gl 3,1). Nos Actos dos Apóstolos encontramos duas referências a esta comunidade, na primeira viagem paulina, “Paulo e Silas atravessaram a Frígia e o território da Galácia, pois o Espírito Santo impediu-os de anunciar a Palavra na Ásia.” (Act 16,6). A outra referência é à terceira viagem, “Depois de aí ter passado algum tempo, voltou a partir e percorreu sucessivamente a Galácia e a Frígia, fortalecendo todos os discípulos.” (Act 18,23).

Já no Antigo Testamento encontramos referências aos gálatas, esta perícope fala de Judas Macabeu que recorda a vitória dos judeus na Babilónia, onde este povo juntamente com os macedónios venceu os gálatas, em 2 Mac 8, 20:

“e, também, a batalha contra os gálatas, na Babilónia, na qual oito mil judeus tiveram que lutar ao lado de quatro mil macedónios. Como estes se encontrassem em situação difícil, os oito mil judeus mataram cento e vinte mil inimigos, mediante o auxílio que lhes foi dado do Céu, e alcançaram grandes bens.”

² GÜNTHER BORNKAMM, *Pablo de Tarso*, 14

³ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquia*, 27

⁴ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquia*, 28

⁵ AGUSTÍN, Sermon 163 B

⁶ AGUSTÍN, Carta 55

Paulo chegou à Galácia devido a uma “doença corporal” (Gl 4,13), em Gl 4, 12-20, este fala-nos da sua primeira presença na comunidade, da sua ligação aos Gálatas, estes a quem Paulo “gerou” para a fé cristã, por isso refere as “dores de parto” (Gl 4,19), porque com todos os problemas da comunidade ainda existe um longo caminho até à maturidade espiritual.

Sobre os Gálatas sabemos através dos estudos mais recentes que são uma comunidade com várias proveniências étnicas, “celtas, gregos, romanos e frígios”⁷. Segundo alguns autores estas tribos celtas que vieram de um território hoje conhecido como Ásia, por volta do século VI a. C. invadiram algumas regiões da Europa, Itália, Gália e Espanha. Cerca do século II este povo, conhecido por “*gallograeci* ou «galos gregos»”⁸ chegou a estas comunidades que Paulo evangelizou, a sua capital era Ancira.

No século II a. C. o império romano conquistou aquela zona, contudo apesar da derrota, estas tribos continuaram a gozar de uma certa liberdade. Este povo devido à sua constituição física foi chamado para lutar pelo império romano.

Segundo a Biblioteca histórica citada por Jerome Murphy-O’Connor, “Os gauleses são altos, musculosos e de pele branca. Têm cabelos loiros, não só naturais, como também usam de meios artificiais para aumentar a cor característica que a natureza lhes deu...”⁹. Este serviço ao império garantia a este povo um aumento do seu reino. O último rei gálata foi “Amintas, morreu no ano 25 a. C., legando a Roma os seus Estados. Desde então, Galácia foi uma província romana.”¹⁰

Acerca da compreensão que se tinha da Galácia na altura de Paulo, encontramos duas perspectivas, “Galácia propriamente dita (o reino primitivo, ao norte), cujos habitantes são efectivamente de raça gálata; por outra, os territórios meridionais (Pisidia, Panfilia, Licaonia), unidos aos primeiros por vínculos meramente administrativos.”¹¹.

Para justificar esta possibilidade da Galácia do Sul, alguns autores referem que existe uma relação entre o que é narrado em algumas partes nos Actos dos Apóstolos e o que é narrado em Gl 1-2. A segunda subida a Jerusalém relatada em Act 11,30 e 12,25 onde se fala da colecta estará relacionada com Gl 2, 1-10 e o incidente de Antioquia referido no capítulo 15 dos Actos dos Apóstolos estará relacionado com Gl 2, 11-14. Quando Paulo se refere a este povo como “gálatas” (Gl 3,1) segundo o que estava definido pelo império romano os pertencentes à Pisídia pertenciam ao território da Galácia, a questão é se estes habitantes eram também conhecidos por gálatas.

⁷ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Paulo, Biografia Crítica*, 195

⁸ FRANCISCO RAMÍREZ FUEYO, *Gálatas y Filipenses*, 11

⁹ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Paulo, Biografia Crítica*, 198

¹⁰ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 115 e 116

¹¹ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 116

Acerca dos gálatas do sul, há vários autores que defendem que Paulo se dirigiu à comunidade que evangelizou na sua primeira missão. Segundo os autores P. Dornier e M. Carrez “Pode chamar-lhes gálatas porque os habitantes de Pisidia (Antioquia), de Panfilia e Licaionia (Iconio, Lистра, Derbe) nesse momento estão agregados à província romana de Galácia.”¹².

Os gálatas do norte, esta tese foi defendida até ao século XIX, estes autores ao falarem desta leitura da Galácia referem que “no século I, da província romana de Galácia, as inscrições dessa época distinguem sempre – com uma só exceção – entre Galácia propriamente dita e os territórios anexados”¹³. Menciona-se ainda que se não fossem gálatas, Paulo não os trataria assim, como em Gl 3,1. Outra tese diz que Paulo também não chama “macedónios” aos filipenses e aos tessalonicenses, que pertenciam à província da Macedónia.

Confrontando o uso que foi feito dos Actos dos Apóstolos para justificar a primeira visão, acerca da Galácia do Sul, nesta perspectiva “é mais natural ver uma alusão às estadias que Paulo fez na Galácia propriamente dita, uma durante a segunda missão (Act 16,6) e outra durante a terceira (Act 18,24)”¹⁴. Nestas passagens, segundo a obra, distingue-se Galácia e Frigia.

Acerca da relação entre Actos 11, 27-30 e Gl 2, 1-10, os defensores da tese da Galácia do norte dizem que não existe nenhuma, que em “Gl 2, 1-10 evoca-se a assembleia de Jerusalém do ano 49: são os mesmos protagonistas, o mesmo problema de fundo (circuncisão), as mesmas conclusões”¹⁵.

Uma outra questão vai de encontro ao incidente de Antioquia, refere-se que não há razões para afirmar que este tenha ocorrido antes do “concílio” de Jerusalém, “esta assembleia pronunciou-se sobre o problema da circuncisão e não sobre as comidas entre cristãos de diferentes origens”¹⁶. Este incidente pode ter acontecido antes ou depois desta reunião em Jerusalém.

Ao procurar compreender um pouco melhor este povo percebemos que apesar dos seus costumes a cultura do território que ocuparam influenciou-os, também a religião marcada pelo politeísmo chegou ao seu meio. Para Jerome Murphy-O’Connor este povo adoptou “a religião frígia”¹⁷ este citando Lívio refere ainda que esta era uma “raça heterogénea”¹⁸. Sabemos que este povo através deste culto aos deuses, via aí duas oportunidades, de “aplar os deuses

¹²AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 117

¹³ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 117

¹⁴ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 118

¹⁵ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 118

¹⁶ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 118

¹⁷ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Paulo, Biografía Crítica*, 198

¹⁸ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Paulo, Biografía Crítica*, 198

locais, como também a nobreza celta ganhou acesso ao poder nativo por meio da participação no sacerdócio imensamente influente de Pessinunte”¹⁹.

Ao celta, língua original deste povo, juntou-se o grego, pois naquele período o grego era necessário na relação com outros povos, isto não significa que os gálatas tenham sido helenizados, Jerome Murphy-O’Connor citando Ramsy justifica esta não-helenização, “ Por volta de 50 d.C., a Galácia era essencialmente não-helénica. As ideias romanas (em especial aquelas sobre administração) eram ali sobrepostas directamente a um sistema gálata, que não passara por nenhuma etapa intermédia de transformação para o tipo helénico”²⁰.

As comunidades paulinas, entres as quais esta comunidade gálata, são como que o depósito dos ensinamentos deixados por S. Paulo, porque além das cartas que este apóstolo lhes escreveu existe toda uma vivência resultante do momento em que Paulo as visitou. Era esperado que estas comunidades permanecessem até à última vinda de Cristo, contudo “desapareceram durante a primeira metade do século II, apenas cem anos depois de ser fundadas.”²¹.

1.2 Composição e teologia

Passaremos em seguida a uma análise da sua composição, esta carta encontra-se entre as proto-paulinas e é possivelmente uma carta escrita durante o período de cativoiro. Em relação à última perspectiva esta opção não é unânime, referem-se a esta carta como escrita “também em Éfeso (57 d. C.) vai dirigida à comunidade gálata, fundada durante a sua segunda viagem”²².

A exegese aqui construiu duas interpretações, acerca desta última afirma-se que a carta poderá ter sido escrita na segunda ida de Paulo a Jerusalém, antes da terceira viagem descrita por Lucas em Act 18,23- 21,26 e antes do “concílio” de Jerusalém. Justifica-se esta tese defendendo que Paulo não apresentou em Gl 2, 11-15 as conclusões a que chegou porque ainda não tinha acontecido esta reunião, nesta altura segundo esta tese Pedro teria “uma atitude flutuante”²³.

Ainda segundo esta perspectiva “ a carta parece aludir a duas estadias de Paulo na Galácia (Gl 4,13), o relato dos Actos oferece a possibilidade de situá-las durante a primeira missão: ao

¹⁹ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Paulo, Biografia Crítica*, 198

²⁰ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Paulo, Biografia Crítica*, 198 e 199

²¹ SÉNEN VIDAL, *Las cartas originales de Pablo*, 73

²² ANTONIO SALAS, *Pablo de Tarso*, 39

²³ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 117

ir (Act 13,14s) e ao voltar (Act 14,21) »²⁴. A partir desta diz-se que esta carta sendo anterior à deslocação a Jerusalém será a mais antiga de Paulo, escrita por volta do ano 48.

Os adversários que encontramos na carta aos Gálatas são judaizantes. Sabemos que após a ascensão a Igreja mantinha alguma ligação com o judaísmo, os cristãos respeitavam o sábado, iam rezar ao templo, os que tinham nascido no judaísmo eram circuncidados, porque o próprio Jesus não veio acabar com a lei mas clarificou-a.

Todas estas atitudes levavam a pensar-se numa continuidade com tudo o que vinha do Antigo Testamento, isto criou sérios problemas no anúncio do evangelho aos pagãos, particularmente a questão da circuncisão. Esta foi considerada importante porque era um sinal que garantia a continuidade com o povo de Israel, para outros a partir de Jesus Cristo não faz sentido, diziam que o dar continuidade a este aspecto era desconhecer o que Cristo tinha anunciado, o seu anúncio da salvação. Daqui surgem três perspectivas²⁵:

1- *Os judaizantes propriamente ditos* – estes afirmavam que sem a circuncisão o homem não pode salvar-se, seja qual for a origem do homem. São os mais radicais nesta questão.

2- *Os judaizantes mitigados* – estes são todos os cristãos convertidos vindo do judaísmo, respeitam a lei de Moisés, para este grupo a circuncisão deve ser realizada aos que vem do judaísmo, contudo não tem que ser imposta aos pagãos.

3- *Os liberais* – São os que seguiam a visão paulina, para estes não existe qualquer relação entre circuncisão e salvação e uma vez que em Cristo não há distinção de pessoas (Gl 3,28), esta faz parte do passado.

Na carta aos Gálatas encontramos várias referências aos adversários de Paulo, começa por referir que são “uns intrusos, falsos irmãos, que furtivamente se intrometeram a espiar a nossa liberdade, aquela que temos em Cristo, a fim de nos reduzirem à escravidão” (Gl 2,4), em relação a esses o apóstolo diz que não cederam a estas pessoas para que a “verdade do evangelho” (Gl 2,5) não se perdesse e chegasse a este povo.

Paulo questiona os gálatas sobre quem os iludiu, quem os afastou da verdade, “Oh Gálatas insensatos! Quem vos enfeitiçou a vós, a cujos olhos foi exposto Jesus Cristo crucificado?” (Gl 3,1), mais à frente “Corríeis bem. Quem foi que vos deteve, impedindo-vos de obedecer à verdade?” (Gl 5,7). Vemos os adversários como aqueles que querem definir como obrigatória a circuncisão para os pagãos, “ assim, pois, o apóstolo vê-se frente a uma contra missão judaizante cujas teses privam ao evangelho do seu conteúdo especial («outro evangelho»:1,7) reduzindo a nada a cruz de Cristo (2,21; 3,1; 3,13; 5,11; 6, 12-14)”²⁶.

²⁴ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 117

²⁵ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 121

²⁶ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 121

Os adversários de Paulo procuravam tirar-lhe a credibilidade que tinha, para isso expressavam alguns argumentos que questionavam a sua autoridade, entres os quais o não fazer parte do grupo que seguiu Jesus, não ter feito o mesmo caminho que os outros apóstolos e que não sendo apóstolo também não lhe tinha sido concedida por eles nenhuma missão.

Neste período perturbado por alguns adversários de Paulo, questionou-se se o evangelho que Paulo anunciava era de Cristo ou se era seu. Paulo responde a esta questão através das seguintes palavras, “Com efeito, faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado, não o conheci à maneira humana; pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo” (Gl 1, 11-12).

Quando o apóstolo se refere aos adversários, trata-os por “gente” (cf. Gl 1,7), fala destes como quem procura “enfeitiçar” (cf. Gl 3,1) este povo. Aqueles que chegam à comunidade questionando o evangelho que Paulo anuncia procuram dois aspectos, a separação da comunidade em relação a Paulo e que esta comunidade se interesse por eles (cf. Gl 4,17). O autor desta carta fala destes homens como um obstáculo no caminho da comunidade, “Quem foi que vos deteve, impedindo-vos de obedecer à verdade?” (Gl 5, 7b).

Estes temas remetem-nos para um outro assunto que é o da autoria deste escrito, através deste conhecemos um pouco mais de Paulo, das suas características:

“ « O estilo e o pensamento são tão paulinos que a autenticidade desta carta, raramente posta em dúvida, é hoje incontestável. Toda a personalidade de Paulo está nela, com o seu afecto aos seus filhos, a sua entrega total à sua missão, a sua energia para vencer as resistências opostas pelo mundo à verdade do evangelho»²⁷.

São vários os aspectos que caracterizam o estilo de Paulo, expressões que dão a entender as suas perspectivas como Gl 5, 12, o uso de interpelações para questionar certas atitudes da comunidade (Gl 3, 1-5; 5, 2-11); recorre a aspectos que marcaram e continuam a marcar a vida da comunidade, como quando recorda a sua chegada à comunidade devido à sua doença (cf. Gl 4, 8-20). A nível gramatical usa “relatos autobiográficos (1,13-2,14; 4, 13-20), argumentos escriturísticos (3, 6-13; 4, 27-30), bênçãos e doxologias (6,16), parénesis (5, 19-21), catálogos de vícios (5, 19-21) e de virtudes (5,22) ”²⁸.

Paulo na carta quando se refere aos Gálatas trata-os várias vezes pela segunda pessoa do plural, “Como anteriormente dissemos, digo agora mais uma vez: se alguém vos anunciar como Evangelho o contrário daquilo que recebestes, seja anátema.” (Gl 1,9). Em outras circunstâncias trata-os por “irmãos” (cf. Gl 1,11) e ainda em alguns momentos é mais duro, um exemplo é o momento em que lhes chama “insensatos” (cf. Gl 3,1).

²⁷ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 122

²⁸ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 121

Continuando a analisar a carta, é possível olhar o seu todo através de um género retórico, nos estudos realizados os dados foram suficientes para avaliações diferentes. No quadro²⁹ que se segue serão apresentadas as várias perspectivas:

Género retórico	Judiciário	Deliberativo	Épidíctico
Autores (Ano)	Betz (1979)	Kennedy (1984)	Pitta (1992)

Partindo deste quadro procuraremos compreender em que consiste cada género. Antonio Pitta na sua reflexão escreve sobre os três e refere que através da retórica greco-romana, podemos falar de três géneros importantes, “o forense ou judiciário, o deliberativo ou político e o epidíctico ou demonstrativo”³⁰.

O primeiro que é apresentado é o judiciário, este situa-se no campo forense, mais usado nos tribunais, segundo Antonio Pitta, “o género forense mostra-se atento sobretudo ao passado, enquanto se deve julgar sobre aquilo que outrora passou”³¹. Este é usado durante os julgamentos, neste está presente “tanto a acusação como a defesa, pois é necessário que os que pleiteiam façam uma destas coisas”³².

Sabemos que na deliberação estão “tanto o conselho como a dissuasão; pois tanto os que aconselham em particular como os que falam em público fazem sempre uma destas duas coisas”³³, este género político era normalmente usado no Senado.

Por fim o último é o género epidíctico, aquele que nos parece mais adequado, “temos tanto o elogio como a censura”³⁴, Paulo usa este género, ele tanto elogia o caminho feito como censura esta perda de sentido por parte da comunidade. Segundo Aristóteles:

“Os tempos de cada um destes são: para o que delibera, o futuro, pois aconselha sobre eventos futuros, quer persuadindo, quer dissuadindo; para o que julga, o passado, pois é sempre sobre actos acontecidos que um acusa e o outro defende; para o género epidíctico o tempo principal é o presente, visto que todos louvam ou censuram eventos actuais, embora também muitas vezes argumentem evocando o passado e conjecturando sobre o futuro”³⁵.

Paulo quando se dirige à comunidade não age a partir de uma posição judicial ou política, quando se dirige à comunidade nesta carta, aparece “a tese principal dos Gálatas num claro contexto epidíctico e não forense nem deliberativo”³⁶. Tendo em conta o que já foi dito esta posição de Pitta procura sublinhar que Paulo procurou clarificar o povo, como um “pai”

²⁹ RUDOLF PESCH, *La Primauté dans l'Église*, 181

³⁰ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 43

³¹ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 43

³² ARISTÓTELES, *Retórica*, 56

³³ ARISTÓTELES, *Retórica*, 56

³⁴ ARISTÓTELES, *Retórica*, 56

³⁵ ARISTÓTELES, *Retórica*, 56

³⁶ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 45

procurou apontar o caminho aos “seus filhos”, o que estão a fazer bem e o que estão a fazer mal tendo em conta a sua realidade presente.

2. Identificação e estrutura do texto

Este capítulo está dividido em três partes. No primeiro ponto serão apresentadas possíveis divisões da carta, ainda neste será apresentada a estrutura elaborada por Antonio Pitta e serão apresentados os critérios que lhe dão primazia sobre as outras. Depois será apresentado o texto na língua original, segundo a estrutura elaborada pelo autor referido. Num outro ponto, a partir deste texto serão analisados os versículos, considerando as palavras mais importantes e procurando analisá-las gramaticalmente.

2.1 Estrutura

A perícopes em estudo no capítulo 2 é delimitada no v. 15 e no v.21, devido a razões gramaticais, retóricas, literárias podemos afirmar que existe uma mudança de espaço e de tempo.

Gl 2, 15-21 considera-se que começa no v.15 porque do v. 14 para o v.15 temos uma mudança de pessoa, no primeiro Paulo refere “vi” e no seguinte “nós”. Nesta transição ainda encontramos no v.14 uma pergunta dirigida a Pedro e no seguinte não encontramos nem uma resposta nem uma conclusão do que se passou após aquela questão, há um corte.

Termina no v.21 porque deste para o capítulo terceiro, também muda de pessoa, Paulo no versículo 21 fala na primeira do singular “rejeito” e no capítulo terceiro começa com a segunda do plural. Para além disso o capítulo terceiro começa com uma exclamação, uma intervenção directa de Paulo, a propósito da atitude desta comunidade que este desaprova.

Antonio Pitta escreve que “reconhece-se a conclusão do incidente de Antioquia no v.14, a mimesis é recolhida nos vv. 15-21; o interpelante “Oh insensatos Gálatas” de 3,1 determina uma nova volta de argumentação Paulina”³⁷.

Esta perícopes encontra-se no segundo capítulo, neste dá-se continuidade ao primeiro continuando a falar-se do Evangelho. Paulo nesta carta começa por uma pequena introdução, onde afirma-se como apóstolo de Cristo e onde escreve algumas verdades de fé. Em seguida censura a atitude deste povo e adverte-os que várias das teorias que circulam na comunidade são falsas, apenas a Palavra que este apóstolo anuncia é a Verdade. Após esta mensagem Paulo faz uma breve exposição dos principais acontecimentos da sua vida.

³⁷ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 138

Chegamos ao capítulo II onde se situa esta parte da carta em estudo, podemos dividi-lo em duas partes: a primeira 2, 1-14 e a segunda 2, 15-21. Na primeira parte é nos relatado o encontro entre Paulo e Pedro, onde se assume uma divisão na evangelização, o primeiro evangelizará os incircuncisos e o segundo os circuncisos. Entre Jerusalém e Antioquia surgiu um problema relativo à circuncisão, pois na primeira comunidade esta era normal, nela encontravam-se grande parte dos judeus convertidos, todavia na segunda, grande parte dos que aderiam ao cristianismo eram pagãos, não circuncisos, o que levantava sérias questões na lei da Igreja. Deste capítulo percebemos que não houve uma lei que determinasse a necessidade dos pagãos se circuncidarem, apenas sabemos que os representantes da Igreja de Jerusalém não impuseram nada (cf. Gl. 2,6).

O ponto que vem a seguir, ainda na primeira parte, também está relacionado com a circuncisão, relata o conflito que ocorreu em Antioquia. Pedro terá comido à mesa com os gentios, o que não era bem visto pelos judeus, contudo com a chegada de algumas pessoas que defendiam a circuncisão e que estavam ligados a Tiago, Pedro afastou-se por medo, isto segundo Paulo em Gl 2, 12. É neste contexto que surge uma interrogação paulina a Pedro, importante para a compreensão da parte em estudo, em Gl 2, 14: “Se tu, sendo judeu, vives segundo os costumes gentios e não judaicos, como te atreves a forçar os gentios a viver como judeus?”. É a partir daqui que Paulo partirá para a segunda parte deste capítulo, onde defenderá a tese que o homem não é justificado pelas obras da Lei mas pela fé em Jesus Cristo.

Depois da perícopre Gl 2, 15-21 Paulo falará da filiação que vem através do Evangelho, fala da fé recorrendo a Abraão e da Lei partindo de Moisés. Com Cristo tornamo-nos filhos de Deus pela fé. Do terceiro ao sexto capítulos Paulo mencionará bastantes vezes a presença e a importância do Espírito na vida da Igreja. Por fim o último grande tema é a Liberdade, este apóstolo começa por dar a conhecer que a liberdade está no cumprimento da promessa e ainda que esta vive-se no amor. S. Paulo antes da conclusão refere-se à caridade, o convite a um caminho em conjunto, a amar a todos. Termina afirmando que a sua glória está na cruz de Cristo e em nada mais.

Quanto à estrutura, são várias as teses elaboradas, quanto ao *exordium*, à *narratio*, à *propositio*, à *confirmatio* e a *peroratio*, alguns autores ainda acrescentam um *Post-scriptum* ou uma *amplificatio*.

Comecemos por esta escolha de Gl 2, 15-21, como veremos no quadro que se segue, esta perícopre foi escolhida na perspectiva de Betz como proposição da carta, vista como a tese. O tema que ocupa toda a carta assume aqui o seu principal sentido, Paulo desenvolve bastante

bem a importância da fé em Jesus Cristo, a sua configuração com Ele, mais do que qualquer lei.

Outros dão maior importância ao início da carta como Hall, que situa esta perícopa na confirmação do que antes foi escrito, este autor não considera a narração nesta carta e situa o primeiro capítulo no *exordium*, na *propositio* e ainda como uma parte da *confirmatio*. Com esta perspectiva esta perícopa deixa de ocupar um lugar central.

Por fim ainda neste quadro temos a posição de Smith que situa esta perícopa juntamente com uma parte que consiste no fim do primeiro capítulo e no princípio do segundo. Este autor situa esta perícopa na *narratio*.

Graças a estes contributos, podemos ver que Betz defende esta divisão e que Smith defende um corte a partir do v.21. O quadro³⁸ que se segue apresenta estas diferentes perspectivas:

Estrutura	Exordium	Narratio	Propositio	Confirmatio	Peroratio
Betz (1979)	1, 6-11	1, 12-2, 14	2,15-21	3, 1-4, 31	4, 1 – 6, 10 (Post-scriptum 6,11-18)
Hall (1987)	1, 1-5		1, 6-9	1, 10- 6, 10	6,11-18
Smith (1989)	1, 6-12	1,13-2, 21		3,1-4, 11	4, 12-5, 12 (Amplificatio 6,11-18)

Uma outra estrutura, que permite confrontar com uma outra opção é a elaborada para a Bíblia Sagrada³⁹, esta situa a parte em estudo, no segundo ponto que dedica à origem divina do evangelho. Segundo esta visão da carta, defende-se que a seguir a uma introdução elaborada pelo apóstolo segue-se toda uma parte sobre este tema, já referido.

³⁸ RUDOLF PESCH, *La Primauté dans l'Église*, 183

³⁹Cf. *Bíblia Sagrada*, p.1905:

- 1.Gl 1, 1-10: introdução
- 2.Gl 1, 11- 2,21: Origem divina do Evangelho
- 3.Gl 3, 1-4, 7: O Evangelho faz-nos filhos de Deus
- 4.Gl 4, 8-5, 12: O Evangelho faz-nos livres
- 5.Gl 5, 13-6, 10: Vida cristã, caminho de liberdade
- 6.Gl 6, 11-18: conclusão

A estrutura que mais nos interessa para esta carta é a elaborada por Antonio Pitta, considera-se a mais adequada para uma leitura correcta da carta. Estamos diante de uma estrutura bastante complexa, na qual há oito partes, o “praescriptum”, o “exordium”, a “tese geral”, as quatro demonstrações e o “postscriptum”. Cada demonstração tem normalmente uma “Apóstrofe”, uma “Protressi” e uma “Peroração” ou uma “Tese específica”. Este autor defende que a “tese geral” da carta está em “Com efeito, faço-vos saber, que o Evangelho por mim anunciado, não o conheci à maneira humana; pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo.” (Gl 1, 11-12).

Gl 2, 15-21 encontramos na primeira demonstração que vai de 1,13 a 2,21. Subdivide esta demonstração em duas partes a “protressi narrativa” e a “peroração” que é a perícopie em estudo, nesta não temos a “Apóstrofe” e como já vimos a protressi é narrativa. Pitta diz que esta peroração é “uma síntese final dos resultados aos quais se chega em cada demonstração”⁴⁰.

Estrutura⁴¹ de A. Pitta da carta aos Gálatas:

1. «Praescriptum» (1,1-5);
2. «Exordium» (1,6-10);
3. Tese geral (1,11-12);
4. Primeira demonstração (1,13-2,21):
 - 4.1. Protressi narrativa (1,13-2,14);
 - 4.2. Peroração (2,15-21).
5. Segunda demonstração (3,1-4,7):
 - 5.1. Apóstrofe (3, 1-5)
 - 5.2. Protressi (3,6-29);
 - 5.2.1. Tese específica (3,6-7);
 - 5.3. Peroração (4,1-7);
6. Terceira demonstração (4,8-5,12):
 - 6.1. Apóstrofe (4,8-11);
 - 6.2. Protressi (4,12-4,1);
 - 6.2.1. Digressão narrativa (4,12-20);
 - 6.2.2. « Midrash do filho de Abraão» (4,12-5,1);
 - 6.3. Peroração (5, 2-12).
7. Quarta demonstração (5,13-6,10):

⁴⁰ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 41

⁴¹ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 40 e 41

- 7.1. Apóstrofe (5,13-15);
- 7.2. Proressi (5,16-6,10);
 - 7.2.1. Tese específica (5,16);
- 8.« Postscriptum» (6,11-18).

São vários os aspectos que têm sido examinados nestes versículos, pois são bastante importantes os temas abordados, a lei, a justificação, a fé, entre outros. Dentro desta também existe uma possível divisão, devido à gramática percebemos que dos versículos 15-17, estamos diante de uma parte marcada pelo “nós” usado três vezes. A outra parte vai de 18-20, onde a pessoa predominante é a primeira do singular, “eu” é usado quatro vezes. O tema da justificação é aquele que caracteriza a primeira parte, onde o autor o refere várias vezes, no versículo dezasseis três vezes e no versículo dezassete apenas uma vez. Um outro termo usado com abundância é Lei, também é um aspecto bastante trabalhado pelo apóstolo, é usado nesta perícopa, três vezes em cada parte. Fé é usado quatro vezes, três na primeira parte e uma na segunda.

Partimos agora para a divisão da perícopa, elaborada por Antonio Pitta. Este esquema tem três partes: “A)vv. 15-16: a “fé em Cristo”; B) vv. 17-20: a questão diatribica consequencial; C) v.21: a conclusão geral”⁴².

Começamos pela primeira parte, nesta dá-se maior relevância ao v. 16 pois este é considerado como a síntese do que Paulo procura expor nestes versículos. Pitta realça neste versículo cinco ideias e conforme as ideias se vão repetindo estabelece ligações. A ideia central é que o homem não se salva pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, é este o testemunho que levou Paulo a acreditar.

Na segunda parte surge uma questão basilar, onde se clarifica tudo o que confundia os gálatas, devido às questões levantadas pelos adversários de Paulo, Cristo não serve ao pecado, a fé Nele não é pecado. Paulo continuará a sua explicação dos vv. 18-20, a morte para a lei, a crucifixão com Cristo que amou o apóstolo e se entregou por ele. Este processo leva a uma vida em Cristo, a uma vida na fé. A vida na carne de que fala Paulo é uma vida transformada, pois é uma vida para Deus.

Na terceira parte conclui-se que esta opção leva a acolher a graça de Deus e a compreender que a morte de Cristo não foi em vão. Podemos ver isto no esquema⁴³ que se segue:

¹⁵ Nós, por nascimento, somos judeus, e não pecadores de entre os gentios.

⁴² ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 139 e 140

⁴³ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 139

- ¹⁶ A. Sabemos, porém, que
 B. o homem não é justificado
 C. pelas obras da Lei,
 D. mas unicamente pela fé em Jesus Cristo;
 E. por isso, também nós acreditamos em Cristo Jesus,
 D1. para sermos justificados pela fé em Cristo
 C1. e não pelas obras da Lei;
 B1. porque pelas obras da Lei nenhuma criatura será justificada.

¹⁷ Mas se, ao procurarmos ser justificados pela fé em Cristo, fomos também nós achados como pecadores, não será Cristo um servidor do pecado? De maneira nenhuma!

¹⁸ Se, com efeito, aquilo que eu tinha destruído, o volto a construir, sou eu que a mim próprio me apresento como transgressor.

¹⁹ É que eu pela Lei morri para a Lei, a fim de viver para Deus.

A. Estou crucificado com Cristo.

²⁰ B. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.

C. E a vida que agora tenho na carne,

B1. vivo-a na fé do Filho de Deus

A1. que me amou e a si mesmo se entregou por mim.

²¹ Não rejeito a graça de Deus; porque, se a justiça viesse pela Lei, então teria sido inútil a morte de Cristo.

2.2 Identificação do texto

Em seguida será apresentado o texto na língua original, segundo a estrutura de A. Pitta, permitirá vermos alguns aspectos que ajudarão no estudo da carta. A partir da fonte e depois no ponto seguinte através da análise teremos os meios para uma análise mais capaz.

¹⁵ ἡμεῖς φύσει Ἰουδαῖοι καὶ οὐκ ἐξ ἐθνῶν ἁμαρτωλοί.

¹⁶ A. εἰδότες δὲ ὅτι

B. οὐ δικαιῶται ἄνθρωπος

C. ἐξ ἔργων νόμου

D. ἐὰν μὴ διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ

E. καὶ ἡμεῖς εἰς Χριστὸν Ἰησοῦν ἐπιστεύσαμεν

D1. ἵνα δικαιωθῶμεν ἐκ πίστεως Χριστοῦ

C1. καὶ οὐκ ἐξ ἔργων νόμου

B1. ὅτι ἐξ ἔργων νόμου οὐ δικαιωθήσεται πᾶσα σὰρξ

¹⁷ εἰ δὲ ζητοῦντες δικαιωθῆναι ἐν Χριστῷ εὐρέθημεν καὶ αὐτοὶ ἁμαρτωλοὶ ἄρα Χριστὸς ἁμαρτίας διάκονος μὴ γένοιτο

¹⁸ εἰ γὰρ ἂ κατέλυσα ταῦτα πάλιν οἰκοδομῶ παραβάτην ἑμαυτὸν συνιστάνων

¹⁹ ἐγὼ γὰρ διὰ νόμου νόμῳ ἀπέθανόν ἵνα θεῶ ζήσω

A. Χριστῷ συνεσταύρωμαι.

²⁰ B. ζῶ δὲ οὐκέτι ἐγὼ ζῆ δὲ ἐν ἐμοὶ Χριστός.

C. ὁ δὲ νῦν ζῶ ἐν σαρκί

B1. ἐν πίστει ζῶ τῆ τοῦ υἱοῦ τοῦ θεοῦ

A1. τοῦ ἀγαπήσαντός με καὶ παραδόντος ἑαυτὸν ὑπὲρ ἐμοῦ

²¹ Οὐκ ἀθετῶ τὴν χάριν τοῦ θεοῦ. εἰ γὰρ διὰ νόμου δικαιοσύνη ἄρα Χριστὸς δωρεὰν ἀπέθανεν

2.3 Análise dos vv. 15-21

Em seguida procuraremos através do grego analisar algum vocabulário, verbos, advérbios, palavras importantes para a compreensão da perícopie.

No v.15 **φύσει** (Φύσις,εως,ή), encontra-se no dativo do singular, deve ser traduzido como “por natureza”, diferente da tradução portuguesa escolhida.

No v. 16 **Εἰδότες** (οἶδα) está no particípio perfeito activo, masculino, nominativo plural, traduzido como “Sabemos”. Ainda neste versículo, **δικαιοῦται** (δικαίω) encontra-se no presente do indicativo passivo, terceira pessoa do singular, traduzido como “é justificado”. Também no v. 16, **δικαιωθῶμεν** (δικαίω) que está no aoristo subjuntivo passivo, na primeira pessoa do plural, traduzido como “sermos justificados”. Por fim, **δικαιωθήσεται** (δικαίω) que encontra-se no futuro indicativo passivo, terceira pessoa do singular, traduzido como “será justificada”.

No v.17, o verbo **δικαιωθῆναι** (δικαίω) está no infinitivo aoristo passivo, traduzido como “ser justificado”. Ainda neste versículo, surge **ἄρα** como partícula interrogativa. Também no v.17 encontra-se **γένειτο** (γίνομαι) que está no aoristo optativo médio, μὴ γένοιτο é uma expressão paulina que significa “De maneira nenhuma!”.

No v.18 aparece γὰρ como conjunção causal e não adversativa, pode ser traduzida por “pois”. Ainda neste versículo **κατέλυσα** (καταλύω) que encontra-se no aoristo indicativo activo, primeira pessoa do singular, traduzido como “tinha destruído”. Por último neste

versículo **οἰκοδομῶ** (οἰκοδομέω) que está no presente do indicativo activo, primeira pessoa do singular, deve ser traduzido como “construo”, diferente da tradução escolhida.

No v.19 encontramos **Ἐγώ** que é um pronome pessoal e que está no nominativo, primeira pessoa do singular, traduzido como “eu”. Em seguida **γὰρ** que surge como conjunção explicativa, traduzido como “pela”. Também neste versículo encontramos o verbo **ἀπέθανον** (ἀποθνήσκω) no aoristo indicativo activo, primeira pessoa do singular, traduzido como “morri”. Um outro verbo, em 19b é **συνεσταύρωμαι** (συσταυρόω) que está no perfeito indicativo passivo, primeira pessoa do singular, traduzido como “fui crucificado”, diferente da tradução escolhida.

No v.20 aparece o verbo **ζῶ** (ζάω), está no presente indicativo activo, primeira pessoa do singular, traduzido como “vivo”. Depois, **οὐκέτι** que é um advérbio de negação, traduzido como “não mais” ou “ainda não”, diferente da tradução escolhida. Uma das expressões que aparece neste versículo é **ἐν ἐμοί**, em que **ἐμοί** (ἐμός, ή, όν) é um pronome possessivo, masculino, singular, dativo, esta é traduzida como “em mim”. Uma outra expressão que surge é **ἐν σαρκί**, em que **σαρκί** (σάρξ, σαρκός, ή) é um substantivo masculino, dativo singular, traduzido como “na carne”. Ainda mais uma expressão importante é **ἐν πίστει**, em que **πίστει** (πίστις, πιστεως, ή) é um substantivo feminino, dativo singular, traduzido como “na fé”. Por fim neste versículo, mais dois verbos, o primeiro **ἀγαπήσαντός** (ἀγαπάω) que está no particípio aoristo activo, genitivo singular, traduzido como “amou” e **παραδόντος** (παραδίδωμι) que está no particípio aoristo activo, genitivo singular, traduzido como “entregou”.

No v.21, aparece **ἀθετῶ** (ἀθετῶ) que está no presente indicativo activo, na primeira pessoa do singular, traduzido como “rejeito”. E por último, **δωρέαν** (δωρεά, ᾶς, ή) que está no acusativo singular, usado como advérbio, traduzido como “gratuitamente”, diferente da tradução escolhida.

3. Comentário de Gl 2, 15-21

Procederemos agora a uma análise de cada versículo, em cada um teremos em conta o que diz em si e o que diz através da sua relação com os outros versículos. Será uma análise mais detalhada de 19-21, uma vez que é o tema central, permitirá criar condições para os temas posteriores.

3.1 V.15: Judeus e gentios

Nesta primeira parte Paulo fala do judaísmo e do paganismo, afirma-se como judeu de nascimento e acaba por falar dos gentios como pecadores. Até aqui o judaísmo não discorda da visão paulina, pois “sabem que a justificação não vem pelas obras”⁴⁴. Como nos escreve Frank Matera, “Aqueles que nasceram no povo da Aliança têm o dom da Lei. Por contraste, os Gentios são pecadores pelo facto de estarem fora da Aliança, privados da Lei.”⁴⁵ Sabemos através da história bíblica a importância que os judeus davam ao facto de pertencer ao povo de Israel e a necessidade deste afastar-se dos povos estrangeiros, pois eram considerados impuros. Pedro fala dessa mudança, “Vós sabeis que não é permitido a um judeu ter contacto com um estrangeiro, ou entrar em sua casa. Mas Deus mostrou-me que não se deve chamar profano ou impuro a homem algum.” (Act 10,28).

Foi esta mudança que custou a aceitar, perceber que a salvação não é um dom de Deus apenas para um povo mas para todos os homens. Segundo Senén Vidal o versículo quinze “cita um slogan dos opositores judaizantes, que, por sua vez, funda-se numa sentença judia que expressava o status religioso privilegiado dos “judeus” (pertencentes ao povo “eleito” de Deus) frente aos “pecadores” gentios.”⁴⁶ Este versículo pode não ser entendido literalmente, poderá ser uma opção de escrita para retratar o pensamento dos adversários, “Paulo pode estar a falar com ironia; fazendo uma caricatura da postura dos seus adversários ou tentando ganhá-los pelo recurso à *captatio benevolentiae*”⁴⁷.

Segundo Heinrich Schlier “os gentios são ἁμαρτωλοί não só por não cumprir a tora, mas também porque não a possuíam e, portanto, nem sequer tinham a possibilidade do ciúme pela lei e da δικαιοσύνη por ela.”⁴⁸

Os gentios eram discriminados pelos judeus, eram mal vistos por não fazerem parte deste povo, por não fazerem parte daqueles que o Senhor escolheu e ainda por não cumprirem a Lei. Os gentios eram vistos como pecadores, são colocados à parte, em relação a uma possível leitura deste termo Antonio Pitta escreve:

“o termo «pecador» não assume uma conotação moral mas étnica: os gentios não são pecadores devido a uma situação de imoralidade mas enquanto são postos fora da aliança electiva estabelecida pelo Senhor com Israel. Enfim é o seu não ser judeus, enquanto não circuncidado e sem a lei, que os define «pecadores».”⁴⁹

⁴⁴ FRANCISCO RAMÍREZ FUEYO, *Gálatas y Filipenses*, 50

⁴⁵ FRANK MATERA, *Galatians*, 92

⁴⁶ SÉNEN VIDAL, *Las cartas originales de Pablo*, 88

⁴⁷ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 138

⁴⁸ HEINRICH SCHLIER, *La carta a los Galatas*, 106

⁴⁹ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 140

Este tipo de visão do povo judeu levantou sérios problemas na evangelização levada a cabo por Paulo. Os judeu-cristãos queriam que a Lei que seguiam no Antigo Testamento fosse imposta aos novos cristãos, contudo este apóstolo percebe que não é nesta radicalidade que está o essencial mas sim na fé em Jesus Cristo. Os vv. 15-16 são uma defesa da tese paulina, nestes Paulo acaba com a distinção entre os convertidos que faziam parte do povo eleito e os que vieram do paganismo. Ainda nestes há uma apresentação da compreensão que este apóstolo faz da justificação:

“E essa mesma distinção está presente no falso evangelho que os mestres pregavam na Galácia. Como pode Paulo ter esperança de levar a sua posição contra esta violação do Evangelho quando no seu próprio discurso ele adopta essa referência? A resposta encontra-se no v. 16, onde, entre outras coisas, Paulo encontra na própria tradição Judaico-Cristã o testemunho do fim da distinção Judeu/Gentio. O versículo 15 prova, então, que é o isco de uma armadilha, que vai ser accionada no versículo 16.”⁵⁰

Esta visão dos gentios fez com que aqueles que os defendiam fossem mal vistos, pois estavam a ir contra os desígnios de Deus, estavam a alargar os escolhidos, o povo da Aliança. Os convertidos vindos de fora do judaísmo tiveram grandes problemas na integração, só com Paulo isso mudará, já não será a Lei, onde está a circuncisão e as determinações apenas para o povo judeu que levará à salvação, mas será a fé em Jesus Cristo que permitirá ao homem acolher a graça de Deus, presente na salvação.

3.2 V. 16: A justificação

São dois os grandes temas do versículo dezasseis, a fé em Jesus Cristo e as obras da lei. Olhando para este percebemos que a justificação vem pela fé em Jesus Cristo, contrariam-se algumas perspectivas radicais que viam na lei o único meio para o homem se salvar, o autor procurará clarificar esta questão. Este apóstolo através da primeira pessoa do plural apresenta um testemunho de todos os que aceitaram esta tese e procuraram a justificação pela fé, termina o versículo sintetizando esta questão afirmando que ninguém será justificado pela lei.

Pela primeira vez nesta perícopie surge um verbo bastante importante na teologia paulina *dikaioun*, que significa justificar. Através de uma análise no texto grego podemos vê-lo na voz passiva, reforçando a ideia que é sempre Deus que justifica. Frank Matera a partir da edição dos LXX escreve: “Na LXX, *dikaioun* é primariamente um termo forense, e é o seu sentido legal e forense que Paulo adopta: Deus adquire o pecador, Deus declara uma pessoa

⁵⁰ J. LOUIS MARTYN, *Galatians*, 248 e 249

como sendo justa”⁵¹. Percebendo os vários termos que vem do verbo dikaioun (justificar), chegamos à conclusão que o problema não está na terminologia mas na concepção soteriológica paulina:

“ Mas há que ter muito em conta que a diferença entre Paulo e os seus opositores (e, detrás deles, o judaísmo) não está na terminologia, mas na compreensão terminológica que está detrás dela: para Paulo a “justiça”, o ser “justo”, o “justificar” e o “ser justificado” não baseiam-se na observância da “lei”, mas na “fé” no euaggelion. Desde aí essa terminologia adquire em Paulo uma profundidade que não tinha nos seus opositores judaizantes nem no judaísmo; a terminologia sofre, então, nos textos paulinos uma autêntica transformação, superando as conotações “éticas” (de comportamento conforme a “lei” que tinha na sua origem.”⁵²

Paulo vem clarificar o Evangelho anunciado por Cristo, no seio das comunidades o peso da lei orientava a vida, o homem reduzia a salvação às suas capacidades de cumprir ou não a lei. Esta não pode ser imposta pelo homem, não pode ser um meio para atingir fins, mas tem que ser guia que aponta caminhos, uma das expressões relacionadas com a lei e com o seu cumprimento é “obras da lei”:

“ «as obras da lei», as «obras» ou a “lei” pertencem ao mesmo campo semântico; trata-se tanto de obras que a lei exige como de obras que uma vez cumpridas, satisfazem as prescrições da lei. É a lei mesma a que constitui o aspecto essencial destas obras. Em qualquer caso, Ἔργα νόμου supõe uma caracterização negativa, como em geral tem o tema da lei na carta aos gálatas.”⁵³

Paulo alerta a comunidade para que não se fiem nas obras, têm que dar um outro passo, acreditar em Jesus Cristo, só nesta fé serão justificados. São três vezes que esta ideia é repetida, Paulo sublinha bem este ponto, para que os destinatários desta carta não se deixem influenciar por outras teses que circulam naquele período e que procuram descentrar o homem de Cristo. Neste versículo um outro termo importante é Nomos, é uma palavra bastante usada nesta carta, pois um dos grandes problemas é o acreditar que o homem se salva por ele próprio, através do cumprimento da lei.

Existe algum interesse na última expressão “porque pelas obras da Lei nenhuma criatura será justificada” (Gl 2, 16c), pois é uma posição assumida pelo apóstolo onde afirma-se com toda a certeza que ninguém será justificado pelas “obras da Lei”.

Segundo Antonio Pitta, este versículo é “um dos versículos da mimese paulina, ao ponto que alguns julgam-no como o conteúdo central do evangelho para toda a letra”⁵⁴. Através do esquema apresentado pelo autor podemos ver a quantidade de divisões, é um versículo com

⁵¹ FRANK MATERA, *Galatians*, 93

⁵² SÉNEN VIDAL, *Las cartas originales de Pablo*, 88

⁵³ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 147

⁵⁴ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 141

muito conteúdo. Há uma “composição quiástica (A.B.C.D.E.D1.C1.B1.)”⁵⁵. Um aspecto importante abordado por este autor que já foi abordado anteriormente é a questão da justificação, “Portanto o vocabulário da justiça em Gál 2,15-21 faz a função da polémica entre a obra da Lei, no termo negativo, e a fé em Cristo, no termo positivo”⁵⁶. Há uma visão nova em Paulo:

“A novidade paulina consiste no pensar a obra da lei incompatível com a possibilidade da justificação diante de Deus; a partir do contexto de Gál 2,15-21 é bem pensar imediatamente a circuncisão, da que se tratou durante a assembleia de Jerusalém (Gál 2,1-10), e à lei alimentar que só esteve no centro da discussão durante o incidente de Antioquia (Gál 2,11-14)”⁵⁷.

É importante então analisar num quadro comparativo as conexões possíveis ou supostas⁵⁸:

Gál 2,16	Rm 3,28	Tg 2,24
“o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas unicamente pela fé em Jesus Cristo”	“é pela fé que o homem é justificado, independentemente das obras da lei”	“como o homem fica justificado pelas obras e não somente pela fé”

Nesta reflexão é necessário destacar alguns aspectos, o primeiro é que em S. Paulo existe uma radicalidade em relação à sua posição, este não dá nenhum espaço às obras, na carta aos Gálatas afirma claramente que as obras não justificam ninguém e na carta aos Romanos que a justificação não depende das “obras da lei”. Por outro lado em S. Tiago as obras já têm alguma importância, “Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta.” (Tg 2, 17), as obras dão vida à fé, não pode existir fé sem obras. As diferenças podem ser causadas por vários factores, entre os quais os destinatários. A fé não é o único meio para o homem se salvar, S. Tiago justificará esta tese através de Raab, que foi justificada pelas suas obras.

Um dos aspectos que tem muito peso na fé é a tradição, Paulo ao afirmar “por isso, também nós acreditamos em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei;” (Gl 2, 16b) recorre à tradição. É a partir desta que podemos falar de uma fé histórica, Jacinto Regodón parte desta compreensão e escreve o seguinte:

“Voltando a Gál 2, 16, há que notar que a afirmação da oração principal “também nós acreditamos em Cristo Jesus”) fala da fé como “fides historica”, que Paulo comparte (Εἰδότες) com os seus interlocutores antioquenos e os destinatários gálatas da sua missiva. “A fé”, que

⁵⁵ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 141

⁵⁶ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 142

⁵⁷ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 143

⁵⁸ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 145

poderia ser o nome que se deram a si mesmas as comunidades, supõe uma marca sociológica de identificação, mais além do acto intelectual de assentimento e da só relação pessoal.”⁵⁹

Ainda acerca deste versículo podemos ver num quadro⁶⁰, citado a partir do original, a relação existente entre este versículo, o Sl 143,2 e Rom3,20:

Salmo 143, 2	Gl 2, 16	Rm 3, 20
1. for	1. for	1. for
2.	2. by observance of the	2. by observance of
3. not	Law	the Law
4. shall be rectified	3. not	3. not
5. before you	4. shall be rectified	4. shall be rectified
6. everyone (anyone)	5.	5. before him
living	6. all flesh	6. all flesh

Vemos no Antigo Testamento uma expressão semelhante a Gál 2, 16, Paulo poderá ter partido desta base, repetirá a mesma ideia na carta aos Romanos. Estas duas cartas têm alguns temas comuns, entre os quais a justificação. Ainda em relação a esta, J. Louis Martyn apresenta um esquema deste versículo, onde destaca a referência que Paulo faz por três vezes à não justificação pela observância da lei, a divisão é a seguinte:

“O ser humano não é justificado

(a) Pela observância da Lei, mas pela

(b) Fé em Cristo Jesus.

Assim, mesmo nós Judeus-Cristão pusemos a nossa esperança em Cristo Jesus, em ordem a que possamos se justificados

(b’) pela fé de Cristo e não

(a’) pela observância da Lei;

Pois nenhuma pessoa será justificada

(a’’) pela observância da Lei.”⁶¹

3.3 V. 17: Justificados em Cristo

O versículo dezassete é um versículo que através da interrogação procura questionar o pensamento do leitor, Paulo faz uma crítica a determinadas visões, “o que a objecção pretende dizer é que a justificação pela fé ou, como agora se formula: «em Cristo», o põe ao serviço do

⁵⁹ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 154

⁶⁰ J. LOUIS MARTYN, *Galatians*, 253

⁶¹ J. LOUIS MARTYN, *Galatians*, 250

pecado”⁶². Com Cristo tanto os pagãos como os judeus sofrem uma mudança na sua vida, a conversão ultrapassa os limites da lei. Esta posição era mal vista pelos “cegos” defensores da lei, quem se encontrava nestas condições estava em pecado, segundo a sua perspectiva. O apóstolo vai ao centro da questão, se esta fé remete o homem para o pecado, Paulo questiona se Cristo serve o pecado, a esta questão a resposta só pode ser uma, “De maneira nenhuma!” (Gl 2, 17). Não é a fé em Cristo que torna o homem pecador, mas sim o oposto, colocar a salvação apenas como fruto das capacidades humanas.

Paulo age da maneira mais correcta para que os Gálatas o possam compreender, o seu método é o de resposta às questões levantadas pelos opositores. Depois da primeira evangelização aparecem na comunidade algumas pessoas que pretendiam desvalorizar o que Paulo anunciou e a partir das suas intervenções fazer uma nova proposta. A comunidade ainda em amadurecimento ficou perturbada, Paulo apercebendo-se disto e tendo conhecimento daquilo que os seus adversários anunciavam responde-lhes, " o melhor caminho está em assumir que Paulo pode ter como garantido a compreensão da parte dos Gálatas (pois eles ouvem o discurso que ele dirige aos mestres) porque ele está a usar várias expressões baseando-se nas coisas que os mestres dizem dele”⁶³.

Jacinto Núñez Regodón detecta alguns problemas nesta metodologia, entre os quais:

“1) A frase condicional (“se...”) que o abre; 2) a partícula $\delta\epsilon$, de sentido claramente adversativo, que assinala aliás um progresso na argumentação; 3) a antítese “buscar ser justificados”- “descobrir-se pecadores”; 4) a expressão $\mu\grave{\eta} \gamma\acute{\epsilon}\nu\omicron\iota\tau\omicron$, que é um elemento tipicamente dialogal”⁶⁴.

Nesta parte começa-se por uma falsa tese fé-pecado, para a leitura correcta fé-justificação, na primeira questiona-se se existirá alguma lógica, o apóstolo confirma que não, pois se a resposta à sua pergunta fosse afirmativa não se compreenderia Cristo como o salvador. Então a partir daqui o leitor conclui que Cristo é o Salvador e que a fé Nele leva à salvação, Nele seremos justificados.

Nesta perícope em estudo é possível uma divisão, que ocorre neste versículo. Esta deve-se ao entendimento que se faz dos versículos 17-20. Como já apresentámos anteriormente Antonio Pitta fala de uma segunda parte:

“Uma hipotética irreal introduz a segunda parte da perícope (vv. 17-20) na qual sucede o estilo da diatriba, reconhecível através da pergunta retórica à qual sucede uma imediata recusa. Ao estilo diatribico pertence também a passagem repentina da 1ª pessoa plural (v.17) à 1ª singular (v.18). A presença deste estilo utilizado, pela primeira vez em Gálatas (cf. em seguida Gál 3,

⁶² HEINRICH SCHLIER, *La carta a los Galatas*, 113

⁶³ J. LOUIS MARTYN, *Galatians*, 254

⁶⁴ J. LOUIS MARTYN, *Galatians*, 254

19-22), confirma a perspectiva mais extensa da mimesi paulina: não é pensável um tipo de questão diatribica como esta durante o incidente de Antioquia, também pode aparecer de uma releitura daquele evento; pelo contrário é de todo pertinente à situação actual da Galácia que agora Paulo enfrenta directamente.”⁶⁵

3.4 V. 18: Construção em S. Paulo

Como já tinha sido referido Paulo neste versículo parte para uma resposta mais elaborada à pergunta feita, dando agora um testemunho mais pessoal. Tendo em conta o seu caminho o apóstolo menciona que após ser perseguidor dos cristãos, o facto de agora ser cristão faz dele transgressor da lei. Encontramos neste versículo o binómio destruição – construção, Paulo demonstra que a sua opção pelos gentios não faz dele transgressor, o evangelho de Cristo deve chegar a toda a criatura, a salvação só poderá acontecer através da justificação pela fé.

Toda esta parte “sugere que o que Paulo destruiu foi a legislação acerca da dieta que separava o Judeu e o Gentio pela proibição da convivência à mesa”⁶⁶. Através desta perspectiva podemos compreender a radicalidade deste apóstolo, ele era alguém que conhecia muito bem a Lei, que considera o povo de Israel como o “povo eleito”, esta opção pelos pagãos criou bastantes dificuldades na comunidade. Antioquia e a questão central que temos vindo a tratar é um dos exemplos que demonstra a ruptura com a Lei, Paulo não determina que é a circuncisão a causa de salvação.

Na análise que se tem vindo a fazer, a mudança de pessoa não só personaliza o discurso, como pode ser visto como uma defesa pessoal em relação às acusações que faziam da sua pessoa. Com esta opção gramatical, este apóstolo procura fundamentar a sua posição:

“Paulo agora dá a sua razão inicial para categoricamente rejeitar a acusação que tinha acabado de mencionar. A mudança linguística ocasiona parcialmente pela preocupação de Paulo em refutar a acusação, mas no fim (notavelmente nos vv. 19-20) Paulo usa o pronome na primeira pessoa do singular para revelar a identidade escatológica do ser humano que Deus está a criar em Cristo.”⁶⁷

Uma das grandes críticas que Paulo formula é a da errada compreensão da Lei. Esta é uma ideia central nesta perícopes e também em algumas cartas. Se a salvação estivesse dependente do homem, era o homem que se salvava a si próprio. É Deus que salva através de Jesus Cristo. Em vários locais estabelece-se uma relação entre o v.17 e o v. 18 ss, entre a questão levantada no v.17 e a resposta dada entre o v.18 e o v.21.

⁶⁵ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 147

⁶⁶ FRANK MATERA, *Galatians*, 95

⁶⁷ J. LOUIS MARTYN, *Galatians*, 250

Podemos ver o v. 18 como uma introdução às ideias expressas nos versículos seguintes, este inicialmente apresenta um binómio e em seguida fala da transgressão. Jacinto Núñez Regodón diz que este primeiro está presente no Antigo Testamento e no Novo Testamento, é usado “na tradição evangélica para falar da destruição-construção do templo, referida sempre à morte-ressurreição de Jesus (cf. Mt 26,61; Mc 14,58; Jo 2, 19-22).”⁶⁸. Em relação à transgressão, o que nos interessa mais é a relação com os acontecimentos centrais da nossa fé.

Destruição e construção são dois conceitos importantes para a compreensão do estudo central deste trabalho, pois nos dois versículos seguintes esta ideia está bastante presente, “Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,19b-20a). A ideia de destruição começa com a crucificação e completa-se com a morte e a ideia de construção tem a ver com a vida que surge desta destruição, a vida em Cristo.

Acerca da segunda ideia a de transgressão, esta pode ser entendida como a ruptura com alguma realidade, a opção por uma outra perspectiva, o desrespeitar uma norma, neste contexto Jacinto Núñez Regodón entende-a “não com o regresso à lei mas com o seu abandono prévio. Esta é a explicação que se deduz do verbo συνιστάω que, além do sentido de “constituir”, tem também especificamente o de “confirmar” ou “demonstrar” (cf. 2Cor 7,11; Rom 3,5; 5,8).”⁶⁹.

Se Paulo regressasse à Lei era tido como transgressor, porque não tinha sido justificado pela fé mas necessitava novamente da Lei para ser salvo. A opção por Cristo levou a uma outra compreensão de determinados conceitos, tudo isto resultou de uma maturidade espiritual e intelectual, por isso Paulo nunca poderia negar a Verdade, Jesus Cristo. Se negasse estaria a negar-se a si próprio e a fazer-se transgressor da Lei.

Paulo não pode ser visto como transgressor por fundamentar a sua fé em Jesus Cristo, “ele não pode dizer-se pecador nem transgressor enquanto demoliu um sistema religioso fundado na observância da Lei”⁷⁰. Ao reprovar esta radicalidade de que a Lei é o único meio para a salvação, Paulo não se torna pecador ou transgressor, ele passa a ser um acérrimo defensor da fé em Jesus Cristo como o único meio para a salvação.

⁶⁸ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 164

⁶⁹ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 166

⁷⁰ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 149

3.5 Unidade dos vv. 19-21: introdução

Como vimos no esquema apresentado, há uma unidade entre os três versículos (19-21), entre alguns versículos existe uma relação que não convém separar. Tem a ver com o método usado por Paulo nesta parte da carta:

“ο γάρ do v.19 introduz a razão positiva do μη γένοιτο do v.17c, com o que Paulo negou, de maneira decisiva, as deduções teológicas que tiravam os judaizantes do abandono da lei por parte dos judeo-cristãos antioquenos, e às que já deu uma resposta, por via negativa e prática, no v.18”⁷¹.

Os vv. 19-20 são bastante importantes para a compreensão da tese paulina, neles parte-se da paixão, morte e ressurreição de Cristo para a crucifixão e para o deixar de viver do apóstolo, para que Cristo possa viver nele. É interessante no esquema de Antonio Pitta, apresentado anteriormente ver a relação entre alguns versículos (A,B,C,B1,A1).

Depois do binómio anterior nestes versículos surge um trinómio crucifixão – morte – vida, não se podem separar. Poderemos falar que nos dois primeiros a ideia base é a morte para em seguida chegar à vida. Todavia para compreender o pensamento paulino é necessário partir do trinómio, porque tem por base Cristo, o apóstolo quer-nos referir que para chegar a uma configuração com Cristo é preciso seguir os seus passos.

Apesar desta unidade dos vv. 19-21 consideramos importante a relação entre 19b e 20a, apesar desta divisão por versículos percebemos que Paulo ao elaborar esta carta, quis fazer uma profissão de fé, fala duma crucifixão com Cristo que foi crucificado, morreu e ressuscitou. Percebendo que o v. 20 não pode ser dividido, o estudo desta parte terá também em conta todo o v.20. A vida nova de que Paulo faz experiência é uma vida marcada pelo já e pelo ainda não, essa configuração só será perfeita na ressurreição final. Dentro desta unidade faremos a seguinte divisão, falaremos inicialmente do v.19a, em seguida procederemos ao estudo de 19b e do v.20 e por fim o v.21.

3.5.1 V. 19a: Morte para a Lei e vida para Deus

Em relação à vida para Deus e para a Lei, “Paulo vê viver para a Lei e viver para Deus como realidades mutuamente exclusivas. “Em ordem para que eu possa viver para Deus” (hina theo zeso) aponta para uma realidade escatológica”⁷².

⁷¹ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 168

⁷² FRANK MATERA, *Galatians*, 95 e 96

Nesta primeira parte do versículo vemos que a causadora da morte para a Lei é a própria Lei. Aqui mais uma vez parte-se de Cristo, da sua condenação pela Lei, a morte para a Lei abre portas para uma vida para Deus.

Uma das problemáticas é saber a que tipo de lei Paulo se refere, pode ser vista como a Lei Mosaica ou como a lei no sentido moral, parece-nos que Paulo se refere à Lei Mosaica uma vez que em várias ocasiões Paulo critica esta Lei, “a sentença coincide com outras afirmações do Apóstolo em que se atribui à Lei de Moisés uma acção perniciosa sobre o homem (Rom 4,15; Gál 3,10; 1 Cor 15,56)”⁷³.

Estes versículos são muito belos, mas também muito complexos, este aspecto da morte para a Lei pode ser visto segundo várias perspectivas, entre as quais a relação com Cristo, com a mudança que ocorreu na vida do apóstolo, entre outros. Jacinto Núñez Regodón entende da seguinte maneira:

“Gál 2,19 põe em relação a morte do cristão à lei (‘pela lei morri à lei’) com a morte de Cristo na cruz (‘com Cristo estou crucificado’). De aí que, se o ser morto de Paulo à lei foi consequência da crucifixação de Cristo, a função que o apóstolo designa à lei na morte de Cristo terá implícita a razão de *διὰ νόμου ἀπέθανον*. Segundo Gál 3,10.13 foi a potência da lei a que se excedeu ao declarar maldito ao Cristo paciente na cruz: ‘Cristo resgatou-nos da maldição da lei, feito por nós objecto de maldição; porque está escrito: «maldito todo o que está suspenso no madeiro»’ (Gál 3,13).”⁷⁴

O cristão faz este caminho até à cruz, onde morre para si mesmo, para que nele nasça um homem novo, onde a vida verdadeira surge, Cristo. A experiência de Paulo permite-nos não nos fecharmos na lei, mas olharmos para a possibilidade de nos configurarmos cada vez mais com Cristo. Cristo ao morrer por nós faz com que o homem seja liberto de uma vida reduzida a normas, Ele pede que o homem deixe a morte e viva a verdadeira vida. O Senhor propõe uma nova vida, a que Paulo defendia, em relação a esta morte para a Lei, este autor ainda acrescenta:

“Se foi a potência da lei a que ocasionou a morte de Cristo na cruz, o estar-morto-à-lei do crente é, em consequência, o resultado da crucifixação de Cristo, que escolheu a maldição para si e, dessa forma, deixou sem efeito a maldição que recaía sobre todos os que não a cumpriam (cf. Gál 3, 10-14).”⁷⁵.

A partir desta reflexão podemos concluir que existe uma ligação entre a morte de Cristo e a morte do cristão. Na cruz está presente Cristo mas também todos aqueles por quem Ele morreu, o cristão morre para o pecado para poder viver para Deus, “ a lei matou a Cristo

⁷³ HENRI CAZELLES E PETER BLAESER, «Lei», DTB v. II, 622 e 623

⁷⁴ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 171

⁷⁵ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 171

mas assim libertou-nos das suas próprias mãos a ele e a nós, incorporados a Cristo no baptismo, e vivificou-nos”⁷⁶.

A cruz era lugar de condenação, o crucificado era mal visto pelos outros, este apresentava-se no alto aos olhos de todos, Cristo por nosso amor sofreu esta “maldição”. Esta morte é exemplo de quando a Lei e os homens colocam-se acima de Deus. A Lei ultrapassou os seus limites, foi além do que podia, ela própria foi transgressora, ao condenar Jesus Cristo.

Quando Paulo começa a professar a sua fé em Jesus Cristo, ele que era fariseu muda completamente a sua vida, deixa de perseguir os cristãos em nome da Lei e percebe que a sua vida não deve ser fundamentada na Lei mas em Cristo e na sua vontade, por isso ele morre para a Lei.

Em 19a para além da questão da morte também é preciso dar especial relevo ao “viver para Deus”, esta morte levou a uma vida para Deus, “o crente reconhece-se assimilado pessoalmente a Cristo crucificado na sua morte à lei (νόμος) e na sua vida para Deus (θεός)”⁷⁷.

A vida para Deus é a meta, o fim de toda a morte. O homem velho morre mas disto procura-se que renasça um homem novo, um homem configurado com Cristo, um homem vivo para Deus.

3.5.2 Vv 19b e 20: Crucifixão, morte e ressurreição e vida nova

Passamos agora ao estudo deste todo, S. Paulo em 19b não pretende falar de uma crucifixão física, o autor desta carta procura transmitir aos seus destinatários, que esta morte para a lei, é uma morte segundo a lei. Cristo não veio acabar com a lei, mas veio dar-nos uma nova lei, a lei do amor.

Jesus não deixou que a lei fosse um obstáculo à vida nova, podemos ver nas curas ao sábado (cf. Lc 13, 10-17), esta lei é do amor, em algumas situações surge o confronto com a lei de Moisés como na questão do divórcio (cf. Mt 19, 1-9), Jesus não veio destruir essa lei mas levá-la à perfeição (cf. Mt 5, 17).

A crucifixão de Cristo foi resultado da lei, da lei dos judeus e da lei romana, dos primeiros porque consideraram como pena a morte de Jesus pelo facto de não O acolherem como Filho de Deus e da segunda lei porque a pena máxima no Império era a crucifixão.

Quando se fala da morte para a lei, mais à frente fala-se da crucifixão, ou seja da morte de Cristo na cruz, pode-se a partir daqui estabelecer uma ligação, onde “Gl 2,19 põe em relação a

⁷⁶ HEINRICH SCHLIER, *La carta a los Galatas*, 120

⁷⁷ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 171

morte do cristão à lei (“pele lei morri à lei”) com a morte de Cristo na cruz (“com Cristo estou crucificado”)⁷⁸.

Esta morte é o primeiro passo no caminho que Paulo faz, a crucifixão é consequência desta a morte até à vida em Cristo. O crente pode entender que o passo a dar é deixar de viver um radicalismo fundamentado na Lei para viver uma vida livre na fé no Filho de Deus.

Paulo ao falar desta crucifixão fala de uma paixão, marcada pelas consequências da sua vinda para o Cristianismo, ele próprio sofreu essas dores, depois a sua morte para a Lei, para uma Lei como obstáculo à vida para Deus e por fim o concretizar-se dessa vida de Cristo, passa a ser um homem novo. A crucifixão implica um despojamento de tudo, nesta está uma entrega da vida, um caminho que cada um faz até à ressurreição, à vida nova em Cristo.

Paulo estabelece uma relação com o baptismo, este apóstolo refere que “É isto o que devemos saber: o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o corpo pertencente ao pecado; e assim não somos mais escravos do pecado” (Rm 6,6). Esta crucifixão implica a destruição do pecado em nós, a cruz liberta-nos, é caminho para a vida nova. Percebe-se através deste versículo da carta aos Romanos, que o importante é a morte para o pecado, o fim da escravização imposta por este, “Em Rm 6,1-11 a novidade do viver para Deus, contrapõe-se não já à lei mas ao pecado; no mesmo contexto, Rm 6,6, que também usa o verbo συνεσταύρωμαι (“crucificado com”), aclara o sentido da expressão de Gl 2,19b”⁷⁹.

Em relação a esta leitura baptismal, surgem na exegese opiniões divergentes, Antonio Pitta fala de uma opinião favorável pela exegese católica e de uma opinião contra por parte da exegese protestante. Vendo num capítulo mais à frente Paulo refere que” pois todos os que fostes baptizados em Cristo, revestiste-vos de Cristo mediante a fé” (Gl 3,27), fala deste revestimento através do baptismo, um revestimento semelhante ao apresentado em 20a.

Antonio Pitta fala de uma composição quiástica entre 19b e o v.20 , esta não facilita a divisão do v. 20, recordemos a divisão que este autor faz e vejamos o esquema⁸⁰ (A.B.C.B1.A1.):

^{19b} A.Estou crucificado com Cristo.

²⁰ B.Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.

C. E a vida que agora tenho na carne,

B1.vivo-a na fé do Filho de Deus

A1.que me amou e a si mesmo se entregou por mim.

⁷⁸ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 171

⁷⁹ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 171

⁸⁰ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 151

Analisando este esquema, começamos por ver que a vida na carne (C) é ponto de chegada de A e B e ponto de partida para B1 e A1. Das relações existentes, percebemos que Paulo ao referir-se à sua crucificação com Cristo fundamenta em A1 que Cristo o amou e se entregou por ele na cruz, deu-lhe a maior prova de amor.

Com Paulo se refere à morte, ao facto de deixar de viver abre portas para uma nova vida, a vida em Cristo, esta vida é na fé do Filho de Deus (B1), tudo isto uma vida na carne que vive o já e espera o ainda não, a ressurreição da carne.

Em relação a A e A1 “Paulo relaciona-se num modo de todo pessoal, ao evento da morte de Cristo”⁸¹, Antonio Pitta fala do uso do aoristo, que cria uma ligação com a morte de Cristo, este uso ao referir ao amor e à entrega do Senhor com o uso deste tempo permite uma aproximação temporal.

Existe uma clara aproximação por parte de S. Paulo aos acontecimentos mais importantes vividos com Cristo, o uso da primeira pessoa do singular estabelece uma ligação mais forte com estes momentos.

O versículo 20 encontra-se marcado pelo tema da vida deste o não viver, para que Cristo viva nele até ao amor e à entrega que se concretizou na vida de Cristo.

Como poderemos assistir em 20a existe uma mudança, se inicialmente passámos da morte à vida, em 19b, depois da crucifixão passamos dessa morte na cruz à vida em Deus, partindo do quiasmo, Pitta refere “Se em (A) Paulo susteve a própria participação na crucificação de Cristo, em (B) o movimento é inverso: do evento da cruz ao presente da vida de Paulo”⁸². Este presente é a vida da carne, falamos de uma vida diferente, uma vida que se assemelhou à paixão e à morte de Cristo tendo em vista uma vida nova através da fé.

Um dos aspectos sobre o qual se deve maior relevo é a configuração de Paulo com Cristo, o discípulo que procura seguir os passos do mestre, o cristão que procura viver segundo o seu nome, Paulo procura uma vida em Cristo segundo o evangelho. O momento de Damasco é o encontro que marca a vida de Saulo, Paulo passou a viver uma vida livre da cegueira, uma vida segundo a Luz. O afirmar a vida de Cristo nele, é a certeza de que a vida de Saulo passou pelas águas do Baptismo, donde nasceu Paulo, mas mais importante donde nasceu Cristo em Paulo.

Paulo pode não ter conhecido Cristo como os apóstolos, mas todo este caminho que 19b e 20a reflectem são uma aproximação aos momentos mais importantes da vida de Cristo. A exigência que Paulo trouxe à sua vida é um caminho através da cruz até à ressurreição.

⁸¹ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 152

⁸² ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 153

Através de (B e B1) percebemos que 20 a só tem sentido porque é uma vida na carne mas também na fé, a fé permite ao homem na sua liberdade dizer Sim a Deus e ao seu projecto, deixar-se guiar por Deus é um testemunho dessa fé. Acerca destes dois pontos na análise quiática Pitta refere que “A relação entre (B-B1) permite compreender a razão pela qual Cristo vive em Paulo: a causa da fé no filho de Deus (B1), este continua a viver na existência de Paulo (B), como de todo o crente”⁸³.

Acompanhando estes versículos, depois desta morte para a Lei chegamos a uma vida em Cristo, horizonte da vida dos cristãos. Podemos retirar uma conclusão através das antíteses no v.16 e no vv. 19 e 20. No primeiro versículo fala-se das obras da lei e do oposto que é a fé em Cristo, esta última é que permite a justificação. No segundo e terceiro versículos fala-se da morte para a lei e da vida para Deus, uma vida na fé. Paulo procura sublinhar a importância da fé, como fundamento da vida cristã contrária à vida segundo a lei. Esta perspectiva acaba por ser contrária aos judeus, a vários dos destinatários a quem Paulo se dirige, “tanto antioquenos como gálatas, pois para o judaísmo e cristianismo judaizante ‘viver para a lei significa viver para Deus e, em consequência, morrer à lei equivale a morrer a Deus’.”⁸⁴

Podemos falar da relação A-A1 como uma ligação que se estabelece entre a crucifixão com Cristo e a sua crucifixão que foi a maior prova de amor e de entrega e em B-B1, como uma ligação entre a vida em Cristo e a vida na fé. Toda esta vida é na carne (C), Paulo não fala destas experiências sem ter em conta a sua realidade humana, a sua vida na carne. Antonio Pitta escreve que há “alguns consideram os elementos (B1.A1) do quiasmo como «pré-paulinos»”⁸⁵.

“ E a vida que agora tenho na carne” (Gl 2, 20), o facto de Paulo referir agora pretende evidenciar que a vida em Cristo não é uma vida passada ou uma vida tendo em conta o futuro, mas é uma vida no tempo presente.

Para além de falarmos da vida podemos daqui retirar mais quatro aspectos importantes, o primeiro é que o apóstolo fala de uma vida na carne, parte do humano, da sua realidade para falar de Deus. O segundo é o testemunho de fé no Filho de Deus, em Jesus com quem anteriormente em 20 a refere que é Cristo que vive nele. O terceiro é a referência ao amor de Cristo, diante da paixão, morte e ressurreição que são realçados no versículo anterior e neste, Paulo sublinha a maior prova de amor aqui presente. O último é a entrega, foi o próprio Cristo que por amor se entregou. O apóstolo está crucificado com Cristo que o amou e se entregou por ele. E esta vida na fé que fala em 20b só acontece porque ele deixou de viver para Cristo

⁸³ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 153

⁸⁴ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 172

⁸⁵ ANTONIO PITTA, *Lettera al Galati*, 154

viver nele. Frank Matera fala de quatro aspectos, onde podemos ver algumas semelhanças e diferenças em relação aos anteriores:

“Que me amou e se entregou a si próprio por mim: Esta frase é significativa por várias razões. Primeiro, é o único lugar onde Paulo fala de Cristo que o ama, mas cf. Rm 8, 35. Segundo, onde em Rm 4, 25 e 8, 32 fala de Deus a entregar Cristo, aqui é Cristo que se entregou a Si próprio à morte. Terceiro, a passagem inteira é altamente pessoal. Quarto, a passagem dá um exemplo vivido da fé de Cristo: Ele entregou-se a Si próprio pelos outros”⁸⁶.

S. Paulo no testemunho que dá da sua vida não separa vida e fé. Esta vida nova em Cristo só é possível na fé no Filho de Deus. Vida e Cristo jamais se podem separar. Foi esta a principal mudança que ocorreu na vida de Paulo. Este apóstolo reconhece nesta vida nova o amor do Senhor e ainda a maior prova de amor, a entrega. Paulo acaba por fazer uma profissão de fé, assume na sua vida estes factos, por isso o uso da primeira pessoa do singular, torna este acontecimento como estando relacionado também com ele.

Continuando a estudar o v. 20, podemos ver que existe uma relação importante entre 20a e 20b, entre a morte e a vida, entre a fé a conservação do nosso ser. É Cristo que passa a viver, toda esta passagem tem em vista a preparação de uma morada, para que a vida seja em Cristo, acerca deste v.20 Heinrich Schlier escreve:

“Fixando-se em que o morrer com Cristo tem como sequência a vida de Cristo no morto – v.20a -, e em que é na fé nele como guarda este novo ser, o ser de Cristo em mim – v.20b -, é como se vê claramente a inconsistência da objecção de que a justificação pela fé em Cristo favorece ao pecado e faz a Cristo seu servidor”⁸⁷.

Quando Paulo menciona amor e entrega não é possível separar estes dois aspectos, o amor concretizou-se numa doação da vida, Cristo na cruz dá-Se por amor. Em relação a isto é possível concluir que “Tendo falado da fé do Filho como um espaço de poder que dá vida, Paulo agora especifica esse poder por duas cláusulas participiais (tempo aoristo), falando do amor do Filho e da promulgação daquele amor no seu próprio sacrifício.”⁸⁸ O sacrifício é sinal desses dois aspectos, a cruz tem estes dois significados para os cristãos, nela Cristo entrega-Se porque ama.

Um outro binómio paulino é vida - fé, só existe vida porque há esta fé no Filho de Deus e só existe esta fé porque há vida, o apóstolo menciona que é uma vida na carne, se consideramos esta como uma vida nova, não podemos considerar aqui o termo carne num sentido pejorativo:

⁸⁶ FRANK MATERA, *Galatians*, 96

⁸⁷ HEINRICH SCHLIER, *La carta a los Galatas*, 120

⁸⁸ J. LOUIS MARTYN, *Galatians*, 259

“A linguagem e a sua formulação são paulinos, também em Gál 2,20b, onde se voltam a encontrar juntos “viver” e “fé”, o que parece uma nova ressonância do texto de Hab 2,4. Ainda o ponto de partida é tradicional (cf. Gál 1,4; 1Cor 15,3; Mt 20,28; Mc 10,45), não há motivos para postular uma fórmula tradicional pré-paulina na frase “que me amou e se entregou por mim” (ὅπερ ἔμου); uma expressão que voltará a aparecer em Ef 5,2.”⁸⁹

Desta vida na fé podemos partir para a justificação, para a relação que existe entre vida e justificação pela fé e para o mau entendimento que existe quando se relaciona vida e justificação pela lei. Na primeira perspectiva que era a que Paulo queria trazer à comunidade gálata, entende-se que a vida eterna, a salvação é um dom de Deus, é Deus que nos justifica. No segundo modo de ver esta problemática da justificação, o homem acha-se merecedor da salvação, pelo facto de ter cumprido todas as normas que lhe estavam exigidas. Os primeiros reconhecem o valor da entrega de Cristo e o seu amor, os defensores da segunda admiram as suas capacidades. Heinrich Schlier acerca disto refere:

“Pois quem justifica-se pela lei quer ganhar-se a vida justificada à base das obras exigidas pela lei, ainda que quem justifica-se pela fé em Cristo reconhece a vida que chegou pelo amor de Cristo, como algo que se oferece. Por isso desaparece a vida ao homem que justifica-se pelas obras, ainda que mantém-se a vida daquele a quem justificou o amor de Cristo na fé.”⁹⁰

Esta reflexão sobre a justificação aclara o tipo de visão daquele que vive apenas segundo a lei, este não entende a salvação como dom de Deus, como expressão do Seu amor. O que se fundamenta apenas na lei só consegue olhar para as suas obras e vive uma alegria pelo facto das suas obras serem executadas segundo a lei, uma alegria pelas suas capacidades.

3.5.3 V. 21: A justiça veio por Cristo

Neste versículo volta-se à questão da Lei, que não é ela que nos justifica, se fosse ela de nada teria valido a entrega de Cristo, Ele não tinha que passar pela paixão e pela morte. São duas as ideias centrais deste versículo, primeiro a afirmação por parte de Paulo, que não rejeita a graça. Em seguida outra tese de Paulo, que refere que se a justiça viesse da Lei a morte de Cristo teria acontecido sem haver necessidade alguma. São vários os autores que consideram este versículo polémico, “chegou-se a propor que Paulo estaria respondendo a uma acusação dos seus opositores, que falariam da lei com a expressão «a graça de Deus», entendida como o «dom de Deus».”⁹¹.

⁸⁹ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 173

⁹⁰ HEINRICH SCHLIER, *La carta a los Galatas*, 123

⁹¹ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 175

O considerar a Lei como um dom de Deus é uma contradição, uma vez que foi esta que levou Cristo à morte. Em Cristo é a “lei do amor” que orienta a vida, tudo o que estiver de acordo com o amor a Deus e aos homens, está dentro dessa “lei”, contudo esta leitura não é subjectiva mas de acordo com o que por Ele foi revelado. Paulo procura alertar para as falsas teorias que os mestres anunciavam, este apóstolo, “não pode fazer mais luz sobre este dom de Deus. Por tudo isto ele nunca aceitará que a Lei seja capaz de justificar ao homem.”⁹² .

Foram os problemas daquele período que levaram a esta discussão, foram questões que terão começado em algumas comunidades e com o tempo estenderam-se a outras. Nesta fase primitiva a Igreja teve que saber responder às questões levantadas, foi o que Paulo fez. Este versículo acaba por ser a parte final da tese de Paulo nesta perícopie:

“Gál 2,21, a modo sumário, não faz senão reformular o princípio essencial que subjaz a toda a nossa passagem em torno da justificação. Dificilmente podia ter-se recolhido esta problemática de forma mais breve ou mais nítida. Recolhendo os termos básicos (νόμος, δικαιοσύνη, Χριστός), Paulo sintetizou a sua polémica com os judaizantes chegados a Antioquia, que apresenta, sem dúvida, como uma lição para os da Galácia.”⁹³

Esta parte acaba por ser uma catequese sobre vários conceitos que eram novos para esta comunidade e que não tinham ficado bem compreendidos na primeira evangelização de Paulo. Foram alguns mestres que criaram várias dúvidas e toda uma instabilidade, que Paulo como “pai” sentiu a necessidade de escrever-lhes apontando-lhes a meta para a qual decidiram caminhar.

Paulo não quis que estes caíssem num fideísmo num fé sem quaisquer fundamentos, mas explicou-lhes a base da fé no Filho de Deus e convidou-os a uma configuração com Cristo.

4. Leitura comparativa

Neste ponto pretendemos realizar uma leitura comparativa da carta aos Gálatas com a carta aos Romanos e com a carta aos Filipenses. Na primeira parte o estudo será sobre a relação existente entre a carta aos Gálatas e a carta aos Romanos, na segunda parte será aprofundada a ligação patente entre a Carta aos Gálatas e a carta aos Filipenses.

Com este estudo procuraremos aprofundar os temas centrais que se encontram nestas cartas. Uma vez que o autor é o mesmo, o estudo desta três cartas permitirá clarificar o seu ponto de vista acerca de alguns dos pontos comuns a estas comunidades. Todo este trabalho levará a analisar semelhanças e diferenças entre as três comunidades, permitindo conhecê-las

⁹² BARNABAS M. AHERN, *Conoce La Biblia: Nuevo Testamento*, 27

⁹³ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquia*, 176 e 177

melhor. Esta análise é importante fazendo perceber que a carta aos Gálatas não está isolada, mas encontra-se entre o conjunto das cartas de Paulo às comunidades.

4.1 A carta aos Romanos

Estas cartas paulinas são duas cartas com algumas directrizes semelhantes, Paulo na sua carta aos Romanos e também na carta aos Gálatas debate-se com o mesmo problema, a evangelização dos pagãos.

O apóstolo Paulo considera que o evangelho não devia apenas ser reservado a um povo mas deveria chegar a todos os homens, por isso também a evangelização dos pagãos. Como ele diz na carta aos Romanos, “Eu não me envergonho do Evangelho, pois ele é poder de Deus para a salvação de todo o crente, primeiro o judeu e depois o grego.” (Rm 1,16) ou na carta aos Gálatas onde faz referência ao anúncio deste evangelho aos gentios, “Mas, quando aprovou a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que anuncie como Evangelho entre os gentios, não fui logo consultar criatura alguma...” (Gl 1, 15-16).

Estas cartas procuram que os seus destinatários vejam a salvação como um dom de Deus, Paulo condena olhar para a salvação como resultado do esforço humano. Barnabas Ahern acerca da relação existente entre estas duas cartas escreve:

“A verdade que une a doutrina de Romanos-Gálatas é a gratuidade absoluta e iniciativa total de Deus na obra da salvação do homem (Rom 11, 30-36), que iniciou com a sua livre promessa a Abraão, e completou por meio da obra redentora de Cristo. Paulo opõe radicalmente o carácter gratuito da verdadeira salvação (Rom 3, 21-26; Gál 3, 1-5) a todo o sistema que se apoia no mero esforço humano, já se trate de um paganismo desviado que busque a felicidade na adoração de deuses falsos (Rom 1, 18-32), já, incluso, de um Judaísmo como sistema de salvação do homem, incapaz de levantá-lo por cima do nível pelo que se arrasta inevitavelmente nas sendas do pecado de Adão (Rom 5, 12 ss).”⁹⁴

Deus começa esta história da salvação com Abraão e é com Cristo que esta redenção se concretiza, todo esta Aliança não teve nenhum preço, foi por amor e o amor é gratuito. Ao amor de Deus o homem só pode corresponder com o seu amor, o pecado humano demonstra a fragilidade do homem, contudo torna claro a grandeza e a gratuidade do amor de Deus. Só O Deus misericordioso pode justificar, “Só uma intervenção misericordiosa de Deus, que é quem tem poder de justificar ao homem, já seja o Abraão da Antiga Aliança (Rom 4; Gal 3, 15-18), já um judeu do primeiro século ou um pagão da Nova Aliança”⁹⁵.

⁹⁴ BARNABAS M. AHERN, *Conoce La Biblia*, 11 e 12

⁹⁵ BARNABAS M. AHERN, *Conoce La Biblia*, 12

Existem outros aspectos comuns a ambas as cartas, como é a questão da Lei. Para os dois destinatários Paulo explica que o importante não é a circuncisão mas a conversão do coração. Paulo refere: “Mas aquele que o é no íntimo, esse sim é que é judeu, e a circuncisão que conta é a do coração, operada pelo Espírito e não por causa da letra da Lei.” (Rm 2, 29 a). Aos Gálatas acerca da mesma questão escreve, “Pois, em Cristo, nem a circuncisão vale alguma coisa, nem a incircuncisão, mas sim a fé que actua pelo amor.” (Gl 5, 16).

Um outro aspecto importante é a justiça, a justiça de Deus, só esta pode salvar o homem. A justiça humana de nada serve sem a justiça de Deus, pois a primeira é através da Lei, esta sem a justiça de Deus nada vale:

“Toda a justiça humana só é possível como um efeito da justiça de Deus, i. e., da sua generosa vontade que intervém para refazer o coração do homem de acordo a tudo o que se requer. Assim também a obra consumada da salvação do homem deve ser igualmente levada pela generosidade de Deus dirigindo à perfeição a obra que ele começou. Fora dela, o homem vive baixo a “ira de Deus”, desde que o deixou, e multiplica de tal maneira os seus pecados que parece abandonado por Deus, único capaz de salvá-lo (Rom 1, 18-3, 20)”⁹⁶.

Só Deus pode salvar o homem, das grandes problemáticas surgidas na Igreja primitiva, uma das mais complicadas era a tentativa do uso da lei para garantir a salvação. O homem procurava usar os meios que tinha para garantir a sua salvação, por isso algumas práticas eram consideradas necessárias para que este recebesse a recompensa que lhe estava prometida. S. Paulo relembra o que Cristo já tinha anunciado, que só Deus pode salvar. O corte com algumas práticas pelo apóstolo criou grandes problemas. Esta carta procura defender a mesma tese que a carta aos Gálatas apresenta, que só Cristo pode salvar, que só Ele é o Caminho. Terminando a sua reflexão sobre esta relação Barnabas Ahern conclui:

“Porque inclusive os outros meios divinos de salvação anteriores, tal como a Lei de Moisés, a circuncisão, etc. (Rom 9, 4-5; 3,1-2), foram pretendidos somente para preparar o caminho para Cristo e para ensinar aos homens que vão a necessitá-lo (Rom 7, 7 ss). Uma vez que ele veio à terra todos os privilégios do povo judeu perderam todo o seu valor (Rom 2, 25-29; Gal 3, 22-25)”⁹⁷.

Estes aspectos que com Cristo mudaram foram bem explicitados por este autor, deixaram de haver privilégios apenas para um grupo de pessoas mas Cristo abre a sua salvação a todos os homens, inclusive os pagãos com quem Paulo bastante se preocupa. Uma coisa foi o caminho realizado até à vinda de Cristo, outra coisa é o percurso que Cristo chama a viver, Paulo alertou para as mudanças.

⁹⁶ BARNABAS M. AHERN, *Conoce La Biblia*, 12

⁹⁷ BARNABAS M. AHERN, *Conoce La Biblia*, 12 e 13

Como temos vindo a analisar existe uma forte ligação entre estas duas cartas, pelos temas, por toda uma estrutura que tem as mesmas bases e os mesmos objectivos, a evangelização dos gentios. Há uma ligação entre dois versículos da carta aos Gálatas e duas partes da carta aos Romanos. Dum trabalho elaborado por P. Dornier e M. Carrez apresentaremos num quadro⁹⁸ os versículos que são objecto do nosso estudo:

Gálatas	Romanos
2,16	3, 20.28
2,19	7, 4-6

Em relação a Gl 2, 16 e Rm 3, 20. 28, na primeira carta fala-se da justificação pela fé e não pelas obras da lei, na carta aos Romanos no terceiro capítulo, no v.20 refere-se a justificação não é pelas obras da lei e no v.28 diz-se que é pela fé. Gl 2, 19 fala da morte para a lei e da vida para Deus, em Rm 7, 4-6 fala dessa morte para a lei mas aqui também se tem em conta a vida segundo o Espírito.

4.2 A carta aos Filipenses

A carta aos Filipenses também tem algumas proximidades quanto ao seu conteúdo com a carta aos Gálatas. Esta carta também tem em conta a problemática da justificação, é uma prova que esta questão chegou a várias comunidades. Outro ponto comum entre as duas cartas é a questão da lei, como escreve Jacinto Núñez, “na carta aos filipenses o vocabulário da justificação e da lei concentra-se na perícopes de 3, 2-11 e particularmente no texto de Flp 3,9, uma espécie de meteorito de Gál e/ou Rom”⁹⁹.

Na carta aos Filipenses fala-se de dois tipos de justiça, uma segundo a lei e outra segundo a fé em Cristo. Nesta carta Paulo recorda a comunidade que ele seguia a primeira, contudo deixou tudo pois encontrou uma riqueza maior, Jesus Cristo. Deixar tudo, na linguagem da carta aos Gálatas refere-se ao morrer para tudo, com Cristo Paulo morreu para a lei a fim de viver para Ele. A carta aos Romanos parece também ter alguma relação com a carta aos Filipenses, tanto Israel como Paulo enquanto fariseu devido à sua dedicação à Lei, não viam nela um meio para chegar a Cristo. Paulo na carta aos Gálatas reprovará esta atitude que também foi a sua e aponta para Cristo, como Aquele que é a meta para onde todos devem caminhar.

Deparamo-nos com o problema da circuncisão, que é tratado em ambas. Este sucede mais dentro do Cristianismo, pois os judeus convertidos que tinham cumprido algumas

⁹⁸ AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, 119

⁹⁹ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 206

práticas como a circuncisão queriam impô-la também aos gentios convertidos. Em relação a estas cartas ainda pode-se acrescentar:

“De facto, o paralelismo de Flp 3,9 e Gál 2, 16 estende-se mais além da antítese e alcança à estrutura e ao “movimento” dos respectivos contextos literários, assim como os contextos históricos. Em ambos os casos, com efeito, a antítese justificação – lei utiliza-se em ambiente de polémica, não anti-judia mas intra-cristã. Paulo reage contra a pretensão dos seus oponentes judaizantes de exigir também aos gentios a observância da lei; ainda que não se trata seguramente do mesmo grupo de pessoas nem das mesmas exigências concretas; por exemplo, em Antioquia não estava implicada a circuncisão como em Filipos ou na Galácia”¹⁰⁰.

É com a imposição que Paulo não concorda, no seio das comunidades esta questão torna-se bastante complexa, no caso destas duas cartas as comunidades são diferentes mas o problema tem a mesma origem, a transição do Judaísmo para o Cristianismo.

Estes dois versículos apresentam bem a tese de Paulo, este apóstolo alerta que a justiça vem de Deus e que é a fé em Jesus Cristo que levará à justificação, o Senhor justificará gratuitamente, concederá este dom, que não terá mérito algum da parte do homem. É Deus que salva e não o homem que se salva. Desta forma o homem deve confiar em Deus, morrendo para as suas falsas convicções e deixando Cristo viver nele.

¹⁰⁰ JACINTO NÚÑEZ REGODÓN, *El Evangelio en Antioquía*, 218

Capítulo II

O grande tema deste segundo capítulo é a vida em Cristo, começaremos por falar da crucificação e das suas implicações, para chegarmos à vida em Cristo, isto numa primeira parte, e terminaremos com alguns desafios na última parte. No primeiro ponto ao abordarmos a crucificação teremos em conta a Lei e a morte para esta, olhando para a nova lei deixada por Cristo. Ainda neste ponto referir-nos-emos à primazia da fé sobre a lei. Na vida em Cristo partiremos de Cristo como fonte e falaremos Dele como meta, para terminar esta parte com a teologia e missão de Paulo. No segundo ponto falaremos de dois desafios, um ecuménico acerca da justificação e um pastoral sobre Lei e fé no século XXI.

1. Jesus e Paulo

Este primeiro ponto procurará a partir da relação existente entre Jesus e Paulo aprofundar 2,19b-20a, “Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. Este está dividido em duas partes, a primeira sobre a crucifixão e a morte e a segunda acerca da vida em Cristo. Pretendemos através deste trabalho compreender o que Paulo quer dizer ao referir que estava crucificado com Cristo e como é a vida nova de que Paulo escreve.

1.1 Da crucifixão à morte (“Com Cristo estou crucificado”, Gl 2, 19b)

Inicialmente em 1.1 falaremos de Gl 2, 19b e deste partiremos para alguns subtemas importantes, o primeiro pretende ser uma análise da mudança que ocorre da antiga Lei para a nova Lei e o segundo tem como fim estudar a relação existente entre a Lei e a fé. O fim deste estudo será entender as mudanças que ocorreram na vida de Paulo a partir do encontro com Jesus. Como é que Paulo entende a Lei de que Jesus falou? Qual o papel da fé em Paulo?

1.1.1 Da vida segundo a Lei à nova Lei

Começemos por olhar para o Judaísmo, no momento da Aliança Deus dá ao seu povo um conjunto de princípios, para que este saiba distinguir o que está correcto do que está errado (cf. Ex. 20, 1-17). O Decálogo permite ao povo tomar conhecimento do caminho a seguir. Perante a lei o homem faz um bom ou um mau uso da sua liberdade, desde o primeiro

livro da Sagrada Escritura que esse aspecto é abordado, Deus define o caminho (cf. Gn 2, 16-17) e o homem aceita-o ou rejeita-o.

Através dos relatos da infância de Jesus tomamos conhecimento que os seus pais cumpriam as várias prescrições. O evangelho segundo S. Lucas é aquele que melhor nos relata alguns desses momentos, um desses acontecimentos é a circuncisão e a apresentação (cf. Lc 2, 21-27).

Quando Jesus começa o seu ministério, existem algumas práticas e prescrições que são levadas à perfeição. Continuando a seguir o evangelho S. Lucas, deparamo-nos com uma cura ao sábado, onde Jesus dá primazia à vida e ao bem. Nessa perícopa Jesus questiona o que é mais importante, “Disse-lhes Jesus: «Vou fazer-vos uma pergunta: O que é preferível, ao sábado: fazer bem ou fazer mal, salvar uma vida ou perdê-la?» ” (Lc 6, 9). A vida e o bem estão acima da Lei, pois a Lei deve ser um meio para estes dois aspectos. Nenhuma lei deve privar o homem do amor a Deus e do amor aos irmãos.

No evangelho segundo S. Mateus Jesus refere-nos que não veio revogar a Lei mas levá-la à perfeição (cf. Mt 5, 17). Em Jesus o importante é a lei do amor e a lei da misericórdia, o amor a Deus e aos irmãos é um amor que se vai aperfeiçoando. Quanto mais se ama, melhor se ama e mais se quer amar, na lei do amor não tem sentido a lei de talião. O homem com um amor maduro não se mede pelo amor dos outros mas pelo amor que Deus lhe propõe.

Em algumas situações surgiu o confronto entre a antiga Lei e a Lei de Jesus, como é no caso do divórcio. No evangelho segundo S. Marcos, quando os fariseus afirmaram que Moisés em relação ao divórcio disse para escreverem uma carta de repúdio e se divorciarem, Jesus diz-lhes que isso foi devido à dureza do coração. Levada à perfeição esta nova lei diz que quem se divorciar e voltar a casar comete adultério em relação ao outro cônjuge, aqui está presente a indissolubilidade do matrimónio.

A Lei que veio de Deus foi deturpada, este facto teve várias consequências, a maior de todas foi a morte de Jesus. Esta não foi um meio para descobrir a Verdade, para chegar a Jesus Cristo. A Lei levou à morte de Cristo, na Sua morte estiveram presentes duas leis, a Lei judaica e a lei civil romana, na qual a crucifixão era a pena máxima.

No tempo de Jesus houve alguns pontos que não foram assumidos por aqueles que o condenaram, que Jesus é Deus, que Deus é o Senhor da Criação e que por isso mesmo “Senhor do Sábado” (Lc 6, 20).

Analisando agora a relação entre a lei e a crucifixão de Cristo, através de algumas perícopes percebemos o papel da lei nessa situação. Primeiro Jesus é apresentado ao tribunal judaico, onde estavam presentes os anciãos do povo, sumos sacerdotes e doutores da lei, neste

tribunal podemos ver representada a lei religiosa. Em seguida Jesus é levado ao tribunal romano, onde será julgado pela lei civil. Considerando Pilatos que Jesus por ser galileu deveria ser julgado por Herodes foi mandado ao rei Herodes Antipas, mais um representante do poder civil, que o enviou novamente a Pilatos. Algumas destas leis que levaram à crucificação do Senhor são obra dos homens.

Sabemos através de alguns relatos que Jesus recorda quase sempre a Lei de Moisés, contudo não faz dela um fim mas um meio para chegar à nova Lei, a lei do Amor. Com o jovem rico Jesus recorda-lhe os mandamentos (cf. Lc 18, 20), parte do caminho feito por cada homem para uma proposta mais exigente e mais perfeita.

O Senhor não segue o mesmo caminho daqueles que o antecederam, estes estavam ao serviço da Lei, desde a tribo de Levi aos profetas. Jesus está acima da Lei, “coloca-se acima da Lei e recusa de se curvar às suas exigências. Ela não domina nem controla a sua vida”¹⁰¹. A partir da revelação do Senhor, a Igreja seguirá o caminho que o mestre ensinou, um caminho em que a maior máxima é o amor a Deus e aos irmãos.

Existem alguns aspectos com que Jesus não acaba, na cura de um homem que tinha lepra, Jesus diz a esse homem para apresentar-se ao sacerdote e oferecer o que estava prescrito na Lei de Moisés (cf. Mt 8, 4). Isto demonstra que algumas das práticas não estavam erradas, contudo haviam outras que devido ao caminho feito tinham que ser mudadas.

Jesus Cristo propõe uma Nova Lei, uma Lei em que Deus não é um juiz sem piedade, mas que usa de misericórdia para com os seus filhos. Podemos ver Jesus como um novo legislador que procura em tudo dar a conhecer a Verdade, transmitir aos homens a vontade do Pai. Partindo da leitura dos evangelhos sinópticos, estes “descrevem a atitude de Jesus para com a Lei do Antigo Testamento, fica claro que Jesus se proclama o novo legislador, o qual, com pleno poder e em nome próprio, anuncia a vontade de Deus, e com isto a Lei de Moisés é ‘cumprida’ (completada)”¹⁰².

Como já vimos, com Jesus toda a Lei com todos os seus mandamentos é reduzida apenas a um. A Lei é levada à perfeição com o “novo mandamento” (Jo 14, 34a): “que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos ameí”(Jo 14, 34b), um amor que parte sempre de Deus para os irmãos, por isso tudo se resume ao amor a Deus e também ao próximo (cf. Mt 22, 34-40).

Pode-se entender uma unidade entre a pessoa de Cristo e a Lei, porque em Cristo está presente o Reino e o caminho a fazer para chegar até esse Reino, a Lei é essa orientação. Cristo não impõe nada, pois respeita a liberdade da criatura, todavia propõe, como Bom

¹⁰¹ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Jésus et Paul*, 86

¹⁰² HENRI CAZELLES E PETER BLAESER, «Lei», DTB v. II., 632

Pastor aponta o percurso que o seu rebanho deve percorrer. Por isso, “uma clara distinção entre Lei e pessoa de Cristo não é possível, pois ambos constituem estreita unidade. Visto que na pessoa de Cristo veio o Reino de Deus, nele também está revelada a radical e absoluta exigência de Deus correspondente a esse Reino”¹⁰³.

O mandamento que Cristo define como o mais importante é um convite à sua imitação, ao seu seguimento, um exemplo deste seguimento é a vocação de Mateus, despojou-se de tudo e seguiu Jesus (cf. Mt 9,9). Através da morte para a Lei procura-se chegar a uma imitação de Cristo, é o “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20a), deixar Cristo viver em nós e viver de acordo com essa vida Dele em nós. Desta forma, “o mandamento de Cristo identifica-se com a frequente chamada à imitação de Cristo”¹⁰⁴.

Como é possível ver ao longo do Antigo Testamento, o povo de Israel tinha uma Lei que orientava a sua vida, mas com Jesus essa Lei não fica igual, por isso falamos de uma Nova Lei, uma Lei levada à perfeição pelo Senhor.

Saulo cresceu orientado pela Lei, como fariseu que era cumpria as várias prescrições, ele próprio refere “e no judaísmo ultrapassava a muitos dos compatriotas da minha idade, tão zeloso eu era das tradições dos meus pais” (Gl 1,1 14). O encontro com Cristo faz com que Saulo reconheça a Verdade e siga uma outra Lei, a Lei de Jesus Cristo. Paulo “fez um caminho para poder afirmar: «Uma só fórmula contém a Lei na sua plenitude: ‘tu amarás o teu próximo como a ti mesmo’» (Gl 5, 14) e «Carregai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a Lei de Cristo» (Gl 6, 2)”¹⁰⁵.

Em relação a Saulo, enquanto fariseu, temos diante de nós um fiel seguidor do Judaísmo. Enquanto Saulo, este via a Lei como um conjunto de princípios que permitiam cumprir a vontade de Deus. Com Damasco Paulo percebe que alguns desses princípios, algumas dessas práticas tornaram-se meramente humanas, o que levou a alguns radicalismos. O homem através da sua razão fechou-se nas suas capacidades, reduziu-se às suas competências, fechando o coração a Deus, por isso não acolheram Jesus Cristo.

S. Paulo não concordava com esta Lei, por isso sofre uma morte para a Lei, “É que eu pela Lei morri para a Lei, a fim de viver para Deus” (Gl 2, 19a). Tanto Saulo como Paulo, antes e depois de Damasco queriam viver para Deus. Esta morte para a Lei foi uma morte para a antiga Lei, para daí chegar a uma vida para Deus, uma vida nova com uma Lei nova, uma vida em Cristo.

¹⁰³ HENRI CAZELLES E PETER BLAESER, «Lei», DTB v. II, 632

¹⁰⁴ P. BLAESER, «Ley», CFT v. II, 495

¹⁰⁵ JEROME MURPHY-O’CONNOR, *Jésus et Paul*, 119

Para Paulo a Lei mosaica não é uma solução, nem um fim, pois pode apontar caminhos mas não tem a força para libertar os homens da escravidão do pecado, só Cristo libertou o homem, entregando a sua vida por todos nós. Jean-Noël Aletti procura dar a conhecer uma leitura de S. Paulo acerca desta Lei:

“a Lei mosaica, teve e continua a ter, no dizer de Paulo, uma função mais limitada, a de ser cartão de identidade do povo da aliança, protegendo-o (mediante as suas proibições alimentícias e culturais), e afastando-o do resto das nações; este papel difere igualmente do de Cristo, universal e unificador”¹⁰⁶.

Esta perspectiva procura fundamentar que o povo eleito distingue-se de todos os outros pelos seus princípios, aqueles que Deus definiu como normas a cumprir por Israel. Com isto não se fecham as portas aos outros povos, apenas permitem dar a conhecer a identidade deste povo.

A Lei em Cristo é o novo caminho que este homem pretende seguir, ele afirma que “com os que vivem sem a Lei, fiz-me como um sem Lei – embora eu não viva sem a Lei de Deus porque tenho a Lei de Cristo – para ganhar os que vivem sem a Lei”(1 Cor 9, 21), Paulo nunca abandona a Lei de Cristo, que é a Lei de Deus. Mais à frente na carta em estudo Paulo escreve “Carregai as cargas uns dos outros e assim cumprireis plenamente a lei de Cristo”(Gl 6, 2), a Lei do Amor de que falávamos leva a caminhar com os outros, a ajudá-los nas suas dificuldades, a Lei de Cristo é esta Lei do Amor a Deus e aos irmãos.

A Lei de Cristo é a Lei de Moisés levada à perfeição, por isso nenhuma perde valor, contudo a do Antigo Testamento ainda se encontra numa fase “embrionária”. Acerca da Lei que Cristo propôs podemos dizer que “tem, quanto ao essencial o mesmo conteúdo que a Lei do Antigo Testamento: é o ‘resumo’ ou a ‘plenitude’ da Lei mosaica (Rom 13, 8-10)”¹⁰⁷.

Como já referimos há uma unidade entre Cristo e a sua Lei, por isso é possível afirmar que conhecer Cristo implica conhecer os seus ensinamentos, a sua Boa Nova. Desta forma chegamos a uma Lei não que não se torna apenas uma obrigação, mas há uma compreensão das suas exigências. O conhecimento de Cristo leva a uma compreensão da Lei Nova, será sempre uma compreensão à maneira de criatura. O encontro com Cristo faz com que se viva de maneira distinta, na carta aos Efésios Paulo confirma isto mesmo, dizendo: “ Vós, porém, não foi assim que aprendestes, ao conhecerdes a Cristo”(Ef 4, 20).

Também em relação com a Lei está a comunhão com Cristo, o homem estabelecendo uma relação com o Senhor procura a partir dela viver uma vida justa de acordo com a Verdade, esta comunhão é para Paulo “não somente motivo mas também norma de toda a

¹⁰⁶ JEAN-NOËL ALETTI, *Jesu-Cristo*, 44

¹⁰⁷ HENRI CAZELLES E PETER BLAESER, «Lei», DTB v. II, 632 e 633

ação moral. Os imperativos éticos aparecem em Paulo unicamente como consequências necessárias desta comunhão com Cristo”¹⁰⁸.

Ao falarmos de Lei em Paulo temos também que falar da Lei do Espírito, Paulo refere que “É que a lei do Espírito que dá a vida libertou-te, em Cristo Jesus, da lei do pecado e da morte”(Rom 8, 2). Só esta Lei pode libertar o homem, há uma clara distinção entre a antiga Lei e a nova Lei, só com Cristo o Homem é liberto da escravidão do pecado e da morte. O Espírito que vive no homem torna-o livre, com Cristo chega-se à liberdade, “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão” (Gl 5, 1).

Rom 3, 27 abrem-nos as portas para o próximo ponto, Paulo fala de uma “lei da fé”, ele afirma “Onde está pois, o motivo para alguém se gloriar? Foi excluído! Por qual lei? Pela das obras? De modo nenhum! Mas pela lei da fé.” S. Paulo procurará desenvolver a relação entre estes dois termos, sem desvalorizar a importância da Lei. Paulo confirmará a tese, de que a fé não acaba com a Lei, de que para ele a Lei também é importante, escreve na carta aos Romanos, “Quer isso dizer então que, com a fé, anulamos a Lei? De maneira nenhuma! Pelo contrário, confirmamos a Lei” (Rm 3, 31). A fé é um dom que Deus distribui a cada filho, cada homem deve viver segundo esta, “mas sinta-se preocupado em ser sensato, de acordo com a medida de fé que Deus distribui a cada um” (Rm 12, 3).

Percebemos que no apóstolo existe uma primazia da fé mas sem nunca se desvalorizar a lei, “porque assim como a pessoa e a obra de Cristo, redenção do homem, são o conteúdo da fé, assim também a exigência ética, ligada a Cristo e à comunhão com Cristo, é igualmente conteúdo da mesma fé”¹⁰⁹.

1.1.2 Da primazia da lei à primazia da fé

Como vimos no ponto anterior Paulo não anula a lei, não pretende acabar com ela mas reformula alguns aspectos a partir de Cristo. Saulo vivia de acordo com os princípios judaicos, onde havia todo um conjunto de regras que eram necessárias cumprir. Muitas das vezes umas anulavam as outras, ou o não cumprimento de uma podia ser atenuado por outra. A Lei acabava por marcar a vida das pessoas, esta não se tornava um meio para chegar a Deus, porque o homem centrava-se no seu esforço para não falhar para com nenhuma das prescrições.

¹⁰⁸ HENRI CAZELLES E PETER BLAESER, «Lei», DTB v. II, 633

¹⁰⁹ HENRI CAZELLES E PETER BLAESER, «Lei», DTB v. II, 633

Com a transição do judaísmo para o cristianismo vivia-se nas comunidades um conjunto de dificuldades, uma vez que como vimos havia diferentes perspectivas, quanto àquilo que devia ou não transitar para o cristianismo. Esta polémica chega às comunidades formadas por Paulo e este necessita de agir. São dois os pontos, “1º a validade da Lei para a justificação, e 2º a obrigatoriedade da Lei para os cristãos procedentes do paganismo”¹¹⁰.

Paulo procura fazer perceber que a fé em Cristo é necessária para a salvação, que não são as obras da Lei, o homem apenas se salva pela fé em Jesus Cristo. Este apóstolo procura libertar os pagãos do jugo, pois não é um conjunto de normas que tornarão o crente aberto a Cristo, que permitirão uma imitação livre do mestre. Uma verdade de fé que Paulo procura reforçar é o valor da morte de Cristo que nos libertou, só ela permitiu que o homem se salvasse. A ressurreição de Cristo é a vida nova que é oferecida por Deus, para que os homens possam chegar à felicidade eterna.

São vários os argumentos usados por Paulo para comprovar que “o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas unicamente pela fé em Jesus Cristo;” (Gl 2, 16). Estas provas procuram fazer perceber que não é correcto centrar-se em actos em vez de centrar-se na pessoa de Jesus Cristo. A fé não deve ser cega, por isso só com Cristo e através da sua Verdade anunciada é possível perceber que Cristo redimiu-nos, que é Ele que nos salva e que as obras que fazemos tornam a fé mais viva e são uma prova da nossa adesão à vontade de Deus.

No presente trabalho é possível perceber que a fé para Paulo é bastante importante mas esta não o leva a anunciar um Evangelho sem qualquer ligação com a Lei. Heinrich Fries defende que Paulo pretende desligar o Evangelho da Lei, não no sentido de acabar com a Lei mas sim numa tentativa de que aqueles princípios que os judeus convertidos queriam impor aos pagãos, entre os quais a circuncisão, não se encontrassem vinculados ao Evangelho,

“O ponto de partida de uma e outra série de ideias está constituído pela fé do apóstolo em Cristo, pelo seu conhecimento de que só em Cristo foi decidida toda a salvação para o homem e de que a morte redentora de Cristo é a única causa de toda a justiça; os argumentos de todo o tipo que Paulo aduz em favor de um Evangelho livre da Lei descansam, em definitiva, sobre esta fé em Cristo e hão-de ser valorizados a partir dela (pagãos)”¹¹¹.

Paulo pretende que a Lei que foi levada à perfeição por Cristo seja colocada em prática, uma Lei nova, é esta a novidade que Paulo procura introduzir nas comunidades. Esta é uma Lei que não faz acepção de pessoas, nesta pagãos e judeus são acolhidos e para ambos são dados a conhecer princípios que os levem a uma fé em Cristo. Dele receberão a justiça

¹¹⁰ P. BLAESER, «*Ley*», CFT v. II, 495

¹¹¹ P. BLAESER, «*Ley*», CFT v. II, 495

que buscam, a justiça de Deus. Esta será um caminho que Paulo fará, “Provas da luta de Paulo pelo Evangelho livre da Lei são sobretudo a narrativa de Act sobre o concílio dos apóstolos em Jerusalém e a sua pré-história (Act 15), bem como as cartas paulinas, que em graus diversos reflectem a luta interna e externa do Apóstolo com o Judaísmo”¹¹². Esta luta não é propriamente contra a Lei mas contra as imposições que através da Lei procuram impor.

Até Cristo a Lei era vista como fim, o único meio para o homem alcançar a salvação, Cristo ao resgatar o homem passa a ser o fim da Lei, esta foi a grande novidade que Paulo procurou introduzir. A encarnação, a paixão, a morte e a ressurreição são esses momentos através dos quais surge essa mudança, “Com a significação de final, quer dizer, de termo que põe fim a algo encontra-se télos em Rom 10,4 (em Cristo a lei cessou de ser caminho de salvação)”¹¹³.

Para o cristianismo a circuncisão deixa de ser um sinal, a partir da morte de Cristo a cruz é expressão da maior prova de amor. Já não é no corpo que esse sinal aparece, mas na vida, no testemunho, que deve ser uma vida imitando a Cristo. A cruz passa a recordar a morte redentora, torna-se um caminho que convida à crucifixão, à morte do homem velho, para daí surgir um homem novo, onde Cristo vive e reina.

Nas várias cartas que abordam esta questão da justificação e da Lei é possível ver que há uma “base da tese, que Paulo não cessa de proclamar, de que a justiça não provém da Lei ou que nenhum homem é justificado em virtude das obras da Lei, mas somente por meio da fé (Rom 3, 20.28; Gl 2, 16.21; 3,11)”¹¹⁴.

Como já foi referido há um perigo em viver a Lei de uma maneira cega, pois o homem através das suas obras, das suas capacidades considera a salvação como um prémio, como mérito próprio. Esta concepção de salvação é errada, pois deturpa-se aquele que é o verdadeiro sentido, a salvação como dom de Deus. Como diz São Paulo aos Gálatas, se fosse assim de nada teria valido a morte de Cristo, se fosse assim “ a justiça que procedesse da Lei seria fruto da própria actividade do homem, mérito no mais estrito sentido da palavra. Mas então «Cristo teria morrido em vão» (Gl 3, 21)”¹¹⁵.

Das várias teses para provar que a fé é mais importante, aquela que se destaca é a que parte da Sagrada Escritura. Paulo fundamenta a sua posição a partir de alguns livros, entre os quais o livro de Salmos, já aí se referia “pois ninguém é justo na tua presença”(Sl 143,2). S. Paulo parte também de algumas figuras importantes como Abraão para afirmar que “Assim foi com Abraão: teve fé em Deus e isso foi-lhe atribuído à conta de justiça”(Gl 3, 6).

¹¹² HENRI CAZELLES E PETER BLAESER, «Lei», DTB v. II, 627

¹¹³ R. SCHIPPERS, «Τέλος», DTNT v. III, 81

¹¹⁴ P. BLAESER, «Ley», CFT v. II, 495 e 496

¹¹⁵ P. BLAESER, «Ley», CFT v. II, 496

A Lei para Paulo não pode ter carácter obrigatório, “fala da abolição da Lei enquanto norma obrigatória, pois para ele a Lei jamais possuiu, nem sequer no AT, a função de caminho de salvação”¹¹⁶. Este foi um dos aspectos que procurava clarificar nas comunidades, pois queriam que os pagãos e judeus fizessem o mesmo caminho, apenas olhavam para a Lei e não para as pessoas.

Podemos comprovar que a Lei de Moisés deixou de ocupar um lugar central nas primeiras comunidades, Paulo não usa muitas referências aos textos veterotestamentários que abordem estas questões, apenas procura aqueles que fundamentem a sua tese, “um sinal claro de que a Lei veterotestamentária, como tal, deixou de ser para Paulo a norma de vida cristã, temo-lo no facto de que este, apesar das numerosas exortações morais, apenas recorre à Lei do AT num número muito reduzido de passagens”¹¹⁷.

O problema não está na Lei mas nas limitações do homem, Paulo reconhece muito bem o “abismo” que existe entre propor-se a realizar e a realização em si, este “conhece muito bem o brilho enganador que cerca a orgulhosa autoconsciência do judeu fiel...”¹¹⁸.

É a graça que justifica o homem, Paulo procura justificar isto afirmando que “Sem o merecerem, são justificados pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus” (Rm 3, 24), sendo assim vemos a graça acima de toda a Lei, só Deus mediante a sua graça pode salvar o homem.

Gl 3, 25 refere que “Uma vez, porém chegado o tempo da fé, já não estamos sob o domínio do pedagogo”, no versículo anterior Paulo fala da lei como pedagogo. A Lei pretendia ser um instrumento que formasse o povo de Israel, segundo a Lei que Deus deu ao seu povo. Com Cristo termina este domínio, vive-se segundo a fé no Filho de Deus, segundo a fé em Jesus Cristo. “Neste texto “fé” significa a nova ordem salvífica, trazida por Cristo, ordem que está de tal modo ligada a ele que quase pode ser identificada com ele.(...) Pelo facto de ter sido revelada por Cristo a fé tornou-se o único caminho de salvação.”¹¹⁹

Para S. Paulo, “É que o fim da Lei é Cristo, para que, deste modo, a justiça seja concedida a todo o que tem fé” (Rm 10, 4), Paulo nesta perícopes pretende referir que a Lei só tem sentido se tiver Cristo como o seu fim.

Τέλος é um termo com vários significados, “ que vão desde *conclusão, meta até fim, fim do mundo, morte*”¹²⁰. Este é um termo que ficou condicionado pela filosofia antiga, a partir desta o significado mais comum foi o de fim,

¹¹⁶ P. BLAESER, «Ley», CFT v. II, 498

¹¹⁷ P. BLAESER, P., «Ley», CFT v. II, 498

¹¹⁸ HENRICH ZIMMERMANN E JOHANNES B. BAUER, «Fé», DTB v.I, 420

¹¹⁹ HEINRICH ZIMMERMANN E JOHANNES B. BAUER, «Fé», DTB v.I, 422

¹²⁰ HANS HÜBNER, «Τέλος», DENT, λ-ω, v. II, 1721

“Assim, pois, ainda que na filosofia grega e, em geral, no grego clássico fica notavelmente relegado para Τέλος o significado de «fim» ou «termo», e predomina em mudança o sentido de *finalidade* (cf. também Liddell-Scott, s.v.), surpreende que, precisamente nas passagens do NT que têm importância teológica decisiva (→3), Τέλος não tenha o significado de «acabamento» ou «perfeição» ou de algo parecido, mas o de fim”¹²¹.

Rm 10, 4 é um dos versículos onde a tradução escolhida foi de fim, isto devido a questões dogmáticas, tentou-se traduzir por “«consumação», «perfeição», em vez de traduzi-lo por *fim* (claro que mais por uma decisão dogmática, previamente adoptada, que por razões filológicas)”¹²². No contexto das comunidades a que Paulo se dirigiu, devido à problemática que tinha como origem a Lei, aquele que melhor poderia esclarecer a função da Lei é demonstrar que ela é apenas um meio para o fim que é Cristo.

O entendimento deste versículo entende-se olhando para toda a perícope que se encontra em Rom 10, 1-13, nesta Paulo fala do não reconhecimento por parte dos judeus da justiça de Deus. Israel vivia orientado pelas obras da lei, este povo ao não acolher a justiça de Deus e ao criar uma justiça própria necessitava de perceber que Cristo é o fim da Lei para que desta forma na fé possam receber a justiça que vem de Deus. Desta forma o apóstolo alerta-os para a Verdade, para que estes acreditem e possam confessar Jesus Cristo na sua vida. Para isto acontecer têm de morrer para a Lei a fim de viverem para Deus.

Cristo é o fim da Lei pois resgatou-nos da morte levada a cabo pelo pecado, Ele libertou-nos da corrupção, “Cristo é o final da lei na medida em que pôs fim à função da lei de maldizer ao pecador”¹²³. O facto de não conhecer Cristo como fim da Lei tem implicações, entre as quais desconhecer que a justiça de Deus se abre aos que acreditam Nele, não perceber qual o seu verdadeiro sentido, levando o homem a avaliar o mundo através da sua própria justiça. No capítulo anterior Paulo menciona os erros de Israel, procuraram uma lei pelas obras e não pela fé (cf. Rm 9, 32). Voltamos à mesma questão que Paulo na carta aos Gálatas também abordou, que a confiança nas obras não é solução para a salvação.

Esta perícope refere-se à importância da fé, num caminho marcado pela lei surge a necessidade de uma libertação do homem do pecado, a lei aponta para Jesus Cristo que nos salvou, Jean-Piere Lémonon escreve “A Lei procura o conhecimento do pecado, ela faz assim sobressair a necessidade de um Salvador, a lei converge para o Cristo.”¹²⁴ O Salvador que Israel esperava que os viesse libertar é Jesus Cristo, o povo de Israel sentia cada vez mais a

¹²¹ HANS HÜBNER, «Τέλος», DENT, λ-ω, v. II, 1722

¹²² HANS HÜBNER, «Τέλος», DENT, λ-ω, v. II, 1722

¹²³ ULRICH WILCKENS, *La Carta A Los Romanos*, 272

¹²⁴ JACQUES SCHLOSSER, *Paul De Tarse*, 282

necessidade de não viver segundo o domínio da Lei. Com a vinda do Senhor, o fim para onde a Lei caminhava, o Salvador esperado ganha um nome, Jesus Cristo.

Para Paulo esta mudança radical quanto à salvação só sucede com a vinda de Cristo, porque antes o meio de salvação era a Lei, passou-se de um conjunto de normas a uma pessoa. S. Paulo “reconhece que a lei antes de Cristo era uma verdadeira via de salvação”¹²⁵.

Um dos problemas que surgiu na Igreja primitiva foi o da evangelização dos pagãos, pois os judeus convertidos ao Cristianismo queriam levar todas as práticas consigo, ainda que algumas delas não fizessem sentido. Havia como uma distinção entre Israel e os outros povos, pois o povo escolhido não aceitava muito bem a vinda dos gentios. Desta forma todas as leis tinham-se construído a seu favor, o que levantava dois problemas, a entrada de outros povos e ainda a imposição a estes das várias leis por Israel observadas.

Com Cristo essa lei e a sua justiça apenas para um povo deixam de fazer sentido, “Em coerência com a Lei que consente um lugar central à fé, Cristo mete fim a um tempo onde a justiça estava na direcção de um grupo particular”¹²⁶. Cristo quer criar um homem novo, acabando com a divisão entre judeus e pagãos, “anulou a lei, que contém os mandamentos em forma de prescrições, para, a partir do judeu e do pagão, criar em si próprio um só homem novo, fazendo a paz” (Ef 2, 15).

Cristo fim de toda a Lei, quando veio salvar a humanidade deu a conhecer a verdadeira justiça, após a sua vinda já não faz qualquer sentido viver dependente da Lei, o convite é a viver uma vida na fé em Jesus Cristo, Ele é o centro da vida cristã. O versículo anterior fala do não reconhecimento da justiça de Deus, “De facto, por não terem reconhecido a justiça que vem de Deus, e terem procurado estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus” (Rom 10, 3).

Acerca de Rom 10,3-4 podemos ver que o homem procura viver de acordo com a sua justiça quando não reconhece a justiça de Deus, desta forma é impossível ver Cristo como o fim da Lei:

“Não acertaram a apreciar os misericordiosos caminhos de Deus para justificar ao homem e na mudança preferiram o seu próprio caminho da observância da Lei; em consequência dele recusaram submeter-se ao plano de Deus. Pelo que se agarram à Lei embora a Lei teve o seu fim quando Cristo apareceu para oferecer a verdadeira justiça a todo o crente”¹²⁷.

Aquilo que mais surpreende na teologia paulina é a sua compreensão da fé em Jesus Cristo, esta sua ajuda foi uma mais-valia ao longo dos séculos. Paulo vê a fé como uma vida em Cristo, passa por um deixar de viver, nesta linha a crucifixão como uma morte para tudo o

¹²⁵ JACQUES SCHLOSSER, *Paul De Tarse*, 284

¹²⁶ JACQUES SCHLOSSER, *Paul De Tarse*, 284

¹²⁷ BARNABAS M. AHERN, *Conoce La Biblia*, 115

que prende o homem e não o liberta para Cristo, para chegar a uma vida em Cristo, em que Cristo vive no crente.

Podemos ver fé em Paulo, como uma grande mudança que ocorre na vida do crente por virtude da graça de Deus, o crente através desta vida em Cristo passa a viver uma relação cada vez mais próxima com Deus. O batismo é o sacramento onde acontece esta morte para o pecado para uma vida nova em Cristo. O conceito de fé em Paulo é bastante completo:

“tem um carácter renovador: transforma de tal maneira ao homem, que faz dele um novo ser, em Cristo. O crente vive como instalado na vida de Deus, da que se alimenta como a placenta natural do seu logo pessoal com o Senhor. Mas não desde uma situação de distante de Deus, mas desde a nova posição de quem morreu e ressuscitou já com Cristo, partícipe da nova criação de amor aos seus irmãos (Gl 3, 23-28). Segundo isto, o cristão tem que viver de frente ao seu próximo, numa conversão reiterada a ele, conforme as exigências da sua fé baptismal em Cristo”¹²⁸.

Esta vida que passa pela morte e ressurreição com Cristo é a vida que Gl 2, 19b-20a procura referir, a fé em Jesus Cristo é um dom que Deus concede àqueles que se abrem à sua graça. Através desta fé ocorrem sérias mudanças na vida do homem, não será uma vida segundo obrigações mas uma vida em Cristo, é Cristo quem orienta o cristão no seu caminho. A renovação que permite chegar a um homem novo não se fica por algumas partes mas transforma o homem enquanto um todo.

1.2 A vida em Cristo: Vida Nova (“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”- Gl 2, 20a)

Esta segunda parte tem como tema de fundo a vida em Cristo. Paulo compreende que Cristo é a fonte da vida e que caminhamos para Ele, pois Ele é a meta. Por isso num primeiro momento pretendemos compreender o que Paulo quer dizer quando menciona que Cristo vive nele. De que forma Paulo fala desta vida em Cristo? Esse é o aspecto que queremos explorar num segundo momento, falaremos dos seus primeiros passos e da sua missão, para depois desenvolver sinteticamente os temas centrais da sua teologia.

¹²⁸ SALVADOR VERGÉS, *La Conversion Cristiana En Pablo*, 255

1.2.1 Cristo como fonte e meta do homem

Sabemos que o homem busca durante a sua vida algumas respostas a questões essenciais. Depois de realizado algum caminho chega-se à certeza de que Cristo é a fonte e a meta da sua vida, que só Cristo dá sentido à sua existência.

Este apóstolo fala de todo um processo que sucede na realização do sacramento do baptismo, recordemos o baptismo por imersão, neste há uma descida nas águas, símbolo da morte, da descida ao sepulcro para em seguida suceder uma subida, símbolo da ressurreição, símbolo da vida nova. S. Paulo refere que “Mas, se morremos com Cristo acreditamos que também com Ele viveremos”(Rm 6, 8). Nesta morte, é crucificado o homem velho e é aniquilado o pecado que existia nele (cf. Rm 6, 6). Através deste percurso chegamos a uma vida para Deus (cf. Rm 6, 11), uma vida que já não se encontra marcada pelo pecado mas que foi renovada pela ressurreição de Cristo.

Ainda tendo em conta os baptizados, Paulo fala-lhes da união em Cristo, partindo da compreensão de corpo refere-se à unidade dos vários membros, com o fim de edificar um Corpo alicerçado no amor. Este Corpo tem Cristo como cabeça (cf. Ef 4, 15) e é através Dele “que o Corpo inteiro, bem ajustado e unido, por meio de toda a espécie de articulações que o sustentam, segundo uma força à medida de cada uma das partes, realiza o seu crescimento como Corpo, para se construir a si próprio no amor” (Ef 4, 16). O caminho deste corpo é a unidade entre os membros e a unidade à cabeça, sendo assim Paulo escreve “Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança; um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por todos e permanece em todos” (Ef 4, 4-6). Sendo assim esta unidade faz com que os membros se reconheçam como fazendo caminho com o todo, desta forma o modo como vivem afecta o Corpo, por isso é grande a responsabilidade, o convite é a viver em Cristo para que o Corpo se edifique no amor e viva em, por e para Cristo.

Uma outra referência à vida em Cristo encontra-se na carta aos Filipenses, o apóstolo refere “É que, para mim, viver é Cristo e morrer, um lucro” (Fl 1, 21), a vida de Paulo é a vida de Cristo Nele, daí resulta a sua alegria. Contudo Paulo não esquece que a sua meta também é Cristo, por isso fala da morte como um “lucro”, não esquece a vida eterna, desta afirmação também resulta uma grande alegria para ele, a certeza de uma vida sem fim junto de Deus.

Na carta aos Colossenses Paulo renova o apelo a viver essa vida em Cristo, “Do mesmo modo que recebestes Cristo Jesus, o Senhor, continuai a caminhar nele: enraizados e edificados nele, firmes na fé, tal como fostes instruídos transbordando em acção de graças” (Cl 2, 6-7). Ao referir enraizar e edificar Paulo sublinha esta concepção de alicerce, quanto

melhor e maior for esta ligação mais difícil será acontecer um corte. Nas várias cartas devido às várias propostas feitas às comunidades, Paulo tinha necessidade de as lembrar que só a fidelidade poderia produzir frutos, pois se o ramo for cortado da videira deixará de dar fruto (cf. Jo 15, 4). Uma outra advertência nesta carta é a não viver para as coisas do mundo, nunca se deve perder de vista a meta que é Cristo, “Aspirai às coisas do Alto e não às coisas da terra” (Cl 3, 2), porque é nestas primeiras onde se encontra Cristo (cf. Cl 3, 1).

Esta unidade nunca terminará, é um vínculo que não se pode dissolver, o que existe entre o Corpo e a Cabeça. Na Igreja existe uma unidade entre os seus filhos que não pode terminar, uma vez que pelo Baptismo estabelece-se uma ligação para toda a vida, os baptizados são membros de um corpo que jamais se poderá dividir. Por isso o baptizado nunca pode deixar de o ser, essa união a Cristo fica gravada no seu corpo, a sua vida é uma vida para Deus. Este percurso é feito por etapas:

“Paulo considera toda a vida cristã, como uma união progressiva com Cristo: com efeito, todos os que foram baptizados, revestiram-se de Cristo (Gál 3, 27), estão crucificados com Cristo (Gál 2, 19), estão mortos com Cristo (2 Tim 2, 11), sepultados com ele (Rom 6,4), ressuscitados a uma nova vida com Cristo (Rom 6, 4; 2 Tim 2,11); os fiéis são ressuscitados pelo Pai com Cristo e sentados nos céus (Ef 2,5), para que, glorificados com ele (Rom 8, 17), participem do seu reino (2 Tim 2, 12)”¹²⁹.

Partindo desta leitura chegamos à compreensão de Cristo como fonte e como meta do baptizado, a vida em Cristo que começa no baptismo e que vai até à participação no reino, até à vida eterna. Através de Gl 2,19b-20a é possível perceber o trajecto que vai desde a crucifixão até à vida com, em, por e para Cristo. A crucificação como o primeiro passo (cf. 2, 19b), depois “Já não sou eu que vivo” (Gl 2, 20a), aqui podemos olhar para a morte e para o sepultamento do apóstolo, “mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20a), a nova vida depois da ressurreição com Cristo.

Um outro aspecto interessante é a vida em Cristo no justo, esta vida acarreta consigo algumas exigências. Podemos aqui referir-nos ao testemunho, “A união com Cristo é um facto vital e por isso mesmo exige uma evolução ulterior através do comportamento livre do homem”¹³⁰. Na sua liberdade o homem pode demonstrar o seu assentimento desta vida nova, através das suas atitudes, dos seus actos, do modo como vive para os homens e para Deus. Esta vida só acontece quando o homem tem os olhos postos em Cristo, só assim consegue ver a vida segundo a Verdade, “tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé” (Heb 12, 2).

¹²⁹ MAURIZIO FLICK e ZOLTAN ALSZEGHY, *Antropología Teológica*, 330

¹³⁰ MAURIZIO FLICK e ZOLTAN ALSZEGHY, *Antropología Teológica*, 331

A imitação de Jesus não acontece apenas naquilo que o homem faz, mas também no modo como o homem recebe, o modo como reage perante o sofrimento pode ser igualmente um sinal da configuração com Cristo, Paulo não retirou essa parte da sua carta, ele afirma, “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2, 19b), “A união dinâmica com Cristo refere-se a toda a atitude do justo, não só no aspecto activo, mas também no passivo. O justo é partícipe das paixões de Cristo e leva as marcas de Jesus na sua carne (Gl 6, 17),”¹³¹.

Também importante neste estudo é perceber que esta vida é uma graça de Deus, um dom que Deus concede aos homens para que vivam a verdadeira felicidade, que só é possível junto de Deus. O homem apenas tem que abrir-se à graça, para que esta possa entrar na sua vida e transformá-lo. Desta forma, “A união com Cristo realiza-se «graças a Cristo»: Cristo é o que nos faz justos e nos faz agir como justos”¹³². É Cristo que aponta o caminho, por isso se agimos bem é sem mérito algum da nossa parte, nós fomos criados para o bem e para a verdade, se o fizermos apenas cumprimos a nossa obrigação.

Cristo torna-se presente no homem através do seu Espírito, Paulo refere na carta aos Romanos que é o Espírito que nos torna livres, que é Ele que nos torna pertencentes a Cristo, é o Espírito que nos dá a vida, “Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse não lhe pertence. Se Cristo está em vós, o vosso corpo está morto por causa do pecado, mas o Espírito é a vossa vida por causa da justiça” (Rm 8, 9b-10).

Muitas são as inquietações do homem, só Deus pode dar sentido à sua vida, pois só o Criador pode falar da criatura, só o Pai conhece os seus filhos, só Deus pode dar-nos a conhecer a verdade acerca das nossas vidas. Por muito que procuremos fora de Deus nunca chegaremos a uma resposta verdadeira. Cristo dá-nos a conhecer o caminho e dá à nossa vida o equilíbrio necessário, “Cristo é o único no que adquire solução o enigma constitutivo do homem até às últimas implicações da vida. Nele as tensões antropológicas que caracterizam fenomenologicamente o humano encontram o caminho da sua estabilização”¹³³.

A vida em Cristo é uma novidade paulina, este encontro com Cristo levou a um despojamento de tudo o que antes prendia o coração de Saulo. Esta vida começa por uma aceitação de que a vida só tem sentido se ela for em Cristo, o encontro com o Senhor deu um novo sentido à sua vida, o próximo passo é a passagem pela crucifixão e morte para que Cristo possa viver Nele. Com Gl 2, 19b-20a Paulo procura reforçar que só a vinda de Cristo e a paixão, morte e ressurreição levaram a esta vida nova, uma vida que não é segundo a carne

¹³¹ MAURIZIO FLICK e ZOLTAN ALSZEGHY, *Antropología Teológica*, 331

¹³² MAURIZIO FLICK e ZOLTAN ALSZEGHY, *Antropología Teológica*, 331

¹³³ AAVV, *Antropologia Teológica*, 369

ou segundo a Lei mas que é na fé em Jesus crucificado, morto e ressuscitado. Em Cristo não é uma afirmação superficial, mas significa que toda a vida está orientada para Deus, esta

“que nas cartas paulinas tem um sentido temporal e histórico. É o evento histórico da morte e ressurreição de Cristo que determina a existência cristã. O gloriar-se em Cristo é oposto ao pôr a fé na carne (Fl 3, 4). O homem deve gloriar-se em Deus por meio de Cristo (Rm 5, 11), na cruz de Cristo (Gl 6, 14) e na própria fraqueza (2 Cor 12, 9)”¹³⁴

Esta vida em Cristo não pretende apenas marcar cada tempo mas toda a história, pois é o reconhecer que foi graças a Jesus Cristo que hoje podemos ter esta vida Nele. Sem encarnação, morte e ressurreição não havia Cristianismo e sem Cristianismo logicamente que não havia cristãos. A partir de Fl 1, 18b- 26 Manuel Alves afirma que o facto de Paulo afirmar que já não vive é porque Cristo é a vida dele, é Nele que Paulo vive, o que interessa é a vida em Cristo. A morte torna-se um meio para chegar a esta vida, ela só acontece porque se procura a felicidade que acontece em Cristo, onde Cristo é a vida do apóstolo,

“Mas na realidade é tão determinante que prende o sentido do sujeito, como se dissesse: «Cristo é a minha vida!». O viver como tal não lhe interessa, porque é Cristo que constitui a sua vida, no sentido em que a sua vida produz fruto por Cristo (cf. v. 22). É próprio desta à razão da outra afirmação: «é o morrer um lucro» porque a morte o une a Cristo num modo mais perfeito”¹³⁵

Ambas as cartas, Filipenses e Gálatas estão marcadas pelo já e pelo ainda não, uma vez que esta vida em Cristo, tanto é aquela que vivemos hoje como a que Deus tem preparada para nós, a vida eterna. Na carta aos Filipenses Paulo fala do desejo dessa morte porque o levará a essa vida junto de Deus. Nesta carta este apóstolo fala do “estar com Cristo” (Fl 1, 23), o assumir Cristo como nossa vida é um compromisso para sempre, é uma entrega total. O baptismo marca esse momento em que morremos para o pecado a fim de vivermos em Deus e para Deus, renascidos dessa água existirá sempre em nós o desejo da comunhão com Deus, o desejo de estar com o Senhor, “O baptismo põe o homem numa comunhão com Cristo, que essencialmente não é diversa daquela que se possuirá depois da morte”¹³⁶.

A vida que o cristão vive em Cristo é o seguimento dos passos dados pelo Senhor, esta vida encontra-se marcada pelo sofrimento e pela morte, uma vez marcada pela morte em Cristo também estará marcada pela ressurreição Nele. Este opção de vida passará por um caminho exigente que no fim gozará do prémio que Deus tem para nós (cf. Fl 3, 14). A escatologia encontra-se muito presente nas cartas paulinas, Paulo caminha para Deus e quer

¹³⁴ MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 73

¹³⁵ MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 74 e 75

¹³⁶ MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 81

que as suas comunidades tenham isso bem presente, que Deus é a meta das suas vidas. Tendo em conta esta exigência devemos usar a nossa liberdade em favor dessa vida,

“Aceitando sofrer e morrer todos os dias com Cristo, o cristão vive unido à sua morte e ressurreição, participa já da sua glorificação. A vida em união com Cristo é a vida de Cristo igual: «Não vivo já mais eu, mas Cristo vive em mim» (Gl 2, 20). Ser unido a Cristo é participar já num modo incoativo aos bens escatológicos realizados nele mesmo”¹³⁷.

Esta vida em Cristo é uma vida de relação com o Pai, Cristo dá-nos a conhecer o Pai, somos filhos no Filho de Deus. Esta vida em Deus é uma vida de relação com Deus Uno e Trino, Cristo leva-nos ao Pai, ninguém vai ao Pai senão por Ele. A crucifixão, morte e ressurreição de Cristo são o cumprimento da vontade de Deus, Deus enviou ao mundo o Seu Filho para resgatar os homens do domínio do pecado. Por isso Cristo assumiu em si todos os homens para que todos fossem salvos, este foi a maior prova de amor, dar a vida por nós. Esta entrega por parte de Cristo permite-nos viver a vida nova Nele, “O valor redentor da morte de Cristo repousa sobre o facto de que essa é um acto de amor para Deus e para os homens”¹³⁸.

Esta relação trinitária em Paulo tem o centro na pessoa de Cristo, por Cristo chega-se à relação com o Deus Trino. Cristo dá-nos a conhecer o Pai e fala-nos do Paráclito que enviará, Ele encontra-se no centro da mensagem que Paulo envia às suas comunidades. Paulo informa as comunidades que é por Cristo, com Ele e Nele que chegarão a uma relação com o Deus Trino. Desta forma falamos de um cristocentrismo,

“Portanto, a relação entre Deus e a humanidade, entre Deus e Paulo, é uma relação trinitária, mas esta relação especifica-se em Cristo, tornando-se, assim, uma relação cristológica. E esta, pelo carácter absoluto que recebe na mediação entre Deus e o homem transforma-se numa relação cristocêntrica: por Cristo, com Cristo e em Cristo, é estabelecido o diálogo mais profundo e eficaz entre o Deus Uno e Trino e a Humanidade. Cristo é o centro não apenas no sentido histórico – entre o Antigo Testamento e a Igreja – mas sobretudo como Pessoa, cuja força centrípeta atrai para Si o coração dos crentes de todos os tempos”¹³⁹.

A imagem de Igreja como esposa de Cristo (cf. 2 Cor 11, 2) demonstra bem a unidade dos crentes em Cristo, os crentes enquanto Igreja formam uma só, como um só corpo da qual Cristo é a cabeça. Por isso esta vida em Cristo é a vida da Igreja, que procura continuamente deixar-se renovar por Cristo para que seja imagem do esposo. A consciência disto deve levar cada crente a um empenho cada vez maior, primeiro porque não caminha só e depois porque o bem que fizer edificará o todo. Esta prova de amor dada por Deus fez surgir a Igreja, por isso

¹³⁷ MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 81

¹³⁸ MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 282

¹³⁹ HERCULANO ALVES, *Cristocentrismo em S. Paulo*, 280

a Igreja deve testemunhar essa alegria da sua eleição e ainda deve viver uma submissão a Cristo, para que por Ele chegue à felicidade eterna,

“O sinal pelo qual conhecemos o amor de Cristo pelos homens (Ef 3, 19; Rom 8, 35.37.39) é o facto da sua oblação por eles (Ef 5, 20; Gl 2, 20; cf. 2 Cor 5, 14s; 1 Tim 1, 14s.), fundando deste modo a Igreja, que é o seu corpo (Ef 1, 22; Col 1, 18) e portanto submete-se a ele (Ef 5, 23-24)¹⁴⁰”.

A Igreja deve promover esta vida em Cristo, deve acolher todos os seus filhos e levá-los a um caminho em vista dessa vida nova, para que nenhum membro se perca, pois todos são importantes para a missão que Deus concedeu à Igreja, de modo a que todos os homens se salvem. Como já referimos Cristo leva-nos ao Pai, tendo em conta alguns dos escritos paulinos, neles temos o uso de preposições que designam o tipo de relação, entre elas em, com e através. As três tem um ponto comum, que não é possível chegar à meta sem Cristo, sempre a tese de Cristo é a origem e a meta do homem. As três referem-se a uma relação dos homens com Deus por Cristo, “A fórmula ἐν Χριστῷ, σὺν Χριστῷ, διὰ Χριστῷ, que recorreu frequentemente quando veio referida a relação do cristão com Deus, indica a função instrumental de Cristo na aproximação do homem a Deus”¹⁴¹.

O serviço de Deus é a opção daqueles que vivem em Cristo, uma vez libertos do pecado pelo Senhor, são chamados a uma vida santa, de acordo com a pureza que pelo Baptismo adquiriram. No homem surgem questões quanto à sua vida futura, nesta busca de sentido o serviço é uma resposta para que este viva de acordo com a vontade de Deus. A fidelidade a este amor não permite que o homem se deixa levar para longe de Deus. O vínculo que há entre os homens e Deus nunca será cortado por Deus, Deus é sempre fiel, já nós pelo mau uso da nossa liberdade podemos acabar com essa relação que dá sentido à nossa vida. A consciência de que somos de Deus e para Ele caminhamos pesa no nosso caminho, pois reconhecemos que Deus criou-nos e que só o bem pode ser resposta. Contudo reconhecemos a nossa fragilidade e sabemos que só seremos capazes se Cristo estiver em nós, se formos apenas Dele e abandonarmos tudo o que procura ofuscar a verdadeira Luz que encontramos Nele.

A dimensão terrena é a demonstração dessa fragilidade, por muito que tenhamos consciência de por onde passa o bem, nem sempre conseguimos realizá-lo. Há uma divisão na nossa vida entre o bem que sabemos qual é e o mal para o qual tendemos, isto divide o homem e muitas das vezes afecta a vida nova. Para que esta relação não seja afectada pelos pecados Deus concedeu-nos através da Igreja o perdão dos pecados que permite ao homem

¹⁴⁰ MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 283

¹⁴¹ MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 346

reaproximar-se Dele e continuar a caminhar em Cristo. Esta unidade com Cristo está marcada pelo já mas ainda necessita de fazer um longo caminho, “Os cristãos estão já unidos a Deus, na força do baptismo; mas esta união não é ainda perfeita, em virtude da sua condição terrena. Por isso devem lutar ainda contra o mal, devem meter-se ao serviço de Deus”¹⁴². Esta união que vem pelo baptismo é o primeiro passo de um longo caminho de uma vida para Deus.

1.2.2 Cristo na vida de Paulo: Teologia e missão

A vida de Paulo mudou a partir de Damasco, como nos é narrado nos Actos dos Apóstolos no capítulo 9, 22 e 26. Em várias circunstâncias este apóstolo narra o momento que mudou a sua vida, fala do caminho que não teve o fim que inicialmente se esperava. Isto sucedeu porque Cristo encontrou-se com Saulo, tornou-o Seu discípulo e fê-lo um missionário exemplar, mudou o seu caminho.

O encontro com Cristo não deixa que as coisas continuem da mesma maneira, este faz de cada homem um homem novo. Paulo não falava apenas daquilo que os outros lhe ensinaram, ele próprio faz um caminho, isto faz com que aquilo que diz não sejam apenas palavras mas são marcas duma vida.

Este homem é escolhido por Deus para um grande projecto, levar o seu evangelho aos pagãos, é desta maneira que Paulo parte por três vezes em missão, procurando dar a conhecer Jesus Cristo a vários povos. Em Act 9, 15 o Senhor diz a Ananias acerca de Paulo, “Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel”, através deste relato podemos ver que Deus escolhe Paulo para uma missão específica.

Em várias cartas Paulo revela-nos aspectos desse encontro com o Senhor, na carta aos Gálatas este homem reconhece-se como um agraciado, “Mas, quando aprouve a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que o anuncie como Evangelho entre os gentios, não fui logo consultar criatura humana alguma,” (Gl 1, 15-16). Para além de referir que Deus o chamou pela sua graça, define como sua missão anunciar Jesus Cristo, como Boa Nova, entre os gentios.

O que marcou o encontro com Cristo foi a revelação que Paulo faz referência em algumas cartas, “pois eu não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por uma revelação de Jesus Cristo” (Gl 2, 12) ou “que por revelação, me foi dado a conhecer o mistério, tal como antes o descrevi resumidamente” (Ef 3, 3). Esta revelação permitiu que Paulo não falasse

¹⁴² MANUEL ISIDRO ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, 348

apenas do que ouviu, do que os apóstolos anunciavam mas que partilhasse aquele que para ele terá sido o momento mais importante da sua vida. Este momento é descrito como revelação,

“A ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ (Gál 1, 12, cf. 1, 16) deve distinguir-se de todas as ἀποκάλυψεις, que Paulo conhece (Gál 2,2 e, sobretudo, 2 Cor 12, 1ss). A revelação de Jesus Cristo tem um sentido fundante. Também em 1 Cor 9, 1 diz Paulo que o “ter visto” ao Kyrios Jesus é marca característica do apóstolo”¹⁴³.

Falando de Paulo missionário temos obrigatoriamente que falar das comunidades por ele fundadas. Este refere-lhes dois aspectos importantes, o primeiro vai de encontro àquilo que se abordou no ponto anterior, “a união pessoal e misteriosa com Cristo ressuscitado. As Igrejas formam um corpo que está unido a Cristo de uma maneira imediata, misteriosamente real: «Formamos um só corpo em Cristo» (Rm 12,5) ...”¹⁴⁴. Paulo nunca forma as comunidades fazendo delas um todo mas fá-las compreender que são apenas uma parcela do povo de Deus. A sua visão de Igreja tem sempre em conta a Igreja Universal, não existe acepção de pessoas, ele foi enviado a todos os homens, judeus e pagãos (cf. Act 9, 15).

Um outro aspecto é “a presença do Espírito Santo, graças à qual todos recebem dons vivos que são outras tantas capacidades de acção, todos são membros activos, cada um dos quais cumpre a sua função em ordem à harmonia do conjunto”¹⁴⁵. Através desse Espírito todos constituímos um só corpo, “De facto, num só espírito, fomos todos baptizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito” (1 Cor 12, 13).

Como é possível perceber pelas várias cartas, as comunidades estavam numa fase inicial, o que levou à formulação de princípios que orientassem a sua vida. Em relação a este aspecto, o próprio Paulo refere na carta aos Gálatas a sua presença no início (cf. Gl 4, 12-20). Por isso nesta missão é necessário que as comunidades se diferenciem das outras não evangelizadas, pois a elas foi anunciado Jesus Cristo e isto deve transformar a vida de cada pessoa mas também de toda a comunidade. Nota-se que cada comunidade formada por Paulo tem uma marca que a identifica, possuem uma identidade própria.

Paulo começa por sentir-se chamado a pregar, a anunciar o evangelho a todos os homens, esta será para Paulo a primeira missão, “Mas a sua missão primeira, a que se sentia chamado era a pregação. Paulo sabia-se, segundo diz-se em Rom 1,1, ‘eleito para a pregação do evangelho de Deus’ ”¹⁴⁶. Paulo menciona bastantes vezes o evangelho, este é um dos pontos principais da sua teologia. A carta aos Romanos trata com bastante profundidade este

¹⁴³ GEORG EICHHOLZ, *El Evangelio De Pablo*, 67

¹⁴⁴ JOSÉ COMBLIN, *Pablo: Trabajo y Mision*, 78

¹⁴⁵ JOSÉ COMBLIN, *Pablo: Trabajo y Mision*, 78

¹⁴⁶ GEORG EICHHOLZ, *El Evangelio De Pablo*, 49

assunto, nos capítulos 1-11 Paulo faz uma exposição de alguns pontos principais para depois de 12-15 falar da relação que existe entre a vida e o evangelho.

Através da pregação surge um convite à fé, Deus revela-se e o homem nesse encontro sente-se interpelado, daqui nasce uma resposta da parte deste. Paulo procurava levar a Palavra de Deus, “Deus na pregação das suas testemunhas possibilita a fé, convida à fé. Naturalmente no anúncio o homem encontra-se com o homem. O apóstolo está chamado a fazer-se ‘todo para todos’ (1 Cor 9, 22), fala a linguagem do ouvinte e comparte o seu mundo”¹⁴⁷. Foi este o grande testemunho de Paulo, a entrega da sua vida e o seu serviço dedicado aos irmãos.

O evangelho que Paulo anuncia “é poder de Deus para a salvação de todo o crente, primeiro o judeu e depois o grego” (Rm 1, 16), o apóstolo sente essa necessidade de que a mensagem do Senhor chegue a todos os homens, para que este acreditem e acreditando se salvem. Esta necessidade de evangelizar não é para este apóstolo apenas uma tarefa, este considera-a uma obrigação, “Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar” (1 Cor 9, 16).

Como já vimos, para Paulo a pregação era bastante importante, ele considera necessário que a sua vida seja um contínuo serviço ao evangelho. Esta Boa Nova leva á esperança que não tem fim, por isso a fidelidade ao evangelho nunca pode acabar, “desde que permaneçais sólidos e firmes na fé, sem vos deixardes afastar da esperança do Evangelho que ouvistes; ele foi anunciado a toda a criatura que há debaixo do céu e foi dele que eu, Paulo me tornei servidor” (Cl 1, 23).

Paulo distingue-se dos apóstolos que caminharam com Jesus quanto à pregação, uma vez que esses transmitem aquilo que receberam directamente de Jesus, enquanto São Paulo fala do seu encontro com Cristo e dos ensinamentos que recebeu dos apóstolos. O seu encontro com Cristo determinou a sua vocação, ser apóstolo dos gentios, de todos os que não conhecem Jesus Cristo.

Uma das questões importantes na missão é a conversão, a mudança de vida, pois o encontro com Cristo não deixa ninguém igual. Todavia essa não cabe aos homens, “ A ‘metanoia’, a volta do homem pecador ao Deus Salvador, volta concedida por Deus e exigida do homem, é um tema primacial da revelação profética e neotestamentária”¹⁴⁸. Nesta estão presentes a liberdade do homem e a graça de Deus, Deus que vai ao encontro do homem e o homem que acolhe ou rejeita Deus.

¹⁴⁷ GEORG EICHHOLZ, *El Evangelio De Pablo*, 50

¹⁴⁸ P. HITZ, *A pregação Missionária Do Evangelho*, 95 e 96

O Evangelho marca o seu caminho, a sua missão é evangelizar. Nas suas três viagens procura chegar o mais longe possível, no final da sua vida chegará ao coração do Império, daí ainda enviará a algumas comunidades a sua mensagem. A sua vida foi um testemunho de doação, apenas pensava em cumprir a sua missão, procurava que todos conhecessem a Jesus Cristo. Paulo descobriu o serviço como lema de vida, “de facto, embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número” (1 Cor 9, 19).

Este versículo expressa um pouco do modo como Paulo via a sua missão, na sua liberdade em relação aos irmãos optou pelo serviço, não achando que isso lhe tiraria a liberdade mas vendo que essa opção era uma resposta àquilo que Cristo lhe pedia. Georg Eichholz ao falar de 1 Cor 9, 19-23 refere:

“De momento volto a tomar o texto que citei: 1 Cor 9, 19-23. Paulo formula a regra da sua existência missionária. Esta regra é consequência do evangelho. À doação de Deus ao homem corresponde o facto de que Paulo se entregue ao homem no seu serviço, que se acerque ao ouvinte na sua mais extrema proximidade, que partilhe com o seu mundo, que fale a sua língua...”¹⁴⁹.

Gl 2, 7 não é uma barreira à evangelização dos judeus por Paulo, apesar de mencionarse que Pedro ficou responsável pelos circuncisos e Paulo pelos incircuncisos, isto não vem limitar em nada a missão de ambos. Pois quando Paulo se refere a “todos” (1 Cor 9, 19) e mais à frente escreve “Fiz-me judeu, com os judeus, para ganhar os judeus;” (1 Cor 9, 20) demonstra a universalidade da sua missão. Esta obrigação de evangelizar estende-se a todos os homens, “Quanto ao resto, temos de concluir do texto que Paulo, mesmo quando se compreende primariamente como missionário do mundo dos povos, sabe-se sempre todavia e *sempre também obrigado a missionar aos judeus*”¹⁵⁰.

Ainda dentro daqueles a quem Paulo procura chegar estão os débeis, “Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos” (1 Cor 9, 22), Paulo aprende com Jesus a ocupar-se dos mais fracos, daqueles que tem bastantes dificuldades em abandonar o caminho que leva à perdição. Só o amor leva à doação, é mais uma prova de que Paulo não fez acepção de pessoas na sua missão, fez-se servo para todos, porque todos têm o direito de conhecer Jesus Cristo,

“Pois Paulo está aberto ao facto de que o débil dentro dos limites da sua compreensão pretende ser obediente. Precisamente isto é o que deve respeitar o forte. Esta é a intenção que guia a Paulo. E esta intenção é a chave para a interpretação de todo o cânon da sua acção missionária.

¹⁴⁹ GEORG EICHHOLZ, *El Evangelio De Pablo*, 90 e 91

¹⁵⁰ GEORG EICHHOLZ, *El Evangelio De Pablo*, 94

É a intenção do amor. O amor limita a liberdade; a liberdade que eu poderia ter se tratasse-se tão só de mi mesmo. Trata-se melhor sempre do irmão”¹⁵¹.

Paulo entende o amor como aquele que nunca termina, é esse amor que o leva a deixar-se crucificar com Cristo, é esse amor que o leva a partir em missão, é esse amor que o leva a não fazer acepção de pessoas, é esse amor que o leva a dar a sua vida a Deus e colocá-la ao serviço dos irmãos, no hino que São Paulo escreve, “o amor jamais passará” (1 Cor 13, 8).

Paulo é considerado apóstolo dos gentios, a sua espiritualidade marca a Igreja primitiva de uma forma especial e continua a ter grande relevo nos nossos dias. A sua teologia abarca bastantes realidades, por isso existe a dúvida se devemos falar de uma teologia ou de várias partes de uma teologia. O Evangelho que Paulo recebeu de Jesus é anunciado num tempo e num espaço específicos, desta forma a Verdade procura chegar às várias culturas presentes nas comunidades, às várias religiões que Paulo encontrou na sua missão, a sua missão era levar Jesus Cristo àqueles que não o conheciam:

“Quando entramos na reserva da criação do apóstolo, comprovamos que a sua teologia ou, melhor, as suas “teologias” parciais revelam um profundo sentido dialógico: intercâmbio com os destinatários das cartas, comunicação do seu mundo interior feito de certezas de fé, heranças religiosas e morais da tradição judia e reelaboradas cristãmente, capacidade de fazer estalar as implicações dos seus pressupostos teológicos e a dos seus adversários, todo ele animado pelo desejo de que os seus correligionários cristãos amadureçam espiritualmente e sejam preservados de perigos e ameaças”¹⁵².

O sentido dialógico mencionado por este autor é um aspecto com algum interesse, uma vez que esta opção de Paulo marca a sua teologia. Paulo quando vai em missão não fala sem um conhecimento prévio da realidade, uma prova disto é o seu discurso no areópago, “Percorrendo a vossa cidade e examinando os vossos monumentos sagrados, até encontrei um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido.’ Pois bem! Aquele que venerais sem conhecer é esse que eu vos anuncio” (Act 17, 23). Em qualquer viagem este apóstolo procurava ajudar os seus irmãos a ganharem alguma maturidade espiritual, mesmo longe acompanha-vos através das suas cartas.

Grande parte da sua teologia procura responder a preocupações pastorais, Paulo deu um grande contributo à Igreja primitiva, “Portanto é um diálogo cuja razão de ser é servir a fins práticos: um profundo pensamento teológico com derivações pastorais”¹⁵³, a sua teologia é em grande parte prática. É possível observar nas várias cartas os problemas abordados: a

¹⁵¹ GEORG EICHHOLZ, *El Evangelio De Pablo*, 98 e 99

¹⁵² GIUSEPPE BARBAGLIO, *La Teología de San Pablo*, 434

¹⁵³ GIUSEPPE BARBAGLIO, *La Teología de San Pablo*, 434

circuncisão (cf. Rm 2, 25-29), divisões no seio da comunidade (cf. 1Cor 1, 10-17); as carnes imoladas aos ídolos (cf. 1 Cor 8, 1-13), afastamento do Evangelho (cf. Gl 1, 6-10), ...

A oração não foi esquecida por Paulo, na carta aos Colossenses o apóstolo recomenda à comunidade que continue perseverante na oração, “Perseverai na oração e mantende-vos, por ela, em vigilante acção de graças (Cl 4, 2). A Timóteo refere-se a vários tipos de orações, “preces, orações, súplicas e acções de graças por todos os homens” (1 Tim 2,1). No início da carta aos Romanos, refere-se a uma das intenções que tem em conta na sua oração, (cf. Rm 1,10), demonstra que está sempre presente na sua vida, esta que é verdadeiramente importante na vida de um cristão.

Quando estudamos a teologia de São Paulo não podemos separá-la da cristologia, a meta da sua missão era Jesus Cristo, Cristo ocupa um lugar muito especial na vida de Paulo, “Cristo não é para São Paulo um substituto de Deus, nem é um novo Deus, mas a revelação de Deus uno que desde a cruz volta-se a judeus e a pagãos”¹⁵⁴. Paulo não esquece esta concepção monoteísta, ele professa a sua fé em Deus uno, que se revelou em Jesus Cristo. Paulo não esquece o Espírito Santo e várias vezes faz referência a Ele nas suas cartas, acredita que através do Seu poder o Evangelho é eficaz, “Paulo vê a eficácia do Evangelho, mais além das palavras, no poder do Espírito Santo”¹⁵⁵.

Podemos afirmar que Paulo professava uma fé em Deus Trindade, contudo o modo como desenvolve estas questões é muito de acordo com aquilo que as comunidades eram capazes de entender. Havia um cuidado para com os que vinham do Judaísmo, no Judaísmo não há esta compreensão de um só Deus, três pessoas, de modo que existia a necessidade de ao esclarecer não dar a entender um politeísmo. Na segunda carta aos Coríntios Paulo faz uma profissão trinitária, “Aquele que nos confirma juntamente convosco em Cristo e nos dá a unção é Deus, Ele que nos marcou com um selo e colocou em nossos corações o penhor do Espírito” (2 Cor 1, 21-22). Uma outra referência trinitária que passou para a liturgia é “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós” (2 Cor 13, 13).

Quando Paulo se refere à Santíssima Trindade realiza alguma distinção entre as três pessoas, “O apóstolo fala de Deus, de Cristo e do Espírito de Deus de um modo que deixa conhecer uma diferenciação no seu ser e actuar e a par sublinha o unitário da confissão de um modo que a sua vez abarca a unicidade do Pai, do Senhor e do Espírito”¹⁵⁶. Como já verificámos, grande parte do que Paulo nos deixou é cristológico, onde se destaca a referência

¹⁵⁴ RAMÓN TREVIJANO ETCHEVERRÍA, *Estudios Paulinos*, 249

¹⁵⁵ RAMÓN TREVIJANO ETCHEVERRÍA, *Estudios Paulinos*, 249

¹⁵⁶ RAMÓN TREVIJANO ETCHEVERRÍA, *Estudios Paulinos*, 249

aos momentos mais importantes da vida de Cristo, a paixão, onde abundam os textos sobre a crucifixão, a morte e a ressurreição do Senhor. Em relação à crucifixão é aquele que melhor desenvolve uma teologia da cruz, “A cruz, nos escritos de Paulo é sempre uma referência com o Senhor da Glória. A cruz, como instrumento, tem uma função de revelação: ela é teofânica para o Pai, existencial para o Filho, espiritual para o cristão”¹⁵⁷.

Paulo também se refere algumas vezes ao Espírito, onde na carta aos Romanos desenvolve uma breve reflexão sobre a Lei e o Espírito (cf. Rm 7, 1-6) e mais à frente fala da vida segundo o Espírito (cf. Rm 8, 1-17). Na carta aos Gálatas, refere-se ao Espírito que nós recebemos, (cf. Gl 3, 1-5) e mais à frente distingue o que é viver segundo o Espírito e o que é viver segundo a carne, para além destas existem outras breves alusões, algumas delas já referidas. Em relação ao Pai também encontramos alguns textos, como a referência a Deus como Abbá (cf. Rm 8, 15).

Outro aspecto importante na teologia de Paulo é a sua visão eclesiológica, existe a referência tanto a normas a cumprir em comunidade como a recomendações para aqueles que presidem. À Igreja “constituem-na os que adoram a Deus espiritualmente e se gloriam em Cristo Jesus (Fl 3,3); os chamados por Deus à comunhão com o seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo (1 Cor 1, 9)”¹⁵⁸. Às Igrejas presidiam os apóstolos e com eles colaboravam os bispos (cf. 1Tm 3, 1-7), o episcopado naquele período não é como o entendemos hoje, os presbíteros (cf. Act 11, 30) e os diáconos (cf. 1Tm 3, 8-13). Paulo ao falar dos carismas refere-se a três tipos de ministérios, os apóstolos, os profetas e os mestres, onde existe uma variedade de funções (cf. 1 Cor 12, 28-30).

2. Desafios da carta aos Gálatas

Neste último ponto da tese pretendemos debruçarmo-nos sobre dois assuntos, o primeiro procurará fazer um estudo do entendimento que foi feito por católicos e luteranos do conceito de justificação. Será uma breve análise histórica desde Lutero até à Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação assinada em Augsburg.

A última parte será uma análise crítica da compreensão de lei e fé no século XXI, num período em que é necessário repensar algumas questões pastorais, procuraremos neste estudo apontar algumas dificuldades e apresentar algumas perspectivas acerca desta mesma realidade.

¹⁵⁷ JACQUES SCHLOSSER, *Paul De Tarse*, 373

¹⁵⁸ RAMÓN TREVIJANO ETCHEVERRÍA, *Estudios Paulinos*, 251

2.1 Questões ecuménicas: Justificação

Como é do nosso conhecimento da história da Igreja, no século XVI Lutero formulará uma perspectiva própria acerca do conceito de justificação. Posteriormente o Concílio de Trento apresentará a visão da Igreja Católica.

Depois do estudo da carta aos Gálatas e da leitura comparativa com a carta aos Romanos percebemos que este é dos grandes temas que Paulo desenvolve nas suas cartas. Gl 2, 16 na perícopre analisada para esta tese é o versículo que levantou mais questões, S. Paulo não deixa margem para dúvidas quanto à maneira como entende a justificação, para ele é a fé em Jesus Cristo que justifica o homem. Acerca desta questão podemos falar de quatro problemas:

“(1) a compreensão de *fé* através da qual somos justificados, na medida em que inclui a confiança do indivíduo em sua própria salvação final; (2) a compreensão da *justificação* e os conceitos associados de rectidão e justiça; (3) o acto de fazer *boas obras* para a salvação; (4) a *função da Igreja* no processo de salvação”¹⁵⁹.

Através deste contributo percebemos os problemas que no século XVI levaram a uma divergência quanto à compreensão da justificação, o primeiro está relacionado com o entendimento do conceito de fé, o grande erro daqui foi o entendimento de fé sem qualquer ligação às boas obras. A outra dificuldade estava em compreender o sentido de rectidão e de justiça. Um outro aspecto foi a dificuldade em ler correctamente o que Paulo queria dizer quando se referia às boas obras. E por fim o último problema foi o de perceber o papel da Igreja em relação à salvação.

Deus ao enviar-nos o Seu Filho redimiu todos os homens da corrupção da morte e do pecado, abrindo-lhes as portas para uma vida nova. Deus quer que todos se salvem, a salvação é um dom de Deus, este aspecto era aceite tanto por católicos como luteranos, a dificuldade está em entender qual a atitude do homem perante essa salvação.

A reflexão de Lutero assenta em três partes, a primeira sobre a Escritura, a segunda sobre a justiça imputada e a terceira sobre a Igreja hierárquica. No primeiro ponto Lutero procura dar um lugar central à Sagrada Escritura, este aspecto não está errado, contudo para ele esta “não só contém materialmente a totalidade da divina revelação, como que não tem necessidade de ser iluminada nem clarificada pela tradição, é dizer, que é suficiente por si mesma e por si só para garantir à Igreja a certeza sobre todas as verdades reveladas”¹⁶⁰. Esta leitura luterana dispensava qualquer auxílio da tradição e do magistério, esta maneira de

¹⁵⁹BRINKMAN, Martien E., «Justificação», DME, 682

¹⁶⁰GIACOMO MARTINA, *La Iglesia, De Lutero a nuestros dias*, 118

entender a Sagrada Escritura leva a um corte com todo o caminho realizado, há um corte com o passado.

A segunda parte é acerca da justiça imputada, ao falar desta a Reforma referia que ainda que o homem procurasse fazer obras boas de nada lhe valia, pois o pecado afectava-as, “a natureza humana ficou, depois do pecado original, irremediavelmente corrompida, o homem perdeu a sua liberdade e todas suas obras são necessariamente pecado”¹⁶¹. Esta marca que veio através do pecado original fez do homem pecador, corrompeu de tal maneira o homem que este perdeu a sua liberdade e vive subjugado ao pecado.

O terceiro e último ponto é sobre a Igreja hierárquica, Lutero estava contra esta visão de Igreja, o grande problema que levou a esse desacordo foi o facto de para Lutero não haver necessidade de mediadores na relação entre Deus e o cristão,

“não só por negar a diferença essencial entre o sacerdócio dos simples fiéis e o que confere o sacramento da ordem e pela negação do primado papal, objecto de frequentes ataques e não poucas diatribas em diversos escritos, mas pelo conceito fundamental da relação directa do Senhor com cada um dos fiéis por cima e à margem de qualquer tipo de mediação”¹⁶².

O ponto da sua doutrina que mais nos interessa é a sua maneira de entender a justificação pela fé, como sabemos não existem divergências entre Lutero e a Igreja quanto ao facto de entenderem a salvação como dom de Deus. Contudo há diferenças em relação à compreensão do valor das obras na vida do homem. Lutero defendia que as obras de nada valiam, apenas era necessária a fé. A Igreja partindo do que S. Tiago dizia “Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta.” (Tg 2, 17), afirmava a importância das obras na vida do cristão, uma vez que as obras do cristão devem ser de acordo com aquela que é a sua fé.

Para Lutero o homem não pode fazer nada para se salvar, a renovação de que fala o evangelho só Deus pode realizar, pois nada pode fazer o homem que tenha valor aos olhos de Deus, “Lutero rejeitou o valor das obras com base na tese de que o homem, depois do pecado de Adão, sozinho não pode fazer nada, e a sua salvação depende exclusivamente do amor divino: a fé está em compreender isso e entregar-se totalmente a Deus”¹⁶³. Este tipo de compreensão deveu-se também ao período que a Igreja se encontrava a viver, onde predominava a necessidade das indulgências para a salvação.

Devido ao mau entendimento de alguns princípios por Lutero, entre os quais a justificação, no século XVI foi necessária uma intervenção da Igreja. Esta reuniu-se durante

¹⁶¹ GIACOMO MARTINA, *La Iglesia, De Lutero a nuestros días*, 119

¹⁶² GIACOMO MARTINA, *La Iglesia, De Lutero a nuestros días*, 120

¹⁶³ GIOVANI REALE e DARIO ANTISERI, *História da Filosofia*, 70

algum tempo e acerca deste aspecto o Concílio de Trento com o contributo da escolástica fala de quatro causas em relação à natureza deste conceito,

“ A causa final é a glória de Deus e de Cristo e a vida eterna. A causa eficiente é o Deus misericordioso, que livremente purifica e santifica, selando e unguendo pelo Espírito Santo. A causa meritória é Jesus Cristo, que por sua paixão mereceu nossa justificação e fez satisfação por nós a Deus Pai. A causa formal é ‘a justiça de Deus – não aquela pela qual Deus é justo, mas aquela pela qual ele nos torna justos’¹⁶⁴.

A primeira causa pretende indicar que o fim da justificação é a glorificação de Deus e a vida eterna, o fim é que todos os homens se possam salvar, glorificando a Deus e reconhecendo todas as graças que Deus concede ao homem. Em seguida o Concílio refere-se a uma outra causa, onde diz que é Deus o autor desta justificação, é Deus que purifica e santifica pela acção do Espírito Santo. O ponto seguinte é o mérito da paixão, da morte e da ressurreição de Cristo, foi através do Seu Filho que Deus nos justificou. Por fim a forma, onde olhamos para a justiça de Deus, é por ela que Deus nos torna justos.

No pós-Trento os luteranos continuaram a considerar este assunto bastante importante e continuaram a desenvolver a sua teologia, por parte dos teólogos católicos avançou-se para um estudo de outros termos. Contudo não assistimos a iniciativas que promovessem o diálogo entre a Igreja católica e a Igreja Luterana. Só alguns séculos mais tarde, XIX e XX começa o diálogo entre luteranos e católicos, será um longo caminho que produzirá os seus frutos. Foi esse diálogo que promoveu um estudo mais exigente, em seguida veremos os passos dados até à Declaração de Augsburgo.

Comecemos pela quarta assembleia da Federação Luterana Mundial em Helsínquia, no ano de 1963, uma iniciativa importante para a reflexão acerca da justificação. Posteriormente em 1972 temos um relatório feito em Malta da comissão luterano-católica, que criou um documento sobre o Evangelho e também sobre a Igreja, neste relatório diz-se que:

“Os teólogos católicos também enfatizam, em referência à justificação, que o dom da salvação de Deus para o crente é incondicional, na medida em que se refere às realizações humanas. Os teólogos luteranos enfatizam que o evento da justificação não está limitado ao perdão dos pecados individuais, e não vêem nele uma declaração puramente externa da justificação do pecador. Antes, a rectidão de Deus actualizada no evento crístico é transmitida ao pecador através da mensagem de justificação como uma realidade abrangente à nova vida do crente.”¹⁶⁵

Este relatório começa por referir que os católicos dão relevo ao facto de que o dom da salvação de Deus para o crente é gratuito, sem condições. Por outro lado os luteranos

¹⁶⁴ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», DME, 683

¹⁶⁵ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», DME, 684

sublinham que esse dom não está condicionado pelo perdão dos pecados individuais. Deus através do Seu Filho resgatou-nos, esta rectidão chega-nos através de Jesus Cristo e chega ao homem no seu todo.

Através desta reflexão abrem-se novos caminhos, um outro importante contributo é o do documento “Justificação pela Fé” do grupo de diálogo luterano-católico dos EUA, do ano de 1983. Neste documento ambos concordaram que a “sua ‘esperança total de justificação e salvação reside em Cristo Jesus e no evangelho, mediante o qual a boa-nova da acção misericordiosa de Deus em Cristo se torna conhecida,”¹⁶⁶, nesta parte do documento começam por reforçar a sua confiança em Jesus Cristo e no Seu evangelho, para posteriormente falarem da justificação.

Vemos agora algumas posições assumidas por luteranos e outras por católicos, os primeiros concordam que deve existir um cuidado ao falar da justificação só pela fé, pois este não deve afectar a herança que veio dos apóstolos, “admitem que o princípio da justificação somente pela fé não deve ser empregado para mutilar a plenitude da herança apostólica e dos meios pelos quais tal herança é mediada, em qualquer tempo e lugar dados”¹⁶⁷. Os católicos vêem a necessidade do cuidado no uso de doutrinas como princípios absolutos, sublinham neste documento a importância de usar os vários meios disponíveis na interpretação do evangelho, estes “são cautelosos em usar qualquer doutrina como princípio absoluto pelo qual purificar a partir de fora, por assim dizer, a herança católica”¹⁶⁸.

Desta reflexão ainda fala-se da graça de Cristo e dos meios através dos quais ela se manifesta a salvação, surge a questão se para os católicos “(como o relatório de Malta expressou a posição luterana) ‘os ritos e preceitos da igreja não devem ser impostos como condições para a salvação, mas são válidos unicamente como o livre desdobramento da obediência da fé”¹⁶⁹, esta sempre foi uma questão complicada, a compreensão do papel das obras na vida do crente, serão questões que serão desenvolvidas nas próximas iniciativas.

No ano de 1986 também haverá uma iniciativa na Alemanha e posteriormente em 1994, um diálogo internacional. Será destas três últimas iniciativas 1983, 1986 e 1994 de que resultará uma Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação. Esta foi assinada por representantes da Federação Luterana Mundial e do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, no ano de 1999 em Augsburg.

Debruçar-nos-emos sobre os parágrafos 15 a 17, uma vez que estes são considerados os mais importantes. O parágrafo 15 começa por ser uma profissão de fé no Deus uno e trino e

¹⁶⁶ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», DME, 684

¹⁶⁷ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», DME, 684

¹⁶⁸ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», DME, 684

¹⁶⁹ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», DME, 684

de que a justificação Lhe pertence. Depois menciona-se a redenção realizada por Cristo, que veio resgatar os pecadores. Afirma-se ainda neste parágrafo a importância da encarnação, da paixão, da morte e da ressurreição de Cristo, sendo a base e o que dá sentido à justificação. Em seguida menciona-se Cristo como nossa justiça, por acção do Espírito Santo e por vontade do Pai. Depois afirma-se um aspecto bastante importante, “Juntos confessamos: Só pela graça, na fé na obra salvadora de Cristo e não por causa de nenhum mérito de nossa parte, somos aceites por Deus e recebemos o Espírito Santo, que renova nossos corações enquanto nos prepara e chama às boas obras”¹⁷⁰. Dois pontos importantes nesta parte o reconhecimento que é sem mérito algum do homem que somos aceites por Deus e é nos concedido o Espírito Santo e o segundo de que existe um apelo à realização das boas obras.

O parágrafo 16 inicialmente fala do chamamento por Deus à salvação em Jesus Cristo, em seguida que só em Cristo o homem é justificado quando Lhe é dada a salvação na fé. Reconhece-se que a fé é um dom de Deus por acção do Espírito Santo, que age através da palavra e ainda pelo sacramento que está na comunidade dos que acreditam. Os crentes são conduzidos à vida nova, a uma vida renovada que terá a sua plenitude na vida eterna.

Passemos ao último parágrafo da nossa reflexão, no número 17, este refere-nos que a justificação, com aquilo que ela envolve dirige-nos para um fim que é a salvação que Deus opera através do Seu Filho, este é a parte central do Novo Testamento. Acerca desta acção diz-se que “ela nos diz que, como pecadores, nossa vida nova é devida apenas à misericórdia remissora e renovadora que Deus dá como dom e que recebemos na fé, e nunca pode merecer de forma alguma”¹⁷¹. Aqui introduz-se o conceito de misericórdia, esta é aquela que Deus nos faz chegar através da fé, sem mérito algum da nossa parte. Deus na sua infinita misericórdia renova todos os homens e fá-los fazer a experiência dessa vida nova que nenhum homem poderá obter pelas suas forças.

Este foi um momento importante na história, depois de todas as polémicas que tiveram o seu início no século XVI, chegamos a um período em que se estabelece o diálogo e em que se proporciona um entendimento quanto à justificação, dentro daquilo que é possível. O século XX foi bastante importante quanto ao ecumenismo, onde todas os cristãos procuram chegar à unidade em Cristo, um caminho onde já se deram grandes passos.

¹⁷⁰ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», *DME*, 684 e 685

¹⁷¹ BRINKMAN, Martien E., «Justificação», *DME*, 685

2.2 Questões pastorais: Lei e Fé no século XXI

Este último ponto da presente tese pretende ser uma pequena análise de Lei e fé no século XXI, tendo em conta algumas questões que têm sido levantadas num período em que se fala de uma nova evangelização.

Olhando para o século em que vivemos deparamo-nos com algumas situações novas na sociedade, o que leva a repensar a evangelização. A mensagem de Cristo continua a mesma, contudo o modo como devemos chegar aos homens é preciso ser revisto. Chegámos a um período em que são várias as atitudes adoptadas diante de Deus, muitos buscam-no mas nem todos O conseguem encontrar, muitos questionam a religião mas as respostas que encontram não os satisfazem, outros aceitam apenas aquilo que lhes serve mas não buscam a Verdade, que homem encontramos neste século?

Muitos dos homens do nosso tempo que ainda não tiveram um verdadeiro encontro com o Senhor vivem um vazio e procuram-no preencher com aquilo que o mundo lhes oferece. Muitos cristãos dizem-se como tal mas aceitam muitas dessas propostas ainda que não estejam de acordo com os princípios cristãos. Como se pode dizer que se tem fé se essa fé não é a fé da Igreja?

Num tempo em que são vários os problemas sociais, como o divórcio, o aborto, a eutanásia, é necessário chegar até junto das pessoas e anunciar-lhes o Evangelho, apontar-lhes caminhos, mas que métodos podemos usar? Como chegar aos que se encontram numa situação irregular na Igreja? Como é que essas pessoas vêm a fé e a Lei? São perguntas para as quais são necessárias repostas, repostas que levem um caminho àqueles que o procuram encontrar.

Encontramo-nos num tempo onde muitas das bases cristãs foram abaladas e onde é necessário encontrar respostas para a “crise”, um período em que o homem necessita de propostas sérias, maduras, que o possam edificar. Estamos num mundo que busca um futuro melhor, “o mundo em que vivemos está atravessando uma etapa de ‘transição’ que afecta as suas coordenadas antropológicas, sociais, políticas, culturais e religiosas. No sentido neutro da palavra, podemos dizer que vivemos uma crise em profundidade”¹⁷². Com este contributo percebemos que este período é de transição, podemos falar de uma sociedade que busca coordenadas, que procura um sentido para a sua vida. Esta situação afecta o homem quanto à sua identidade, condiciona-o na sua relação com os outros, questiona-o quanto aos princípios sociais e ainda a própria relação com Deus sofre com esta crise. Uma crise que muitos definem como “crise de valores”.

¹⁷² RAMÓN PRAT I PONS, *La misión De La Iglesia En El Mundo*, 65

Começamos esta reflexão por quatro imperativos pastorais indicados por Casiano Floristan que servirão de base à nossa reflexão, o primeiro refere-se à nossa postura diante do mundo, devemos olhar para o mundo de uma maneira consciente. É necessário levarmos a sério todas as questões que nele se levantam, “fanatismos e nacionalismos radicais, comércio de armas, tráfico e consumo de drogas, abusos sexuais de menores e bocadinhos de terrorismo e agressividade brutal. A crise religiosa é uma amostra da crise social e cultural que estamos a viver”¹⁷³. Se queremos chegar aos homens temos que conhecer os seus problemas, as suas preocupações, temos que olhar a realidade como ela é.

Um outro aspecto importante é o *aggiornamento* de que João XXIII falou, isto significa “situar o testemunho evangélico e a nova evangelização em consonância com os «sinais dos tempos»”¹⁷⁴, a solução não é como muitos propõem mudar os valores, essa é uma leitura totalmente errada mas sim falar aos homens através da sua linguagem, para que eles possam entender a Boa Nova anunciada. O convite é a anunciar Jesus Cristo com os meios que estão à nossa disposição. Passados cinquenta anos do Concílio Vaticano II ainda existe muito caminho a fazer para que os ensinamentos dos padres conciliares sejam colocados em prática em toda a Igreja.

O terceiro passo é o caminho para a comunhão da Igreja, o Vaticano II fala de uma eclesiologia de comunhão, este ponto será um aspecto a desenvolver, o povo de Deus deve viver unido como corpo de Cristo. Para isto é necessário centrarmo-nos no papel dos cristãos, não se deve apenas olhar para os clérigos, para uma Igreja piramidal, mas deve-se olhar para a Igreja como corpo, no qual cada um cumpre a sua função em vista à edificação da Igreja,

“Impõe-se a promoção de um tipo de crentes que assumam responsabilidades, colaborem com as equipas pastorais e participem activamente nas distintas tarefas eclesiais. Com uma dupla exigência: que a pastoral não se estruture em razão da escassez de sacerdotes, mas em virtude do dinamismo do povo de Deus”¹⁷⁵

Partindo desta reflexão, se olharmos para a Igreja apenas pela carência de padres, sobrecarregaremos cada vez mais os sacerdotes, muitas das responsabilidades que estão atribuídas a sacerdotes poderiam ser atribuídas a leigos, entre as quais a direcção de instituições. Olhando para o povo de Deus e para a sua missão na Igreja procurar-se-á que cada um exerça a sua função, que o padre disponha de mais tempo para o que é realmente importante.

Por fim o último aspecto passa por um aperfeiçoamento da visão de que a Igreja deve apenas ocupar-se do Reino, a Igreja apesar de não ser do mundo está no mundo, desta maneira

¹⁷³ CASIANO FLORISTAN, *La Iglesia*, 619 e 620

¹⁷⁴ CASIANO FLORISTAN, *La Iglesia*, 619 e 620

¹⁷⁵ CASIANO FLORISTAN, *La Iglesia*, 622 e 623

deve preocupar-se e ocupar-se do mundo. Se durante muito tempo o mundo era deixado de parte agora não pode ser assim, muito trabalho tem sido feito neste sentido, de promoção do diálogo com o mundo, “Deus actua, não só na Igreja mas no mundo inteiro, porque o mundo é criação de Deus. Agora bem, o mundo também é «sistema» dominado por um sector que acumula poder, riquezas e vanglória”¹⁷⁶.

É importante ter em conta estes aspectos, ter consciência do mundo como criação de Deus, perceber a nossa missão nele mas também e não menos importante não esquecer alguns dos pontos por onde este mundo se guia. Ao olharmos para os seus problemas se lhe queremos falar de lei e fé temos que estar bem preparados, para que os nossos fundamentos se guiem pela Verdade e desta forma não se abalem. Pois se nos guiarmos pelas nossas convicções, em vez de os ajudarmos aumentamos as suas dúvidas e seremos também nós afectados por elas.

Em seguida teremos em conta a eclesiologia de comunhão, passados cinquenta anos do concílio Vaticano II é necessário perceber as suas propostas e até que ponto foram colocadas em prática. A eclesiologia de comunhão veio renovar a visão de Igreja, começou-se a olhar para esta como povo de Deus e para a comunhão que entre todos é necessário construir. A Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, demonstrará uma Igreja de acordo com esta tese, “Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos...” (LG 13). Esta é uma das várias referências presentes nos documentos do Concílio. Esta comunhão começa com Deus, em Cristo pelo Espírito Santo. Cristo como cabeça da Igreja preside a esta comunhão, por isso todo o povo de Deus caminha Dele, com Ele, para Ele e por Ele, Ele é a fonte e a meta desta unidade.

A palavra comunhão pretende definir o caminho a seguir, para onde é necessário caminhar, para como Jesus disse, “de modo que sejam um, como Nós somos Um” (Jo 17, 22). O convite é a sermos um em Deus, um só corpo. Para isto é necessários que os vários membros não se dividam, estejam orientados para o mesmo corpo, de modo que se chegue a uma comunhão cada vez mais perfeita. Comunhão pretende falar de um caminho conjunto, “o termo comunhão é um dos que melhor expressa a Igreja. Esta visão é indispensável para compreender a comunidade cristã, as Igrejas locais, o ecumenismo das Igrejas, a vida religiosa, o mistério da eucaristia e o encontro com o Deus cristão”¹⁷⁷.

O próximo aspecto de que falaremos é a lei no século XXI, onde nos debruçaremos mais especificamente sobre a lei moral. Desde o Antigo Testamento que o povo tinha uma Lei, com Jesus Cristo ela é levada à perfeição. Como será que ela chegou até aos nossos dias?

¹⁷⁶ CASIANO FLORISTAN, *La Iglesia*, 623

¹⁷⁷ CASIANO FLORISTAN, *La Iglesia*, 285 e 286

Os cristãos sempre viveram de acordo com uma lei que orientasse o seu caminho, esta é um meio para viver de acordo com o Evangelho. Ao falarmos da lei moral aquela que mais nos interessa neste ponto, “é necessária, ainda que seja perigosa; *expressa e revela, aos seres humanos inacabados e ainda em caminho o carácter exigente do bem ético, que o ser humano está chamado a viver na experiência e na força do Espírito de Jesus Cristo*”¹⁷⁸. O autor alerta para o bem que o homem é chamado a viver, desta forma a lei moral cristã orienta o comportamento do cristão, apesar da sua exigência, torna-se necessária para que o testemunho cristão seja de acordo com os princípios que de Cristo recebeu.

O entendimento da lei pode ser visto como uma ajuda da parte de Deus, como um Pai que ensina ao seu filho os valores mais importantes para que este saiba por onde caminhar, “Ela prescreve ao homem os caminhos, as regras de procedimento que o levam à bem-aventurança prometida e lhes proíbe os caminhos do mal, que desviam de Deus e do seu amor” (CIC 1950), o objectivo da lei é que o homem não se afaste da comunhão com Deus. A lei vista assim não é considerada má, pois ela procura o bem e a felicidade do homem.

Muitas vezes a lei é considerada um obstáculo à liberdade, este tipo de leitura é feita por quem afirma “eu sou livre, faço o que quero”, esta compreensão de liberdade está errada, ser livre deve levar a fazer o que está certo, entre o querer e o dever ser vai uma longa distância.

Existem algumas normas morais, conhecidas por cristãos que não são colocadas em prática, muitas das vezes faz-se aquilo que segundo estas está errado. Quais serão as causas? Como agir perante esta situação? Entre algumas dessas causas poderá estar a formação. Muitas das vezes conhece-se o que a Igreja diz mas não se percebe o seu porquê. A sociedade em que estamos necessita de respostas com fundamentos, não basta uma apresentação superficial da questão. Que passos serão necessários dar nesta evangelização?

O segundo aspecto desta última parte é sobre a fé no século XXI. Neste século em que se fala bastante do ateísmo, da indiferença religiosa, em que muitos cristãos continuam a ser perseguidos, como deve a Igreja dar a conhecer Jesus Cristo aos homens deste tempo? Tendo em conta esta dificuldade no diálogo com os homens do nosso tempo, José Nunes escreve,

“só um discurso teológico e uma praxis de fé capazes de despertar entre os homens o desejo de Deus, só um testemunho religioso que tenha em conta os sujeitos sofredores da história, só uma compreensão comunitária, plural e policêntrica da Igreja, pode hoje triunfar, isto é, tem hoje condições de credibilidade”¹⁷⁹.

¹⁷⁸ GASPAR MORA, *La Vida Cristiana*, 220

¹⁷⁹ JOSÉ NUNES, *Falar de Deus hoje*, 403

Desta opinião realçar na evangelização a argumentação que vem através desse discurso com fundamentos teológicos, o viver uma vida segundo a fé (testemunho) e uma Igreja que participe dessa comunhão, reconhecendo-se como corpo de Cristo. Se quiséssemos sublinhar dois verbos nesse anúncio eles seriam perceber e ver, o primeiro está relacionado com compreensão dos princípios cristãos e o segundo com o testemunho. Desta forma é necessário formar bem os cristãos, deve-se repensar a catequese, a formação de adultos e ainda propor novas iniciativas. Só assim poderemos dar a conhecer Jesus Cristo, se nos prepararmos bem para a nossa missão.

Ainda acerca da fé, como é do nosso conhecimento pode haver razão sem fé mas não pode haver fé sem razão. O compreender é necessário como base de uma fé, contudo existem muitos aspectos aos quais a razão não chega, desta forma é necessário que a razão reconheça os seus limites. Se o homem não tomar atenção a estes aspectos poderá cair num puro racionalismo, por outro lado se a fé não tiver como ponto de partida a razão também poderá levar o homem a um fideísmo, um outro perigo. Os homens do século XXI tem feito bastante caminho neste sentido, procuram entender para crer. Um dos perigos desta geração académica é fechar-se nos seus conhecimentos e guiar toda a sua vida a partir daí, muitos devido à sua formação não são capazes de se abrir à fé. Como dialogar com esta geração? Muitas iniciativas têm sido levadas a cabo em vista da promoção do diálogo, ambas as partes procuram caminhar para a verdade, um caminho feito por etapas.

Na sociedade actual surgem novas questões nesta transmissão da fé, com o avanço da tecnologia a nossa realidade também mudou muito. Uma das dificuldades passa pelo facto de o homem não estar sempre no mesmo sítio, a mobilidade tornou-se um problema pastoral, devido à falta de estabilidade. São vários os obstáculos nas comunidades que dificultam esta transmissão da fé. Numa paróquia são várias as situações, isto leva a que se continue a ter atenção em primeiro lugar à pessoa e à sua situação, para que depois com ela se possa fazer caminho. Se esta não for a opção pode cair-se na injustiça e esta falta de acolhimento pode ser o primeiro e grande obstáculo à fé.

A busca da verdade deve ser sempre a direcção a seguir, só a fé possibilita esse encontro, “Do que ficou dito conclui-se que o homem se encontra num caminho de busca, humanamente infundável: busca da verdade e busca de uma pessoa em quem pode confiar. A fé cristã vem em sua ajuda, dando-lhe a possibilidade concreta de ver realizado o objectivo dessa busca” (FR 33). Nesta encíclica reforça-se este aspecto, que o homem tende para a verdade e que só a fé pode guiar à Verdade que é Jesus Cristo. Muitas das propostas do mundo satisfazem momentaneamente, este caminho para a Verdade apesar da sua exigência é o que leva à verdadeira felicidade.

A fé é um dom de Deus, por isso ninguém pode dar aquilo que não lhe pertence, mas é possível ao crente propor o acolhimento dessa fé, pois o homem só a poderá receber se a acolher. Desta forma cabe ao cristão ajudar “na preparação do terreno”. O modo como se propõe em nada pode afectar a liberdade humana, isso tratar-se-ia de uma imposição,

“Propor não é impor, nem sobrepor, ou assumir qualquer outra atitude de menos respeito à liberdade própria ou alheia. É antes ‘pôr diante de’, oferecer propostas, adiantar, adiantar elementos de reflexão, possibilitar informação plural e motivadora, abrir caminhos à verdade que liberta. É suscitar interrogações existenciais que possam encontrar resposta no ‘vinde e vede’ do Mestre, no ‘foram e ficaram’, fruto da decisão livre dos discípulos de João”¹⁸⁰.

Como sabemos o papa emérito Bento XVI iniciou no ano passado o ano da Fé que irá até 24 de Novembro de 2013, uma vez que celebramos os Cinquenta anos do concílio Vaticano II. Na sua carta apostólica *Porta Fidei*, Bento XVI falou da missão dos cristãos na Igreja e no mundo, a fé desperta estes homens e mulheres a testemunharem Jesus Cristo, como sucede desde o início do Cristianismo. Mas tudo isto só é possível se houver uma vida com Cristo, uma vida em Cristo, “A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele” (PF 10), só a partir deste encontro é possível anunciar Cristo ressuscitado. Cristo torna-se presente no nosso caminho, como no dos discípulos de Emaús, esta é a vida nova de que Paulo falava, Cristo vive em nós, na nossa vida, é com Ele que construímos a nossa história, “Pela Fé, vivemos também nós, reconhecendo o Senhor Jesus vivo e presente na nossa vida e na história” (PF 13).

Neste estudo olhamos para alguns dos desafios deste século, entre os quais falar de Cristo crucificado, morto e ressuscitado a todos os homens. Os homens estão sedentos de Deus cabe-nos a nós cristãos mostrarmos-lhes o poço onde se encontra a água viva que sacia a sede. Por isso devemos ter muita atenção à nossa linguagem finita ao falarmos de Deus que é infinito,

“O Cristo do século XXI deve ser o ponto de encontro entre o único Deus e todo o homem, um Cristo relevante inclusive para quantos não crêem nele. E, sobretudo, será sempre, com uns rasgos mais acentuados que outros, o único Cristo real ao que desde há vinte séculos se remete a fé da Igreja”¹⁸¹.

Os homens do século XXI precisam de ver rostos, testemunhos das maravilhas da vida em Cristo. Encontramo-nos num século em que a linguagem não verbal diz muito, em que o caminho passa por após se deparar com a prática buscar a teoria. As obras não justificam, é Deus que nos salva, mas estas podem ser um bom testemunho e isto não deve ser para quem as realiza motivo de glória mas sim de missão cumprida. A Igreja do século XXI, “prevê-se já

¹⁸⁰ GEORGINO ROCHA, *Propor a fé com ousadia*, 237

¹⁸¹ AAVV, *Ser Cristiano en el siglo XXI*, 393

uma Igreja renovada para um tempo novo, com rosto mais humano e projecto divino permanente. Sem querer absolutizá-la, também dela se pode dizer: ‘O prazo está cumprido, o reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa Nova’ (Mc 1, 15)¹⁸². Este apelo à conversão deve ser um chamamento a trabalhar na edificação do Reino de Deus, com a consciência da sua missão na Igreja.

2.2.1 Lumen Fidei: contributos para o século XXI

Terminarei esta reflexão com alguns dos contributos dados pelo papa Francisco I na sua encíclica *Lumen Fidei*. Uma vez que este é o documento mais actual do magistério sobre a fé no século XXI procuraremos apresentar alguns dos aspectos mais importantes desta encíclica. O papa fala da gratuidade da fé, esta exige duas atitudes entrega e confiança para que com Deus se possa fazer caminho, “A fé é um dom gratuito de Deus, que exige a humildade e a coragem de fiar-se e entregar-se para ver o caminho luminoso do encontro entre Deus e os homens, a história da salvação” (LF 14). Quem não for capaz de entender a fé desta maneira terá bastantes dificuldades em entregar-se de todo o coração, quem estiver sempre de pé atrás nunca conseguirá ver a luz desse caminho de verdadeira felicidade que Deus propõe a cada homem.

Um outro aspecto interessante desta encíclica é a inserção do amor na fé, a fé só será viva se a relação entre o homem e Deus for uma relação de amor. Este amor percebe-se na cruz, por isso Paulo não teve medo de passar pela crucifixão (cf. Gl 2, 19b), uma vez que sabia que dela resultaria uma vida nova. A cruz, grande sinal dos cristãos é aquela que nos convida a um olhar de fé, pois só assim conseguiremos ver o amor que dela brota. A crucifixão de cada homem, procurando deixar tudo o que o impede de chegar a Cristo é prova desse amor do cristão. Em relação a esse olhar de fé da cruz diz-nos o papa Francisco, “É por isso que os evangelistas situam, na hora da cruz, o momento culminante do olhar de fé: naquela hora resplandece o amor divino em toda a sublimidade e amplitude” (LF 16). Um testemunho deste olhar de fé é o do centurião e de todos com quem ele guardava Jesus, que após a cruz reconheceram-no como Filho de Deus (cf. Mt 27, 54), a cruz limpa a cegueira que dificulta aos homens reconhecerem o Senhor.

A fé de que Paulo fala em Gl 2, 20 é uma fé que vem da sua vida nova, uma fé marcada por todo o seu caminho de homem velho ao homem novo, no qual habita Cristo. A fé do cristão acredita numa vida nova, uma vida que só Cristo é capaz de oferecer. Só o Senhor

¹⁸² AAVV, *Ser Cristiano en el siglo XXI*, 267

pode destruiu a morte que nos escravizava, deixámos de viver para a Lei, como causa de salvação para vivermos para Cristo ressuscitado. A fé que Paulo manifesta neste versículo,

“Esta ‘fé do Filho de Deus’ é certamente a fé do Apóstolo dos gentios em Jesus, mas supõe também a fiabilidade de Jesus, que se funda, sem dúvida, no Seu amor até à morte, mas também no facto de Ele ser Filho de Deus. Precisamente porque é o Filho, porque está radicado de modo absoluto no Pai, Jesus pôde vencer a morte e fazer resplandecer em plenitude a vida.” (LF 17)

Um dos aspectos referidos nesta encíclica é a referência à salvação que vem pela fé, onde se fala da lei e do modo como ela se deve ver. Falamos de uma lei que não salva o homem, pois este não se deve olhar como origem da justiça, senão perde-se no seu eu. Quem se centra na lei, distancia-se de Deus, uma justiça fundamentada na vontade humana é uma justiça vazia, sem qualquer orientação. Desta forma, “quem quer ser fonte da própria justiça, depressa a vê exaustar-se e descobre que não pode sequer aguentar-se na fidelidade à lei; fecha-se, isolando-se do Senhor e dos outros, e, por isso, a sua vida torna-se vã, as suas obras estéreis, como árvore longe da água” (LF 19). Esta é a leitura daquilo que Paulo refere que o homem não se salva pelas obras da lei, pois uma vida guiada por si acaba por desfalecer pela distância da fonte que dá vida.

O papa Francisco renovará o apelo de Paulo que a fé só tem sentido ser for em Cristo, pois só o seu Amor pode acabar com o vazio que inquieta o homem. Quando São Paulo fala da vida em Cristo pretende alertar que a crucifixão tem uma lógica, ela pretende preparar o homem para uma vida que responde às suas inquietações mais profunda, uma vida para Deus e em Deus. Sendo assim, “A nova lógica da fé centra-se em Cristo. A fé em Cristo salva-nos, porque é n’Ele que a vida se abre radicalmente a um Amor que nos precede e nos transforma a partir de dentro, que age em nós e conosco” (LF 20).

Esta vida nova de Gl 2, 19b- 20a como vimos anteriormente é uma vida habitada pelo Amor, por Jesus Cristo. Muitos das pessoas deste século XXI necessitam de encontrar Jesus Cristo e este amor, pois só assim poderão dia-a-dia ultrapassar os obstáculos que sucedem no seu caminho. Esta foi a melhor orientação que Paulo poderia dar, o apelo a não ter medo de deixar a vida velha para chegar a uma vida nova, esta com uma lógica que buscamos todos os dias. Em Cristo compreenderemos cada vez mais e melhor o sentido da nossa vida se vivermos Nele e o deixarmos viver em nós.

Nesta encíclica fala-se da Luz da Fé, com ela somos capazes de ver, deixamos de olhar de uma maneira superficial para vermos o caminho e podermos dispormo-nos a fazê-lo. Este dom de Deus, transforma a vida do homem, “a fé torna-se operativa no cristão, a partir do dom recebido, a partir do Amor que o atrai para Cristo (cf. Gl 5, 6) e torna participante do

caminho da Igreja, peregrina na história rumo à perfeição. Para quem foi assim transformado, abre-se um novo modo de ver, a fé torna-se luz para os seus olhos” (LF 22). Não tem sentido afirmar uma fé que não seja a fé da Igreja, esta não se contradiz de cristão para cristão. Enquanto afirmar uma fé subjectiva, pode mudar de pessoa para pessoa, pois não é fé mas visão pessoal. O caminho da Igreja é só um, aquele que corresponde à vontade de Deus.

Um outro aspecto referido é a verdade, tendo consciência da situação actual, esta encíclica fala de uma crise quanto a esta. O que é que os homens entendem por verdade? Há todo o caminho necessário a realizar neste sentido, realçar a importância da verdade. Jesus Cristo anuncia essa verdade, pois sem ela o homem destrói-se, nunca podemos separar fé e verdade, “Lembrar esta ligação da fé com a verdade é hoje mais necessário do que nunca, precisamente por causa da crise de verdade em que vivemos” (LF 25).

Num mundo onde surge a necessidade de respostas, só o amor que vem pela fé pode dar sentido a muitas das interrogações existenciais do homem. Por muito que a ciência procure entrar no mistério nunca conseguirá, uma vez que esta realidade infinita de Deus é inacessível ao homem. Muitas das questões necessitam que o homem se reconheça como criatura finita, só o amor o levará a compreender-se como tal. Este não permitirá que o vazio ocupe o coração, pela fé o homem com a sua liberdade coloca-se numa atitude de confiança em Deus e na sua vontade. Um caminho que parta da razão e continue pela fé levará o homem a aproximar-se mais de Deus e a sentir de uma maneira mais profunda este amor paternal. Neste amor o ser humano encontrará algumas das respostas que procura, pois só em Deus as pode encontrar. Podemos entender este amor como uma luz que ilumina a nossa vida, “A luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade” (LF 34).

Esta luz que vem pela fé interpela-nos, despertando em nós o desejo de ir mais além, a Teologia procura conhecer melhor a Deus, tudo aquilo que Deus dá a conhecer ao homem. Deste amor que resulta da fé somos chamados a conhecer melhor Aquele que amamos e quanto mais conhecemos mais amamos a Deus, conhecer e amar caminham lado a lado. Só aquele que tem fé abre-se de uma maneira mais pura ao criador, ainda que a fé não exista sem razão, a fé vai mais longe do que a razão. Uma Teologia sem fé é um perigo, uma vez que cai num puro racionalismo que leva a colocar toda a confiança na razão e nas capacidades humanas.

“Como luz que é, a fé convida-nos a penetrar nela, a explorar sempre mais o horizonte que ilumina, para conhecer melhor o que amamos. Deste desejo nasce a teologia cristã; assim, é claro que a teologia é impossível sem a fé e pertence ao próprio movimento da fé, que procura

a compreensão mais profunda da autorrevelação de Deus, culminada no Mistério de Cristo.”
(LF 36)

Se neste século muitos falam de uma fé sem a Igreja, existe uma necessidade de esclarecer esta situação aos homens deste tempo. Um dos problemas deste século é o subjectivismo, construir a partir do eu. Quem afirma uma fé assim cria um caminho a partir de si e não é aquele que corresponde aos desígnios de Deus. Por isso muitos se afirmam cristãos mas defendem princípios contrários aos que Cristo deixou, em alguns casos pretendem justificar as suas escolhas e princípios, acerca da Igreja o papa Francisco I diz que “esta é uma Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé” (LF 38). Será necessário repensar de que maneira esta mãe dará a conhecer aos seus filhos a Boa Nova deixada por Cristo.

Nesta encíclica o papa fala do Decálogo e da Fé, um importante contributo para a compreensão de Lei e Fé no século XXI, o papa refere-o como um meio para sair deste vazio provocado pelo egocentrismo. Quem busca a satisfação do seu eu perde-se do sentido da vida, uma vez que não se encontra voltado para Deus mas para si. Os ensinamentos deixados por Cristo, os Seus princípios, possibilitam-nos fazer um caminho que leva à felicidade. O caminho urgente para sair do egocentrismo é do eu para o Tu, a saída de mim para Deus, só assim o meu coração ficará disponível para que Cristo viva em mim. Como vemos no Antigo Testamento, o desrespeito da Lei leva-nos ao afastamento de Deus e do Seu amor, só a Sua misericórdia permitirá o homem voltar à aliança entre Deus e ele. Podemos desta forma ver a Lei como um meio, “O Decálogo não é um conjunto de preceitos negativos, mas de indicações concretas para sair do deserto do ‘eu’ autorreferencial, fechado em si mesmo, e entrar em diálogo com Deus, deixando-Se abraçar pela sua misericórdia a fim de a irradiar” (LF 46).

Numa sociedade marcada por bastantes problemas, por muitas dificuldades é necessário que o homem perante o sofrimento não se afaste de Deus, mas encontre Nele o amor que o levará a caminhar perante todos os obstáculos. Como referimos Deus é origem e meta do homem, só a fé no Senhor poderá levar ao encontro de respostas, porque só em Deus poderemos entender donde vimos e para onde caminhamos. Deus, Senhor da história orienta o homem no seu caminho, “A fé ilumina a vida social: possui uma luz criadora para cada momento novo da história, porque coloca todos os acontecimentos em relação com a origem de tudo no Pai que nos ama” (LF 55).

O estar crucificado com Cristo (cf. Gl 2, 19b) não significa apenas uma crucificação de tudo o que impossibilita uma vida em Cristo, mas também é uma participação nos sofrimentos de Cristo. Aceitar o sofrimento é abrir-se a uma luz que vem de Deus, que só pela fé é possível, luz essa que não é resposta ao porquê da dor mas é sentido para saber como

viver a dor. Uma aceitação verdadeira do sofrimento torna-se em testemunho, uma vez que só a fé em Deus leva o homem a levar a sua cruz com alegria, a aceitar ser crucificado com Cristo sem porquês nem condições. Deus caminha connosco e em nós, “Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob a forma de uma presença que o acompanha, de uma história de bem que se une a cada história de sofrimento para nela abrir uma brecha de luz” (LF 57).

Conclusão

Gl 2, 19b-20a pode ser entendido como profissão de fé e como norma de vida, como profissão porque professa-se a fé em Jesus Cristo crucificado, morto e ressuscitado. Como regra de vida pois é o convite a querer morrer em cada dia para os ídolos a fim de viver para Cristo em Cristo. Estes dois versículos são o resultado de um longo caminho feito por Paulo, o encontro com Jesus Cristo em Damasco fê-lo renascer para uma vida nova em Cristo. Muitas das suas cartas tem frases basilares que permitem ao cristão configurar-se cada vez mais com Jesus, esta parte da carta aos Gálatas é com certeza uma das que mais curiosidade despertou nos cristãos ao longo dos tempos, pois ela faz referência a uma vida nova que cada homem é chamado a viver.

São Paulo tinha como preocupação a transição do Judaísmo e do paganismo para o Cristianismo. Nas suas comunidades eram várias as questões que surgiram resultantes deste processo, entre as quais o papel da Lei e da fé na vida dos cristãos. O cristão não pode ter a Lei como fim da sua vida, pois esta é apenas um meio para orientar a nossa vida. O próprio apóstolo refere em Rm 10,4 que o fim da Lei é Cristo, a Lei aponta sempre para o Senhor, qualquer tentativa de usar a Lei para benefício próprio é manipulação do seu verdadeiro sentido. Contudo a Lei sem fé é vazia, conhecendo o Mestre conhecemos todos os seus ensinamentos e compreendemo-los e desse conhecimento e compreensão virão as boas obras, uma vida digna e justa.

A salvação é dom de Deus, nada podemos fazer para que ela seja resultado das nossas capacidades. Este foi um dos erros das primeiras comunidades, colocar a Lei ao seu serviço e fazer com que por ela ganhassem a salvação. Por isso Paulo menciona que não serão as obras mas sim a fé que guiará o homem até à salvação. Também a fé é um dom de Deus que uma vez acolhido pelo homem permite uma relação entre Deus e o homem, a fé da Igreja é aquela que une o corpo e a cabeça de Cristo.

Se no início muitos entendiam a circuncisão como sinal, São Paulo clarifica que o sinal não é na carne mas sim na vida e no coração. O desejo do homem viver uma vida em Deus leva-lo a ser crucificado com Cristo, a cruz é o verdadeiro sinal de amor e entrega por nós. A crucifixão de que Paulo fala é este desejo de morrer para o pecado e de acolher o sofrimento, ainda que não tenha explicação Cristo propõe um caminho para vivê-lo, o amor e a entrega a Deus.

A afirmação de São Paulo de querer deixar de viver para que a sua vida seja uma vida em Cristo é um grande convite para o nosso tempo. Num período marcado pelo egocentrismo, pelo subjectivismo, em suma pelo “eu” é necessário não ter medo de arriscar um sim à vida

em Cristo. Aceitar deixar um caminho do eu para passar ao Tu é sentir a vontade de renascer, de deixar de voltar o olhar para mim a fim de o voltar para Cristo e para os irmãos. A relação com Deus abre-nos as portas à relação com os outros, a vida em Deus é uma vida ao Seu serviço e ao dos outros.

Quando chegamos a essa vida em Cristo abandonamo-nos nas mãos do Senhor, percebemos que nada tem mais sentido que a vida Nele. O testemunho é bastante importante, pois muitos são os que se questionam pelos actos dos cristãos, tanto pelo bom exemplo, por aqueles que vivem segundo a vontade de Deus como por uma vida sem sentido, à margem de Deus. A opção por esta vida leva consigo um elevado grau de exigência, é uma escolha para todos os dias da nossa vida, por isso as nossas obras, as nossas atitudes devem ser de acordo com o que Cristo nos deu a conhecer e continua a revelar à Igreja.

Esta vida encontra-se entre o já e o ainda não, ela aponta-nos a vida que viveremos em plenitude junto de Deus. Este é um caminho no qual seremos um em Cristo, esta unidade dos irmãos em Cristo gozará da felicidade eterna que Deus tem para nós. Cristo é a fonte de quem recebemos a vida nova pelo baptismo e é ainda a meta de quem acolhemos a vida eterna.

Para os cristãos do século XXI surge o apelo a serem sal e luz, a levarem Jesus Cristo a todos os homens com uma luz vinda da fé, uma luz que ilumina o caminho dos homens para Deus. As suas vidas em Cristo devem iluminar os corações marcados pela incerteza, pela ausência de Deus. A Igreja, corpo de Cristo, deve procurar que os seus membros sejam missionários num mundo que tem sede de Deus, num mundo que procura Deus e a vida em Deus, num mundo que procura exclamar “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Siglário

Siglário bíblico

Gn - Génesis

Ex - Êxodo

2Mac – 2º dos Macabeus

Sl - Salmos

Mt – São Mateus

Mc – São Marcos

Lc – São Lucas

Jo – São João

Act – Actos dos Apóstolos

Rm - Romanos

1 Cor – 1ª aos Coríntios

2 Cor – 2ª aos Coríntios

Gl – Gálatas

Ef - Efésios

Fl - Filipenses

Cl - Colossenses

1 Tes – 1ª aos Tessalonicenses

2 Tes – 2ª aos Tessalonicenses

1 Tim – 1ª a Timóteo

2 Tim – 2ª a Timóteo

Heb - Hebreus

Além do siglário bíblico tome-se em conta o seguinte

CFT - Conceptos fundamentales de la Teologia

CIC – Catecismo da Igreja Católica

DENT - Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento

DME – Dicionário do Movimento Ecumênico

DTB - Dicionário de Teologia Bíblica

DTNT - Diccionario Teologico del Nuevo Testamento

FR – Fidei et Ratio

PF – Porta Fidei

LF – Lumen Fidei

Bibliografia

I. Fontes

NESTLE-ALAND, NT27, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, Druck ⁶1999.

Bíblia Sagrada para o terceiro milénio da encarnação, Difusora bíblica, Lisboa/Fátima ⁵2009.

SEPTUAGINTA, (ed. Alfred Rahlfs), Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, Druck 1979.

II. Magistério

CONC. ECUM. VAT. II, Constituição dogmática sobre a Igreja «*Lumen Gentium*» (21 de Novembro de 1964).

JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et Ratio* (14 de Setembro de 1998).

BENTO XVI, Carta apostólica *Porta Fidei* (11 de Outubro de 2011).

FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen Fidei* (29 de Junho de 2013).

III. Instrumentos

AAVV, *Diccionario Teologico Interdisciplinar*, v. III, Sigueme, Salamanca, 1982.

LÉON-DUFOUR, Xavier, *Diccionario del Nuevo Testamento*, Cristiandad, Madrid [1977].

LONGENECKER, Richardn, *Word Biblical Commentary*, v. XLI, Thomas Nelson, Nashville [1990].

NAVARRO, Juan Bosch, *Diccionario de ecumenismo*, Verbo Divino, Estella 1998.

IV. Estudos

AAVV, *Antropologia Teológica, La persona humana*, v. XV, Edicep, [Valencia 2003].

AAVV, *Cartas de Pablo y Cartas Catolicas*, Cristandad, Madrid 1985.

AAVV, *Deus no século XXI e o Futuro do Cristianismo*, Campo das Letras, Porto 2007.

AAVV, *Etica*, Cristiandad, Madrid, 1985.

AAVV, *La transmisión de la fe en la sociedad actual, II Semana de Estudios de Teología Pastoral*, Verbo Divino, Estella 1991.

AAVV, *Pastorale D'Aujourd'hui*, EEP, Bruxelles, 1963.

AAVV, *Pastorale entre hier et demain*, Chalet, [Lyon 1962].

AAVV, *Ser cristiano en el siglo XXI, Reflexiones sobre el cristianismo que viene*, Publicaciones Universidad Pontificia, Salamanca 2001.

AGUSTÍN, *carta 55*. In *Obras Completas de San Agustín VIII, Cartas (1º)*. 3ª edición. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986, p. 359 – 360. BAC 69.

AGUSTÍN, *Sermon 163 B*. In *Obras Completas de San Agustín, XXIII, Sermones (3º)* 117-183, *Evangelio de San Juan, Hechos de los Apóstoles y Cartas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983, p.586 - 587, BAC 443.

AHERN, Barnabas M., *Conoce la Biblia: Nuevo Testamento, Cartas de San Pablo a los Galatas y Romanos*, Sal Terrae, Santander [1966].

ALETTI, Jean-Noël, *Jesu-Cristo ¿factor de unidad del Nuevo Testamento?*, Secretariado Trinitario, Salamanca 2000.

ALVES, Herculano, *Cristocentrismo em S. Paulo*, in *Humanística e Teologia* 14 (1992) 277-315.

ALVES, Manuel Isidro, *Il Cristiano in Cristo, La presenza del Cristiano davanti a Dio secondo S.Paolo*, Theologica, Braga 1980.

ARISTÓTELES, *Retórica*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, [s.l.; 1998].

BARBAGLIO, Giuseppe, *La teologia de San Pablo*, Secretariado Trinitario, Salamanca [2006].

_____, *espiritualidad del nuevo testamento*, Sígueme, Salamanca 1994.

BECKER, Jürgen, Pablo, *El apostol de los paganos*, Sigueme, Salamanca 1996.

BEKER, J. Christiaan, *Paul the Apostle, The Triumph of God in Life and Thought*, T&T Clark, Edinburg [1989].

BENETTI, Santos, *Pablo y su mensaje*, Paulinas, Madrid 1982.

BIGOTTE, J. Quelhas, *Problemas de Pastoral*, [Gráfica de Gouveia], Guarda 1961.

BLAESER, P., «Ley», in Heinrich Fries, CFT v. II, *Esperanza-Mediador, Cristiandad*, Madrid [1966], pp. 491 – 501.

BONNARD, Pierre, *L'Épître de Saint Paul aux Galates*, Delachaux et Niestlé Editeurs, [Switzerland, 1953].

BORNKAMM, Günther, *Pablo de Tarso*, Sigueme, Salamanca⁴1991.

BOSCH, Jordi Sánchez, *Escritos Paulinos*, Verbo Divino, Estella 1998.

BOUYER, Louis, *La Spiritualité Du Nouveau Testament et des Pères*, Aubier, s.l., 1966.

BRINKMAN, Martien E., «Justificação», in AAVV (Eds.), *DME, Vozes*, Petrópolis 2005, pp. 681 – 685.

CAZELLES, Henri e Peter Blaeser, «Lei», in Johannes Bauer, DTB v v.II, *Juízo-Zelo*, Loyola, São Paulo ³1983, pp. 616 – 634.

CIRIGNANO, Giulio e Ferdinando Montuschi, *La personalit  di Paolo, Un approccio psicologico alle Lettere Paoline*, Edizioni Dehoniane Bologna, [Bologna 1996].

COMBLIN, José, *Pablo: Trabajo y Mision*, Sal Terrae, Santander [1991].

COUTO, Ant nio, *Como uma dádiva, Caminhos de Antropologia Bíblica*, Universidade Católica Editora, [Lisboa 2002].

DATTOLI, Michele, *Il Cristo sofferente in Paolo genesi ed evoluzione*, Borla, Roma 1992.

DECOURT, Georges, *Como conduzir uma ac o pastoral*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1998.

EICHHOLZ, Georg, *El evangelio de Pablo*, Sigueme, Salamanca 1977.

ETCHEVERRÍA, Ramón Trevijano, *Estudios Paulinos*, Publicaciones Universidad Pontificia, Salamanca 2002.

FLICK, Maurizio e Zoltan Alszeghy, *Antropolog  Teológica*, Sigueme, Salamanca 2006.

FLORISTAN, Casiano e Juan-Jose Tamayo, *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, Cristiandad, Madrid, [1983].

FLORISTAN, Casiano, *La evangelización, Tarea del Cristiano*, Cristiandad, [Brasil, 1978].

_____, *La Iglesia, Comunidad De Creyentes*, Sigueme, Salamanca 1999.

FLORISTAN, C., *Pastoral de Hoy*, Nova Terra, Dilapsa, Santiago (Chile) [1966].

FUEYO, Francisco Ramírez, *Gálatas y Filipenses*, Verbo Divino, Estella 2006.

FUENTE, Eloy Bueno de la, *Eclesiologia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1998.

GAMARRA, Saturnino, *Teologia Espiritual*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid ²1997.

GNILKA, Joachim, *Pablo de Tarso, Ap stol y testigo*, Herder [Barcelona 1998].

GOURGUES, Michel, «Je le ressusciterai au dernier jour», *La singularit  de l' sperance chr tienne*, CERF, Montr al 2011.

GUERRA, Santiago e P. Aniano Alvarez-Suárez, *Espiritualidad Fundamental*, Madrid [1983].

HITZ, P., *A prega o Missionária do Evangelho*, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro 1962.

HORSLEY, Richard A., *Paulo e o Império, Religião e poder na Sociedade Imperial Romana*, Paulus, [São Paulo 2004].

HÜBNER, Hans, «Τέλος», in Horst Balz e Gerhard Schneider, DENT, *λ-ω*, v. II, Sigueme, Salamanca 1998, cl. 1721-1725.

JEREMIAS, Joachim, *Teologia del Nuevo Testamento, I. A predicación de Jesús*, Sigueme, Salamanca 1974.

_____, *Per comprendere ela Teologia dell'Apostolo Paolo*, Morcelliana, [Brescia 1973].

LAGRANGE, M. J., *Saint Paul, Épitre aux Galates*, Librairie Lecoffre J. Gabalda et C^{ie}, Éditeurs, Paris 1950.

MACDONALD, Margarety, *Las comunidades Paulinas*, Sigueme, Salamanca 2005.

MARTINA, Giacomo, *La Iglesia, De Lutero a nuestros dias. I Época de la Reforma*, Cristiandad, Madrid [1974].

MARTYN, J. Louis, *Galatians, A New Translation With Introduction and Commentary*, The Anchor Yale Bible, London [1997].

MATERA, Frank J., *Galatians*, The Liturgical Press, Sacra Pagina, Minnesota [1992].

MONLOUBOU, Louis, *Saint Paul et la Prière, Prière et Évangélisation*, Cerf, Paris 1982.

MORA, Gaspar, *La vida Cristiana, Teología moral fundamental*, Sal Terrae, Santander 2007.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome, *Jésus et Paul: viés parallèles*, Cerf, Paris 2006.

_____, *Paulo, Biografia Crítica*, Loyola, [São Paulo 2000].

_____, *Paulo, Um homem inquieto, um apóstolo insuperável*, Paulinas, [Prior Velho 2008].

NUNES, José, *Falar de Deus hoje*, in *Estudos Teológicos* 2 (1998) 385-404.

PENNA, Romano, *Essere Cristiani secondo Paolo*, Marietti, [s.l.; 1979].

PESCH, Rudolf, *La primauté dans l'Église, Les fondements bibliques*, Éditions Du Cerf, Paris 2002.

PIKAZA, Xabier, *Trinidad y comunidad Cristiana, El principio social de Cristianismo*, Secretariado Trinitario, Salamanca [1996].

PITTA, Antonio, *Lettera ai Galati*, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 1996.

PONS, Ramón Prat i, *La Misión de la Iglesia en el Mundo, Ser Cristiano, hoy*, Secretariado Trinitario, Salamanca [2004].

RAMOS, Julio A., *Teologia Pastoral*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1995.

REALE, Giovanni e Dario Antiseri, *História da Filosofia, Do Humanismo a Descartes*, v. III, Paulinas, [São Paulo, 2005].

- REGODÓN, Jacinto Núñez, *El Evangelio en Antioquia, Gál 2, 15-21 entre el incidente antioqueno y la crisis gálata*, Publicaciones Universidad Pontificia, Salamanca 2002.
- RIUS-CAMPS, Josep, *El camino de Pablo a la misión de los paganos, comentário lingüístico exegetico a Hch 13-28*, Cristiandad, Madrid [1984].
- ROBINSON, John A. T., *Le corps, Étude sur la Theologie de Saint Paul*, Chalet, [London 1952].
- ROCHA, Georgino, Propor a fé com ousadia, in *Estudos Teológicos* 7 (2003) 235-254.
- SCHIPPERS, R., «Τέλος», in AAVV, DTNT v. III, Sigueme, Salamanca 1983, pp. 74-85.
- SCHLIER, Heinrich, *La carta a los Galatas*, Sigueme, Salamanca 1975.
- SCHLOSSER, Jacques, *Paul de Tarse*, Cerf, Paris 1996.
- SALAS, Antonio, *Pablo de Tarso: el primer teólogo Cristiano*, San Pablo, Madrid 1994.
- SILVA, Vlamor da, *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, Teologia Paulina*, Paulinas, Prior Velho 2008.
- TRESMONTANT, Claude, *Saint Paul et le mystère du Christ, "Maîtres Spirituels"*, Seuil, [Paris 1956].
- VERGÉS, Salvador, *La conversión Cristiana en Pablo*, Secretariado Trinitario, Salamanca [1981].
- VIARD, A., *Saint Paul Épitre aux Galates*, Librairie Lecoffre, J. Gabalda et C^{ie} éditeurs, Paris 1964.
- VIDAL, Sénen, *El proyecto Mesiánico de Pablo*, Sigueme, Salamanca 2005.
- _____, *La resurrección de Jesus en las cartas de Pablo, Análisis de las tradiciones*, Sigueme, Salamanca 1982.
- _____, *Las cartas originales de Pablo*, Trotta, Madrid 1996.
- WILEY, Tatha, *Pablo de Tarso y las primeras cristianas gentiles*, Sigueme, Salamanca 2005.
- WILCKENS, Ulrich, *La carta a los Romanos, Rom 1-5, v. I*, Sigueme, Salamanca 1989.
- ZERWICK, M. e M. Grosvenor, *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament*, Gregorian & Biblical Press, [Roma 2013].
- ZIMMERMANN, Heinrich e Johannes B. Bauer, «Fé», in Johannes B. Bauer, DTB v.I, *Abraão-Jesus Cristo*, Loyola, São Paulo ³1984, pp. 412- 428.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I.....	3
1. Análise exegética de Gl 2, 15- 21	3
1.1 Destinatários da carta.....	3
1.2 Composição e teologia.....	7
2. Identificação e estrutura do texto	11
2.1 Estrutura	11
2.2 Identificação do texto	16
2.3 Análise dos vv. 15-21	17
3. Comentário de Gl 2, 15-21	18
3.1 V.15: Judeus e gentios.....	19
3.2 V. 16: A justificação.....	20
3.3 V. 17: Justificados em Cristo.....	23
3.4 V. 18: Construção em S. Paulo.....	25
3.5 Unidade dos vv. 19-21: introdução.....	27
3.5.1 V. 19a: Morte para a Lei e vida para Deus.....	27
3.5.2 Vv 19b e 20: Crucifixão, morte e ressurreição e vida nova	29
3.5.3 V. 21: A justiça veio por Cristo.....	34
4. Leitura comparativa.....	35
4.1 A carta aos Romanos	36
4.2 A carta aos Filipenses	38
Capítulo II.....	40
1. Jesus e Paulo.....	40

1.1 Da crucifixão à morte (“Com Cristo estou crucificado”, Gl 2, 19b).....	40
1.1.1 Da vida segundo a Lei à nova Lei	40
1.1.2 Da primazia da lei à primazia da fé	45
1.2 A vida em Cristo: Vida Nova (“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”- Gl 2, 20a).....	51
1.2.1 Cristo como fonte e meta do homem	52
1.2.2 Cristo na vida de Paulo: Teologia e missão.....	58
2. Desafios da carta aos Gálatas	64
2.1 Questões ecuménicas: Justificação	65
2.2 Questões pastorais: Lei e Fé no século XXI.....	70
2.2.1 Lumen Fidei: contributos para o século XXI	76
Conclusão	81
Siglário	83
Bibliografia.....	84